Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

ANO 62.º N.º 20 841 Abril 1982 Sexta-feira

30 15$00

Primeiro de Maio em pleno fim-de-semana

Mesma hora e mesmo local para CGTP e UGT no Porto

Trabalhadores que amanhã vão celebrar o Primeiro de Maio têm os olhos postos no que se vai passar no Porto, onde a CGTP e UGT convocaram para a mesma hora e para o mesmo espaço – a Praça Humberto Delgado – as suas concentrações.

Em Lisboa, a CGTP sobe de tarde do Martim Moniz para a Alameda, enquanto a UGT convocou os seus simpatizantes para o Parque Eduardo VII, agora dominado pela improvisada «capela» que espera a missa papal. Por todo o País, o «Dia do Trabalhador» é assinalado por festas e provas desportivas, à semelhança do que tem acontecido nos últimos anos.

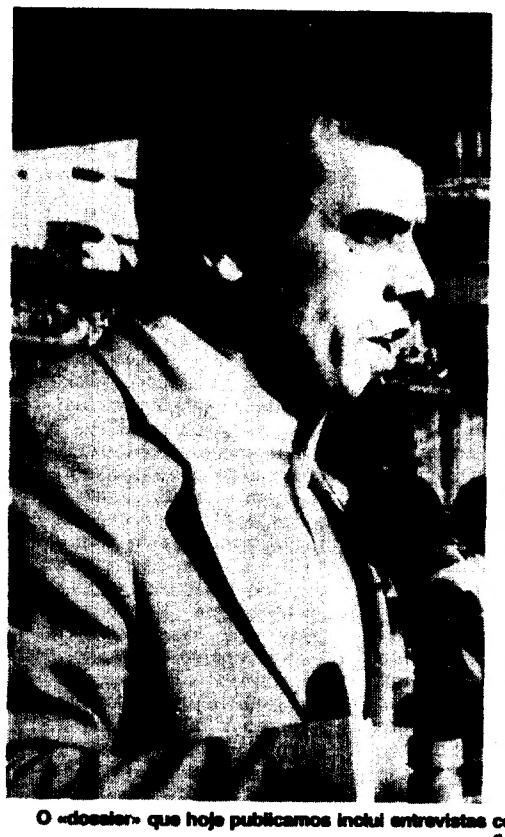
O «DL», que não sairá amanhã, feriado nacional, publica hoje um «Dossier Primeiro de Maio», incluindo entrevistas com Torres Couto (UGT) e Armando Teixeira da Silva (CGTP), além de uma breve nota sobre as tendências existentes no seio da principal organização de trabalhadores portugueses e de um «Quem é Quem» no movimento sindical.

Para Armando Teixeira, da Silva, após as comemorações, em unidade democrática, do 25 de Abril, será agora altura de construir uma alternativa que já existe mas que é necessário concretizar. E isto porque a continuação da AD no Governo torna cada vez mais difícil uma solução para os problemas do País e impede o empenhamento dos trabalhadores na vida colectiva.

Por seu lado, Torres Couto exige a alteração da política, mas sublinha que é ao Presidente da República que compete tirar as ilações do descontentamento popular existente. Ainda a propósito, o dirigente da UGT afirmou que as recentes medidas económicas anunciadas por João Salgueiro foram um autêntico **requiem** nas relações UGT/Governo.

Quem já não ouviu repetidamente afirmações do género «a Inter é correia de transmissão do PCP»? Por isso, o «DL» ouviu Joaquim Calhau, membro do Secretariado da CGTP, católico e militante da Base-FUT, que nos falou do estilo de trabalho e na forma como coexistem, no seio da central sindical, uma multiplicidade de sensibilidades políticas.

Págs 12 a 17



O «dossier» que hoje publicamos inclui entrevistas com Armando Teixeira da Silva (CGTP) e Torres Couto (UGT)

Eanes critica ajuda militar NATO-Portugal

Sobre a adesão da Espanha: vocação atlântica de Portugal não pode ser confundida com a realidade geográfica que é a Península Ibérica

Foi crítica a tónica do discurso proferido esta manhã, em Bruxelas, no Conselho do Atlântico, por Ramalho Eanes. O auxílio militar da NATO a Portugal e a adesão da Espanha à Aliança Atlântica foram focados pelo Presidente português com uma nítida nota de preocupação. Relativamente ao auxílio NATO-Portugal Eanes manifestou mesmo «muita preocupação» pela forma como se tem processado, realçando que «não tem ultrapassado o que corresponde às contrapartidas de acordos bilaterais e que portanto não devem ser consideradas um contributo da NATO». Quanto à adesão espanhola, Eanes disse que a mesma terá de ter em conta «as especificidades estratégicas da Espanha e de Portugal» e que a «vocação atlântica de Portugal (...) não poderia ser confundida com a realidade geográfica que é a península Ibérica».

Pág. 8

À falta de acordo sobre as Malvinas

Ingleses e argentinos "prontos para atacar" desde hoje ao meio-dia

Pág. 11

Cardeal Patriarca em conferência de Imprensa

Homilia do Papa em Lisboa escrita a pensar nos jovens

Irá ser fundamentalmente dedicada aos jovens portugueses a homilia que João Paulo II fará, no Parque Eduardo VII, na tarde do dia 14 de Maio, conforme hoje afirmou, em conferência de Imprensa, o Cardeal-Patriarca, D. António Ribeiro.

Considerado pelo Cardeal como o acto principal da visita do Paha em Lisboa, por ser aí o verdadeiro encontro de toda a diocese com João Paulo II, a celebração eucarística no Parque será precedida por um festival da juventude, cujo início está previsto para as 14 horas.

Três outros momentos da estadia do Papa em Lisboa foram assinalados por D. António Ribeiro como merecendo um relevo particular. São eles a visita à Sé Patriarcal e à Igreja de Santo António, que terá lugar imediatamente a seguir à chegada de João Paulo II ao Aeroporto de Lisboa ou seja, no dia 12 de Maio, às 14 horas. O terceiro momento referido foi o da visita à Universidade Católica, no dia 14 de Maio, às 11h50.

A cobertura noticiosa da visita de João Paulo II a Portugal tem despertado um menor interesse por parte da Imprensa estrangeira do que outras visitas do Papa. Assim, a 13 dias da chegada deste a Lisboa, encontram-se cedenciados 125 jornalistas de vários países do mundo, sendo a maior parte proveniente dos Estados Unidos e da França, com 24 profissionais cada. As credenciais já atribuídas abrangem nove estações de rádio, 14 cadeias de Televisão, três agências e 47 jornais e revistas.

Concurso «DL»/82

HOJE (na pág. 2) 11.º CUPÃO e as páginas 21 e 22 do Álbum Sempre Fixe

CAPA A CORES SERÁ PUBLICADA EM SUPLEMENTO AO «DL» NA QUARTA-FEIRA, 5 DE MAIO

Tínhamos anunciado que a capa a cores do Álbum Sempre Fixe (este ano dedicado ao grande artista Stuart de Carvalhais) seria publicada hoje, 30 de Abril, mas só no dia 5 de Maio (quarta-feira da próxima semana) o poderemos fazer. Razões técnicas que nos ultrapassam e que, estamos certos, os nossos leitores compreenderão. Não fique com o seu Álbum incompleto: esteja atento à próxima quarta-feira!

comunicação social

Agressões a jornalistas na greve geral

Queixa do SJ apresentada na Boa Hora

Uma queixa contra os responsáveis da Polícia de Intervenção que, no passado dia 12 de Fevereiro (greve geral nacional) impediu jornalistas de exercerem, livre e legalmente, a sua profissão, acaba de ser entregue, pela direcção do Sindicato dos Jornalistas, no Tribunal da Boa Hora. É a primeira vez que o SJ recorre aos tribunais para exigir a punição, nos termos das leis em vigor, dos responsáveis por atentados contra o livre exercício da profissão.

A queixa do SJ (pessoa colectiva dotada de personalidade jurídica) é dirigida ao Procurador da República junto dos Juízos Correccionais de Lisboa – e lembra, logo no início, que a Lei de Imprensa (Decreto-Lei n.º 85-C/75, de 26 de Fevereiro; consagra de forma inequívoca o direito «a informar e o direito a ser informado» (n.º 2 do Art. 1.º).

Especifica, seguidamente, que os limites à liberdade de Imprensa, ou seja, da liberdade de expressão do pensamento pela Imprensa, são apenas os mencionados no n.º 2 do Artigo 4.º deste diploma – e refere que o Artigo 5.º determina, por sua vez, que «à Imprensa periódica será facultado o acesso às fontes de informação pela administração pública . . .»

Por sua vez, os referidos direitos e consequentes deveres têm igualmente consagração evidente na Constituição da República, designadamente nos Artigos 37.º e 40.º do diploma fundamental, deles resultando directamente ou como lógico corolário.

Sublinha ainda a queixa apresentada que o Artigo 35.º da Lei de Imprensa consigna, por outro lado, que «quem violar qualquer dos direitos, liberdades ou garantias da Imprensa consagrados na presente lei na pena de multa até 500 000$00», e, ainda, que «no caso de o violador ser agente do Estado ou de qualquer pessoa colectiva de direito público será também punido por crime de abuso de autoridade, sendo o Estado ou a pessoa colectiva solidariamente responsáveis com ele pelo pagamento da multa referida no n.º 1» (n.ºs 1 e 3 do Artigo 35.º da Lei de Imprensa).

Desprestígio das instituições democráticas

A queixa apresentada na Boa Hora apoia-se em diversa legislação, interpretações legais, estatutos e outros diplomas.

Assim, por exemplo, é mencionado o livro de Miguel Reis «Legislação da Comunicação Social», interpretativo da Lei de Imprensa, o Estatuto do Jornalista, o Código Deontológico, a Carteira Profissional, etc.

Por fim, menciona-se o Sindicato dos Jornalistas, organização sindical que «se destina a abranger a generalidade dos jornalistas portugueses e mesmo estrangeiros desde que trabalhem em empresas portuguesas».

Trata-se o SJ, por conseguinte, de um organismo de âmbito nacional e dotado de personalidade jurídica e capacidade judiciária.

Acontece, no entanto, que todos estes princípios e normas jurídicas «são não só mal conhecidas do público, e nomeadamente, ou sobretudo, dos próprios agentes da Administração Pública, e, em particular, de forças policiais, como são mesmo violados frontalmente sem punição.

«Situação (lê-se na queixa) que acarreta o risco de total desprestígio da legislação e das instituições democráticas, não podendo, por isso, manter-se».

Os factos um a um

São depois descritos os factos que deram origem à queixa (e que, mais uma vez, merecem divulgação):

No dia 12 de Fevereiro de 1982, pelas 15,30 horas, a Polícia de Segurança Pública dispersou com uma carga algo violenta, alguns dos grupos de pessoas, aliás em número pouco elevado que se encontravam na Praça D. Pedro IV, mais conhecida por Praça do Rossio, na sequência da greve geral decretada por sindicatos de muitos ramos de actividade para esse dia.

Pelas 16 horas, chegaram àquela praça três viaturas «Renault» transportando elementos da Polícia de Intervenção, chefiados por comandante cuja identificação se solicita ao senhor tenente-coronel Almeida Coimbra, comandante desse corpo policial, pelos motivos que decorrem do que seguidamente se descreve

Alguns jornalistas, todos detentores dos respectivos títulos profissionais identificadores, encontravam-se junto à estátua de D. Pedro IV; alguns outros encontrar-se-iam, igualmente identificados, noutros locais dessa praça. Mas quanto aos que se encontravam concentrados junto àquela estátua nem sequer haveria qualquer dúvida de que eram jornalistas, até pelo material que alguns deles transportavam, além dos respectivos títulos ou outros sinais identificadores, qualquer pessoa vulgar disso se podendo aperceber.

Ora, elementos do corpo da Polícia de Intervenção, que tinha entrado em acção mal desembarcara, sem qualquer aviso, dirigem-se para o local junto à estátua, onde se encontravam justamente os jornalistas (e mais aí tinham ocorrido) e carregam violentamente sobre estes, apesar de entre os jornalistas (e mais aí tinham acorrido) e carregam violentamente sobre estes, apesar de entre os jornalistas alguns (pelo menos Carneiro Jacinto de «O Jornal») terem gritado que eram jornalistas e exibido até a carteira profissional.

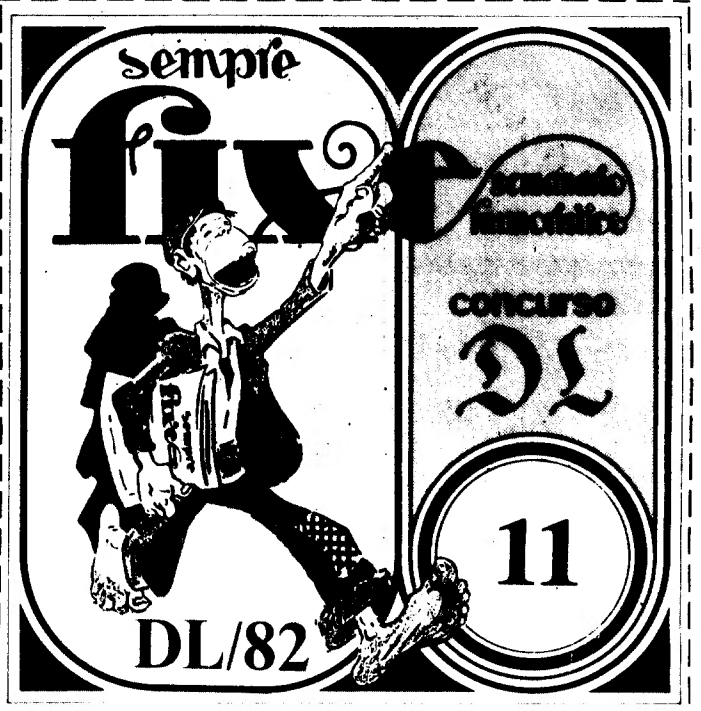
Foram assim agredidos com violência e impedidos de exercerem as suas funções, em flagrante violação das citadas normas legais, além de outras do Código Penal, pelo menos, António José da Graça Carneiro Jacinto e Joaquim Carlos Carrillo Bizarro, ambos de «O Jornal» e inscritos no sindicato requerente.

Além disso, o mesmo se verificou com os jornalistas estrangeiros e não sócios do requerente Fernando Lima, chefe de Redacção da Agência de Informação de Moçambique e François Dauteil, de nacionalidade canadiana (tendo até o Governo português apresentado desculpas por esse facto na embaixada desse país).

E ainda igualmente atingidos, quer pessoalmente quer nos obstáculos criados ao exercício da sua função informativa, os técnicos de duas equipas da RTP/1 e /2, José Inácio Gomes (operador de som da equipa da RTP/2, agredido de tal forma que teve de ser transportado em ambulância para o Hospital de S. José), Manuel Augusto Barros Rodrigues Marques, operador de imagem, e Miguel Cruz Marcelino Marques, assistente de imagem, ambos também da equipa da RTP/2 e ambos feridos, aliás no exacto momento em que procediam à filmagem e, ainda, quanto à equipa da RTP/1, Artur Pacífico, operador de imagem, e António Gaspar, operador de som, inquiridos e de seguida agredidos por elementos do Corpo de Intervenção, já quando tinham concluído o seu trabalho e se encontravam junto à aludida estátua de D. Pedro IV (ou seja, sabendo expressamente os agressores que se tratava de elementos responsáveis da Comunicação Social).

Acresce que, referindo-se ao elemento da RTP, segundo parece, José Inácio Gomes, um dos agentes do Corpo de Intervenção disse: «consegui apanhar o jornalista da RTP e bati-lhe tanto que até parecia um cristo».

Por sua vez, na sequência directa da agressão ao repórter fotográfico Joaquim Bizarro, a máquina fotográfica deste veio a desaparecer, sendo-lhe, depois, entregue na esquada da PSP junto ao Teatro Nacional, já sem rolo e danificada.



Concurso

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

MURPI

MOVIMENTO UNITÁRIO DOS REFORMADOS PENSIONISTAS E IDOSOS

1.º MAIO
REFORMADOS

TODOS À MANIFESTAÇÃO

CONCENTRAÇÃO — PRAÇA DO CHILE — 15 HORAS

CONTRA
Política de miséria
Taxas sobre a doença
Mentira, Obscurantismo e manipulação

EM DEFESA
do 25 de Abril
da Liberdade
da Democracia
dos Direitos e Interesses dos Reformados
do Pão, da Saúde, vida digna

Só o Portugal de Abril respeitará o Outono da Vida

Campanha balnear deste ano

Ensinar a juventude a não morrer nas praias

principal tarefa do ISN

Na campanha balnear deste ano, a iniciar-se oficialmente no próximo dia 1 de Junho, o Instituto de Socorros a Náufragos (ISN) irá procurar sensibilizar especialmente a juventude, pois em 1981 dos 113 banhistas mortos nas praias portuguesas, 55 por cento tinham menos de 21 anos. A revelação foi feita ontem à tarde pelo director do ISN, almirante António Calhorda, que se encontrava acompanhado pelos capitães dos portos de Lisboa, Portimão e Lagos.

Mantendo o «slogan» – Há mar e mar... Há ir e voltar, o ISN, pela voz do almirante Calhordas, sintetizou assim as principais normas a ter em conta pelos banhistas: «Se não sabe nadar entre na água apenas até à cintura; se nada pouco ou tem cãibras não se afaste da praia; se estiver cansado procure boiar e não hesite em pedir socorro; se sentir frio saia da água o mais depressa possível; não tome banho sem ter feito a digestão; não entre na água após demorada exposição ao sol; não dê saltos em locais que desconhece; não tome banho em praias sem assistência a banhistas; cumpra os sinais das bandeiras; nade ao longo das praias; evite locais pouco frequentados; e procure zonas sem rebentação ou remoinhos».

Segundo o director do ISN, «embora a época balnear se inicie oficialmente em 1 de Junho, prolongando-se até 30 de Setembro, nem todas as praias concessionadas terão serviços de assistência aos banhistas durante todo o período, podendo mesmo dizer-se que a maioria delas só os terá de meados de Junho a meados de Setembro.

Por outro lado, nalgumas praias do Norte do País as concessões só funcionam em Julho e Agosto porque são muito pouco frequentadas nos outros meses, ao passo que em algumas praias do Sul, embora poucas, as concessões já funcionam em Maio. Todavia, quando as condições de tempo são favoráveis, as nossas praias começam a ser frequentadas mais cedo, sobretudo aos fins-de-semana, registando-se bastantes acidentes em Abril e Maio, alguns mortais(o ano passado quatro e este ano já vamos em três).

AUTO-FÉRIAS

ESPANHA 82

PALMA DE MAIORCA

Junho, Julho Agosto e Setembro
Residencial San Pedro - 1 ou 2 semanas
Pensão completa desde 8.940$00

MÁLAGA

1 a 15 de Julho
Residencial San Pablo - 1 semana
Pensão completa desde 5.670$00

GITUS

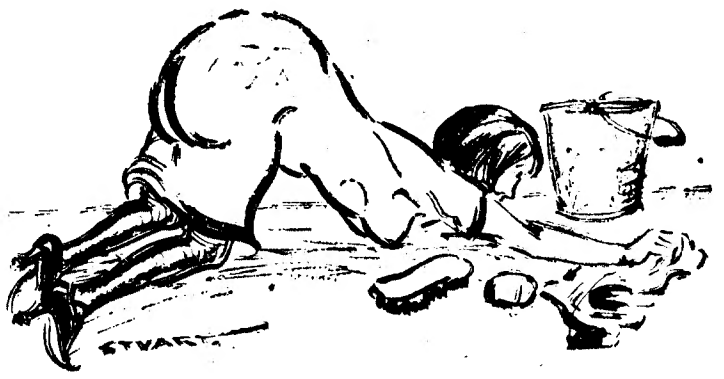
Concurso DL

2.º Álbum SEMPRE FIXE

—Mau, lá vou ser obrigado a dormir na cama da criada.

MEDITAÇÃO

—Não percebo porque é que a mamã cortou o cabelo "á Garçonne„ e a mim não m'o deixa cortar.



Salvemos as raparigas!
—E' que não sabem o que custa esfregar uma casa . . .

Mulheres e gatos
— a mulher e o gato
são presenças constantes
na obra
de STUART

21

RECORTE POR AQUI

GRUNDIG GRUNDIG GRUNDIG

RÁDIOS — TELEVISORES — ALTA FIDELIDADE — GRAVADORES — DITAFONES

DISTRIBUIDORES NO SUL — NACIONAL RÁDIO — CRUZ QUEBRADA

2.º Álbum SEMPRE FIXE

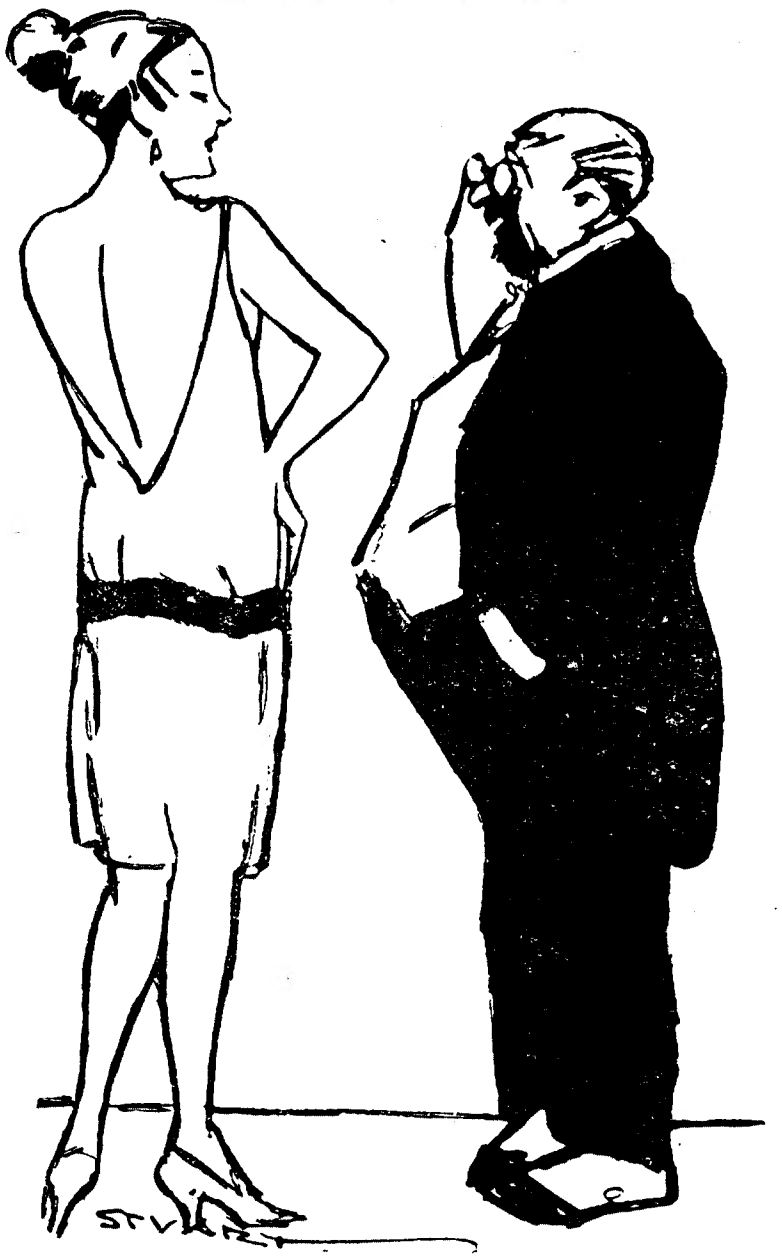
Concurso DL

Exigencias

—Nesta epoca de aeroplanos, submarinos e dirigiveis, queriam estes senhores que usassemos saias de balão... cativo!

No palco das celebridades

— As minhas pernas ainda os não conseguiram convencer do meu talento!



ELE: — Ainda de carrapito? Então Vossencia é "botas de elastico?

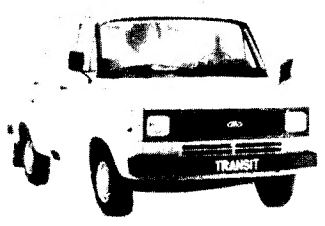
ELA: — E o senhor naturalmente é dos que ainda usa ceroulas com fitas...

Antologia moderna

E' esta a posição mais bem escolhida...
A mais encantadora e natural
Viver na posição horisontal
De costas para a vida

Evoluções da Moda

22



FORD TRANSIT

O veículo comercial que mais circula em Portugal

Ford

símbolo de robustez

RECORTE POR AQUI

política de A a Z

Sem liderança e sem estratégia

A incapacidade da «Aliança Democrática» para atingir os objectivos da estratégia delineada por Francisco Sá Carneiro é um tópico fundamental para a compreensão da presente situação política. Com o desaparecimento do fundador – sendo Freitas do Amaral, no jogo de forças interno da «AD», o parceiro complementar – o sucessor, e outros dirigentes do PSD, em sua orfandade compungidos, não foram capazes de reflectir sobre o significado e a extensão da vitória eleitoral de Ramalho Eanes, e por suficiência, e por imprevisão, não souberam deduzir que, nas circunstâncias criadas, o Partido Socialista não seria – não poderia ser sem prejudicar-se política e eleitoralmente – um aliado fácil e incondicional.

Não tendo conseguido eleger **o seu** *Presidente da Repúnlica, não tendo conseguido preparar as condições do* **golpe referendário** *contra a Constituição, vendo* **a sua** *«maioria» a esboroar-se – reduzida à coesão de uma disciplina e de muito oportunismo – a «Aliança Democrática» esgota-se nas tentativas de atrelar o Partido Socialista aos seus propósitos de revisão constitucional e à sua política de dependência em relação à Europa das Comunidades e ao Bloco Militar do Tratado do Atlântico Norte.*

Se o Partido Socialista, de oposição convencional e dócil, passa a posições de oposição democrática e social, se o Partido Socialista recusa a neutralização e o esvaziamento da Constituição da República, a «Aliança Democrática» entra em pânico, desespera, desorienta-se. Sem Francisco Sá Carneiro a definir uma vontade política e sem Adelino Amaro da Costa a negociar aproximações e compromissos, a «Aliança Democrática» ressente-se, irremediavelmente, da fraqueza das substituições, e de dia para dia é mais notório que nem Diogo Freitas do Amaral é politicamente Francisco Sá Carneiro, nem surgiu o negociador da envergadura e persistência de Adelino Amaro da Costa. A **intriga** *política não substitui* **a imaginação política.** *A* **ambição do poder** *não se impõe por si, são necessárias condições de decisão e a capacidade de transmitir aos outros o sentimento de estarem integrados num movimento participado, de serem parte de uma vontade colectiva. Essa qualidade de Francisco Sá Carneiro ainda não demonstrou possuí-la o clerical, frio e distante Freitas do Amaral. O presidente do CDS será o mestre, não é o condutor popular.*

Não tendo produzido uma liderança convincente, a «Aliança Democrática» não foi, igualmente, capaz de produzir **uma nova estratégia.** *Isto é: a «Aliança Democrática» – independentemente de erros governativos – não foi capaz de recuperar politicamente a dinâmica da vitória das «eleições legislativas» após a derrota das «eleições presidenciais».*

Sendo evidente que o Presidente Ramalho Eanes não iria ser o complacente instrumento de realização da «estratégia AD»; sendo evidente, também, que a vitória de Ramalho Eanes nas eleições de Dezembro de 1980, tinha confirmado que a «maioria parlamentar» não correspondia à vontade política da «maioria nacional»; sendo evidente que a «guerrilha institucional» acabaria por resultar em desfavor do «Governo AD» – os dirigentes do PSD e do CDS, arrastando de algum modo os monárquicos «ecologistas», fixaram-se em posições de combate que acentuaram o conservadorismo da sua orientação política e revelaram a verdadeira face de um intencional e precipitado «restauracionismo».

A «revisão constitucional», uma vez não alcançada a conquista da Presidência da República e detida a guilhotina parlamentar pela regra constitucional dos dois terços, converteu-se no desespero dos dirigentes AD. Agora percebe-se que os ataques eivados de argumentação demagógica tiveram efeito nas próprias instâncias da coligação governamental, e que os dirigentes da AD, contra a experiência e a evidência, insistem em modificações inaceitáveis do texto constitucional.

Se, coerentemente, o Partido Socialista não aceitar que se transforme a «revisão constitucional» na redacção, contra o espírito de Abril e contrariando as conquistas de Abril, de «uma nova Constituição», a «Aliança Democrática» deixará de ter politicamente razão de ser, ficará reduzida a uma combinação, entre amigos e parceiros de jogo, para usufruir e explorar a situação de ser Governo. E terá possivelmente, a sua existência limitada às hesitações constitucionalistas e aos receios políticos do Presidente da República, cuja confiança, contraditoriamente, consente que se prolongue uma situação de mau governo, de guerrilha institucional e de «maioria parlamentar» não representativa da «maioria nacional».

Atenuados, ou esclarecidos, os atritos entre o Presidente da República e a direcção do Partido Socialista, os partidos da «Aliança Democrática» ficaram à mercê da vontade política ofensiva de Mário Soares e da «confiança» do Presidente da República. Um dirigente do PSD, o Professor Cavaco Silva, antigo ministro de Sá Carneiro, compreendeu-o perfeitamente e não se cansa de proclamar as suas temerosas conclusões: o entendimento entre o Presidente da República e o Partido Socialista, ou, mais precisamente, entre o general Ramalho Eanes e o dr. Mário Soares, significa – ou poderá significar – a «destruição do PSD como maior partido português».

Porque – e esta é, talvez, a novidade da fatídica profecia de Cavaco Silva – um tal entendimento, mesmo a concretizar-se num «bloco central» (anticomunista e antioperário), viria a repercutir-se desfavoravelmente na organização partidária do PSD e no seu corpo eleitoral. Além de uma deslocação para o CDS de elementos opostos a qualquer hipótese de reformismo social, garantiria a hegemonização de uma política social-democrata pela componente (centrista) do Partido Socialista. Não estando, também, esclarecido em que prato da balança (o do PS ou o do PSD) pesaria a influência do general Ramalho Eanes e de outros militares favoráveis aos largos e repousantes consensos.

A «revisão constitucional» e as «eleições presidenciais» (as de 1985) são, queiramo-lo ou não, os limites estratégicos (e físicos) da «Aliança Democrática» como coligação política. O limite da «Aliança Democrática» como coligação governamental é mais precário: reduz-se à decisão do Presidente da República.

Nem são necessários – nesta véspera do 1.º de Maio – «novos factos políticos».

ponto a ponto

● O ministro da Administração Interna, **Ângelo Correia,** recebeu ontem em audiência o embaixador da República Popular de Angola, **Adriano Sebastião.** Uma nota do gabinete do ministro refere que houve «uma longa e satisfatória troca de impressões sobre assuntos de interesse para ambos os países».

● A reunião do Conselho da Europa de ontem, em que **Helena Roseta** apresentaria uma proposta de resolução sobre a instalação de centrais nucleares em regiões fronteiriças, foi adiada. A fonte – próxima do PSD – acrescentou que o adiamento da reunião de Estrasburgo esteve relacionado com o conflito nas Malvinas.

● **Jorge Campinos** confirmou hoje à ANOP que vai abandonar a comissão permanente do PS por falta de tempo, mas desmentiu quaisquer divergências políticas com a direcção do partido.

Jorge Campinos, que vai ser substituído por António Campos, é um dos sete membros da Comissão Permanente, da Comissão Política do PS, todos apoiantes do secretário-geral, Mário Soares.

Tinha sido eleito, juntamente com Almeida Santos, Cal Brandão, Eduardo Pereira, Jaime Gama, Rui Mateus e Walter Rosa, a 17 de Maio do ano passado por 63,15 por cento dos votos da Comissão Política.

● A questão do reapetrechamento da Marinha de Guerra Portuguesa foi um dos assuntos tratados entre o almirante Sousa Leitão e o seu homólogo da RFA, **vice-almirante Ansgar Bethege.**
O chefe do Estado-Maior da Armada da Alemanha Federal regressou ontem ao seu país após uma visita de três dias a Portugal a convite de Sousa Leitão.

A greve de 1931 e a Revolução da Madeira (2)

José Magalhães Godinho

Retomo o fio. Depois da minha chegada, o dr. Fernando de Castro, no uso da palavra, pediu-me, em nome do comité revolucionário ali reunido, a minha colaboração no sentido de, o mais depressa possível, se desencadear uma greve, ou se tal não fosse viável, uma agitação académica, que distraísse as atenções do governo e criasse na opinião pública um maior movimento de oposição à situação, pois isso daria um ambiente favorável ao movimento revolucionário que, em fase de adiantada preparação, eclodiria dentro do prazo máximo de oito dias. Acrescentou que vários colegas meus da Faculdade de Direito já haviam sido contactados para o mesmo fim e que o movimento a eclodir, pelo menos em Lisboa mas talvez em outros pontos do país, se destinava a secundar o movimento da Madeira e obrigar o governo a ter de bater-se em duas frentes, não podendo mandar mais tropas para atacar a Madeira, pois isso tornaria inevitável a sua derrota no continente, nem fazer regressar as que já haviam seguido para esse ataque, pois isso seria a consagração do triunfo revolucionário na Madeira.

Prometi que do meu lado faria tudo o que pudesse e, com esta declaração me despedi, continuando o comité em reunião. Recordo-me de ter dado conta do que se passara aos meus colegas Gomes de Oliveira, José Cavaco, Florindo Madeira, Artur Santos Silva e José Coutinho, e não me lembro de a mais ninguém ter falado no caso. O que é certo é que, dois ou três dias depois, no máximo, e sem ter tido mais contactos, e sem que lembre como e porquê a coisa se desencadeou, de um momento para o outro, parecendo um movimento espontâneo, vários grupos de estudantes, no velho casarão da Faculdade de Direito, no Campo de SantÁna, invadiram as aulas, aos vivas à greve, à República e à Liberdade, e aos morras à ditadura e à reacção, intimaram aqueles que a elas assistiram a abandoná-las de imediato, desenvolvendo-se logo um arraial de pancadaria com os que não queriam sair das aulas, atiraram-se carteiras pelas janelas, partiram-se vidros, berrou-se, houve correrias várias e, como não podia deixar de ser, veio a Polícia de Segurança Pública, veio a Polícia de Informações e, mais tarde, chegou a vir tropa – suponho que de Caçadores 7 (Castelo de São Jorge) – com grande aparato bélico, com metralhadoras, capacetes e baionetas. Mais ou menos cercados, corremos para a Faculdade de Medicina, tal como descreveu Vasco da Gama Fernandes no seu artigo neste jornal de 31 de Março, a procurar seja refúgio, seja a fuga. Mas, tanto a Polícia de Informações como a de Segurança Pública, invadiram esta faculdade e uns vinte estudantes acabaram por ser presos.

Outros, mais felizes conseguiram escapar refugiando-se nas aulas se bem me lembro dos prof. Egas Moniz e Henrique Vilhena e do então assistente Dias Amado, vestindo batas brancas cedidas por aqueles docentes. Outros ainda – é o que se passou, por exemplo, com o Gomes de Oliveira, o Florindo Madeira, o Santos Silva e comigo –, tiveram a sorte de, passando pela Morgue para o Hospital de São José, alcançarem a rua, e fugirem para longe. Os que foram presos, tal como relata o Vasco da Gama, foram levados para a Penitenciária e, dias depois, uns eram soltos e a outros era fixada residência em diversos pontos do país. O Roberto das Neves, que recordo com comovida saudade, e que durante os tiros disparados pela tropa no Campo de Sant'Ana, apesar de ferido conseguiu fugir com o auxílio de uma corajosa enfermeira, exilando-se mais tarde no Brasil onde viveu, sempre fiel ao seu ideal, até há pouco.

Eu fui para casa de um grande amigo de meu pai, de cujos filhos também eu era muito amigo, António Serrano, que morava num terceiro andar da Rua da Escola do Exército que dava, nas trazeiras, para a parada do quartel da G.N.R. do Cabeço de Bola pelo que durante uns dias, o meu passatempo, para descansar da leitura, era ver, cá de cima e por trás dos vidros da janela, as evoluções na parada do quartel. Ao fim de uns quinze dias meu pai mandou-me recado de que não se conhecia que houvesse sido preso mais qualquer estudante e que eu não tinha sido procurado pela polícia. Assim, parecia avisado voltar para casa e fazer a vida normal. Foi o que logo fiz.

Mas, o tal movimento revolucionário, que sairia, com certeza o mais tarde oito dias depois de eu ter estado na reunião da Rua do Alecrim, é que não chegou a sair. Nunca cheguei a perceber porquê, uma vez que se dizia que a sua preparação estava muito adiantada. E, entretanto, uns, porque estiveram presos e com residência fixada, outros porque, se «acachaparam» para não o serem, perderam o ano por faltas, o Mário Lima Alves, Teófilo Carvalho dos Santos, Paulo Gomes de Oliveira, Vasco da Gama Fernandes, Asdrúbal de Aguiar, António Maldonado de Freitas, Florindo Madeira, Artur Santos Silva e eu, e creio não esquecer nenhum. E, infelizmente, a Madeira, como já antes os Açores, foram vencidos, como foi a Guiné, e, uma vez mais surgiram demissões nos militares, enfraquecendo as possibilidades revolucionárias, como veio a demonstrar-se com a revolução de 26 de Agosto seguinte, também vencida pela ditadura.

Também não sei porquê, o capitão Faro Viana, que ainda havia pouco tempo era uma esperança da revolução, e nela estava envolvido e investido em posição de destaque, nela não tomou parte. E, posteriormente, sem que também se saiba porquê, foi-se progressiva e rapidamente afastando dos trabalhos revolucionários, e cortou todas as suas ligações com a Maçonaria, deixando de aparecer na sua loja. Mais tarde, quando Salazar assumiu no governo a pasta da Guerra, tendo Santos Costa como subsecretário, o capitão Faro Viana fez parte do número de colaboradores desse ministério, como chefe de gabinete. Fenómeno idêntico se deu com o capitão Correia Guedes, também maçon e revolucionário tão ardente que chegava a defender a legitimidade do atentado pessoal para derrubar a ditadura, que igualmente não entrou no 26 de Agosto, e se foi tão progressivamente afastando a ponto de vir, mais tarde, a surgir como chefe do Estado-Maior da Legião Portuguesa. Um e outro chegaram ao posto de general.

A derrota do 26 de Agosto deve ter resultado da divergências de última hora, pois lembro-me do Luís Morais, aluno expulso da Escola do Exército devido à sua participação na revolução do Castelo de São Jorge, em Julho de 1928 (abro este parêntesis para lembrar, indignado, que a sua viúva continua à espera de que o Governo, em sua generosidade retardada e de conta-gotas, lhe atribua a pensão devida aos combatentes da liberdade e já pedida há muito) me ter contado que no próprio dia da revolução, numa última reunião de oficiais comprometidos, que teve lugar numa casa da Rua D. Estefânia, alguns foram contrários à saída naquele dia, declarando que não sairiam, mas que a maioria tinha resolvido, mesmo sem eles, arrancar. Aconteceu, porém, que com a falta desse grupo terá faltado também o comando e que o tenente-coronel Utra Machado, a quem se quis, perante aquela falta, entregar o comando, não o quis assumir, pois apenas se tinha comprometido a entrar em Metralhadoras 1, revoltar o regimento e dele assumir o comando, o que cumpriu na íntegra, batendo-se valentemente até ao fim.

Sempre pensei, e cheguei a expôr esse meu ponto de vista ao capitão Faro Viana, que o considerou impraticável e totalmente fora dos planos estabelecidos, que a revolução, em vez de arrancar à hora do café da manhã nos quartéis, deveria eclodir à uma hora e começar por um golpe de surpresa que consistiria em ao mesmo tempo que se cortassem as comunicações, grupos armados entrarem por vários lados no Parque Mayer e prenderem, levando-os para lugar seguro, todos os oficiais que todas as noites àquela hora, ali se encontravam nos teatros de revista ou nos cafés, à espera do final das segundas sessões para irem cear com as coristas, discípulas e actrizes a que arrastavam a asa. Eram os oficiais da P.S.P., da G.N.R., da Polícia de Informações e de Caçadores 5, quase todos eles, os que eram os chamados operacionais, aqueles que eram os fanáticos, os capazes de se bater em defesa da ditadura. Ora, uma vez afastados esses neutralizados pela sua prisão em lugar seguro, o movimento logo adquiria uma força, não só operacional, mas de encorajamento nas hostes revoltadas e de desânimo nas governamentais, que talvez conduzissem só por si e desde logo a um espectacular triunfo, sem mesmo se disparar um tiro. Mas isto era considerado pelos militares revolucionários como fantasia de paisano que não percebia nada dessas coisas.

Mas, na verdade é que foram esses oficiais – e que nessa madrugada estiveram, como sempre, no Parque Mayer –, que derrotaram o 26 de Agosto!

PS e AD negociaram a revisão constitucional

Respeitando a tese de Almeida Santos, inevitavelmente presente na reunião, de que «o segredo é a alma do negócio», os principais dirigentes da AD e do PS saíram ontem da residência oficial do Primeiro-Ministro visivelmente satisfeitos mas pouco faladores. O «negócio», neste caso, era a revisão constitucional e as longas cinco horas do encontro não pareceram fatigantes para a dezena de intervenientes. Pior estiveram os jornalistas com direito a um simples café e a tempo de desabafos sobre as tristezas de uma carreira profissional a muitas milhas ainda da «Europa connosco»...

Balsemão: *"avanços conseguidos"*
Soares: *"extremamente frutuosa..."*
Amaral: *"progressos muito significativos"*

Na verdade, Balsemão, Soares e Freitas do Amaral saíram da reunião contentes. O Primeiro-Ministro, responsável pela iniciativa, falou de «avanços conseguidos» e de «perspectivas válidas e importantes para desbloquear o impasse surgido na revisão constitucional» que espera ver concluída «antes das férias do Verão».

O secretário-geral do PS, que procurou antecipar-se a Balsemão na proposta de realização do encontro, foi igualmente comedido mas incapaz de ocultar a satisfação pelo trabalho feito. Olhando de soslaio para um Almeida Santos discreto, mas aprovador, Mário Soares disse que a reunião foi «extremamente frutuosa» e que foram dados «passos para desbloquear certos pontos mais difíceis» da revisão.

Tal como os líderes da AD, Soares previu para meados de Maio a subida do texto da comissão de revisão constitucional ao plenário da AR.

O debate recente na Televisão – que Cunhal interpretou, na altura tentativa de como negócio, às claras da AD com Soares perante milhões de telespectadores – foi considerado ontem pelo dirigente do PS como muito importante neste processo. Acrescentou ser necessário agora «mostrar as pistas possíveis para os consensos necessários» ao seu partido, ao grupo parlamentar e parceiros da FRS e – rematou – «naturalmente informar o PCP...»

Adiantou também Soares que o PR será informado dos resultados da reunião, embora não seja parte na revisão «e não tendo nela que intervir».

F. Amaral satisfeito

A presença do presidente do CDS e ministro da Defesa, prof. Freitas do Amaral, chegou a estar em dúvida. Foi «repescado» todavia por Balsemão (a recuperar pontos perdidos no desaire televisivo) que exigiu conduzir as negociações, não apenas em nome do PSD mas sim da AD, pelo que considerou a presença de Amaral como indispensável.

Para o levar a estar presente (recorde-se que o CDS chegou a ameaçar, em reuniões anteriores, abandonar o processo da negociação).

Balsemão terá ainda argumentado que o PS mostrava maior flexibilidade em alguns pontos, designadamente na articulação entre a questão da dupla responsabilidade do Governo perante o PR e poderes do PR para dissolver a AR e na composição do Tribunal Constitucional.

E Freitas do Amaral esteve em S. Bento, foi dos que mais falou na reunião e pareceu, no final, o mais satisfeito de todos ao falar para os jornalistas. Fizeram-se «progressos muito importantes e significativos» – comentou o líder do CDS frisando a existência de «possibilidades de abertura e de consenso» e de conclusões «cem por cento satisfatórias» para cada uma das partes porque –acrescentou – «numa negociação, em que cada um está interessado em salvar o essencial e não obter um resultado satisfatório completo, há sempre cedências mútuas».

Manifestou esperança também no início da discussão parlamentar a partir da segunda quinzena de Maio e na conclusão de todo o processo «antes das férias».

V. Moreira comenta

Comentando para o «DL» o encontro de ontem, Vital Moreira (PCP) começou por assinalar o facto de Mário Soares reivindicar para o PS a iniciativa da sua realização, a significar a intenção dos dirigentes daquele partido em «acentuar o propósito de liderar o processo de revisão constitucional».

«Foi uma reunião parcelar – disse-nos ainda Vital Moreira – da comissão de revisão constitucional, acompanhada dos líderes do PS e da AD, significando uma clara deslocação da sede própria da discussão da revisão que é a Assembleia da República, para a sede do Governo».

O deputado do PCP, membro também da comissão de revisão constitucional embora não informado dos resultados da reunião, considerou que as declarações feitas, no final, pelos principais intervenientes «não são de molde a deixar as pessoas tranquilas».

«Temo – frisou Vital Moreira – que o acordo não seja propriamente favorável à Constituição».

Tribunal Constitucional

Entretanto, e segundo fonte próxima da reunião de ontem em S. Bento, a questão do Tribunal Constitucional dominou boa parte do debate e terá sido uma das conclusões extremamente satisfatória para a AD. Sousa Tavares (presente na reunião tal como Margarida Salema, Borges de Carvalho e Luís Beiroco) indicou ter havido nesse ponto uma «grande aproximação» de posições.

Segundo a mesma fonte, a troco da irreversibilidades das nacionalizações o PS teria cedido totalmente no tocante à composição do Tribunal Constitucional que, assim poderá vir a ser designado exclusivamente pela Assembleia da República. Recorde-se que no projecto inicial da FRS os 15 elementos do TC seriam designados, em partes iguais, (cinco cada) pelo Presidente da República, pela AR e pelo Conselho Superior de Magistratura.

A comprovar-se tal cedência do PS, as próprias nacionalizações, embora defendidas no texto constitucional serão facilmente «furadas» pela existência de um Tribunal Constitucional permeável às leis ordinárias de regulamentação de sectores um Governo de direita apoiado por maioria na AR, queira fazer aprovar.

E sobre a questão militar – ponto importante no contexto político português – tudo parece definitivamente arrumado. É ponto assente para PS e AD. E assim poderemos assistir ainda este ano às promoções a generais, à designação de comandantes de unidades militares e a novos CEM's por obra a graça dos desejos do prof. Freitas do Amaral...

EA

Portugal e a discriminação racial

O «Diário da República» publicou ontem a aprovação para adesão, por parte de Portugal, à Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Descriminação Racial, adoptada pelas Nações Unidas em 1965.

A Convenção considera que todos os homens são iguais perante a lei e têm direito a uma igual protecção da mesma contra toda a discriminação e contra todo o incitamento à discriminação.

Definindo discriminação racial como aquela que «visa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na raça, cor, ascendência na origem nacional ou étnica que tenha como objectivo ou como efeito destruir ou compromoter o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em condições de igualdade dos Direitos do Homem e das Liberdades fundamentais no domínio político económico, social e cultural ou em qualquer outro domínio da vida pública», a Convenção obriga os Estados membros a prosseguirem uma política que tenda a eliminar todas as formas de descriminação racial.

Os Estados signatários condenam por outro lado a «propaganda e as organizações que se inspiram em ideias ou teorias fundadas na superioridade de uma raça ou de um grupo de pessoas de uma certa cor ou de uma certa origem étnica» e neste sentido obrigam-se a declarar delitos puníveis por lei a difusão de ideias fundadas na superioridade ou no ódio racial.

ALGARVE
PRAIA DA LUZ • LAGOS
APARTAMENTOS
Duplex para 4/6 pessoas, com cozinha totalmente equipada. Estadias mínimas de 1 semana. Preços diários: Maio - 500$00; Junho - 1.350$00; Julho/Agosto - 2.500$00; Setembro - 1.900$00.
GITUS
GRUPO INTERSINDICAL DE TURISMO SOCIAL

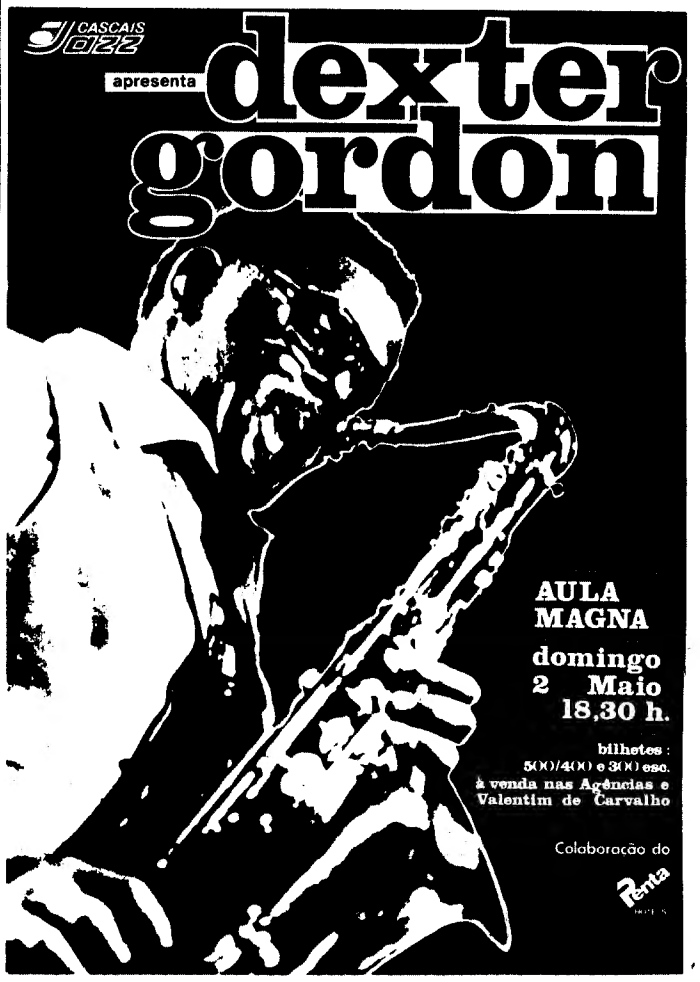
COMISSIONISTA AGENTE
PRECISA-SE
Para trabalhar confecções de senhora e criança ao sul do rio Tejo
Resposta ao apartado 16
7200 REGUENGOS DE MONSARAZ

Associação de Educação Física e Desportiva de Torres Vedras
Com vista a fazer parte da História Ilustrada desta Associação, pretende a sua direcção contactar os familiares dos seus ex-presidentes já falecidos, srs. Augusto Maria do Nascimento Gonçalves e Fernando Augusto Cardoso.
Contactar para:
Praça Calouste Gulbenkian 2560 Torres Vedras ou telefone 22985 de Torres Vedras.

Serviços Municipalizados
Câmara Municipal de Loures
AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA
Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 2 (domingo) das 7 às 15 horas nas seguintes localidades:
— LINHA 10 KV — PONTINHA — PAIÃ — ODIVELAS
— LINHA 10 KV — LOURES — AMOREIRA — CANEÇAS
— CODIVEL
— PRIOR VELHO
Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 28 DE ABRIL DE 1982.
O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

ANAÏS NIN
Delta de Vénus
3.ª edição
Passarinhos
2.ª edição
«Que uma mulher ouse contar, preto no branco (com uma crueza elegante), as relações sexuais tal como pode vivê-las, é componente importante do prazer ambíguo que a leitura deste livro provoca.»
JEAN PIERRE LEONARDINI
L'Humanité

uma edição
BERTRAND



Anteontem, em Luanda

Pezarat Correia inaugurou rua chamada "25 de Abril"

LUANDA, 30 (Do nosso enviado Ribeiro Cardoso) – A capital angolana tem, a partir de quarta-feira última, uma rua chamada 25 de Abril. Inaugurou-a, orgulhoso e emocionado, um militar do MFA – o brigadeiro Pezarat Correia, que foi ovacionado por centenas de compatriotas nossos que não quiseram faltar a esse acto. Um acto ansiosamente esperado pelos membros da Associação 25 de Abril, que também ontem inaugurou a sua sede na pátria de Agostinho Neto.

Quarta-feira foi, pois, um dia em cheio para os portugueses residentes ou cooperantes em Angola. E o MPLA – Partido do Trabalho, associou-se às duas cerimónias, com a presença do director do seu Departamento de Relações Exteriores, António Lengue.

Como lembrou Pezarat Correia ao falar depois de ter retirado o pano vermelho que tapava os azulejos com o novo nome da rua, aquele acto que se vivia em Luanda era «a prova insofismável de que o 25 de Abril é património comum de Portugal, de Angola e dos novos países africanos que têm o português como língua oficial». Ou, dito de outra maneira: «o 25 de Abril transcende a nacionalidade portuguesa».

Cadete Leite, presidente da Associação, relçou também o significado que, para todos os portugueses que estão em Angola, tinha a inauguração em Luanda de uma rua com o nome de 25 de Abril, referiu a abertura e apoio sempre encontrados junto das autoridades angolanas e sublinhou a importância da cerimónia ser presidida por um militar de Abril que «estava em Angola quando o MFA arrancou para a jornada gloriosa».

Antes, na inauguração da sede da Associação 25 de Abril, Pezarat Correia tornou-se no seu quarto sócio de honra – logo a seguir aos presidentes Agostinho Neto, José Eduardo dos Santos e Ramalho Eanes.

Capital de esperança

O conselheiro da Revolução, Pezarat Correia, que durante os dias que se manteve em Luanda foi recebido por dirigentes do MPLA e do Governo angolano, tendo ainda um encontro com intelectuais angolanos na União dos Escritores (da Embaixada portuguesa apenas lhe apareceu um funcionário, pois o embaixador estava ausente e o encarregado de Negócios encontrava-se doente...) considerou esta deslocação a Angola como «extremamente positiva».

Falando para o «DL», Pezarat Correia sublinhou ter sido «muito bem recebido em Luanda», o que atribui «não só ao reconhecimento do papel do MFA em Angola com o 25 de Abril, mas também aos reflexos da recente visita presidencial, a qual me foi constantemente referida aqui em termos encomiásticos». E acrescentou:

«Senti que a visita de Ramalho Eanes deixou um grande capital de esperança, quer entre as autoridades angolanas, quer entre a comunidade portuguesa, que vê nela a chave que pode desbloquear o impasse na cooperação, a a qual é considerada de interesse capital por ambos os países. É na verdade urgente e indispensável a ultrapassagem das dificuldades que até agora se têm verificado por razões que são conhecidas».

Quanto ao 25 de Abril aí em Portugal, aquele conselheiro da Revolução, que assistiu a parte das cerimónias que se desenrolaram no dia 24 em Santarém, foi claro: «O 25 de Abril está vivo e bem vivo. Resta saber é se haverá gente que tente adormecê-lo».

Pezarat Correia lembrou depois que «as potencialidades do 25 de Abril se mantêm, mas há nitidamente uma intenção de aproveitar o regime de liberdade existente para restituir o Poder às classes dominantes antes do 25 de Abril e que para ele nada contribuíram, mas sentem agora possibilidade de usufruir os mesmos privilégios à sombra do regime democrático».

assembleia da república

Autárquicas: AD insiste numa lei ao sabor das suas conveniências

Sem surpresa para gregos ou troianos, a Assembleia da República aprovou ontem, na generalidade, a proposta de lei sobre eleições autárquicas apresentada pelo Governo. Quem detém a maioria, fica com a faca e o queijo na mão. A AD tem-nos. E, assim, apesar dos votos «contra» de toda a oposição parlamentar, ficou com as mãos livres para, na especialidade, aceitar ou não retocar alguns pontos cujas intenções parecem por de mais transparentes: «afeiçoar» o Poder Local ao sabor das suas conveniências.

A lei proposta à apreciação da Assembleia da República começou, logo no primeiro dia da sua apresentação, por merecer as mais vivas críticas da oposição. Essencialmente em causa nesse primeiro dia, relembremos, o voto por correspondência para doentes e o perímetro estabelecido para proibição de propaganda nas proximidades das assembleias de voto. Ontem, segundo e último dia da discussão do diploma, aos pontos já referidos juntou-se um outro: o artigo da proposta que visa obrigar à colocação dos símbolos dos partidos integrantes nos símbolos das coligações respectivas, concorrentes às eleições.

Por parte dos partidos que compõem a Aliança Povo Unido (PCP e MDP), aqueles a quem o artigo visava claramente, a reacção não se fez esperar: «É intolerável e inadmissível a tentativa de obrigar uma única força política a alterar o seu símbolo, violando a regra básica de direito (...) e atingindo os princípios constitucionais que asseguram a autonomia dos partidos políticos» (Silva Graça, do PCP); «...obrigaria a mais antiga coligação portuguesa depois do 25 de Abril – a Aliança Povo Unido –, que existe desde 1976, a mudar o seu símbolo, com todas as consequências eleitorais negativas para esta coligação» (António Taborda, do MDP/CDE).

A discussão sobre os três pontos em apreço motivou larga discussão e conseguiu, por vezes, abalar, porque colocava problemas reais, certos deputados da maioria. Aliás, várias declarações houve nas bancadas da AD que «avalizaram» os protestos da oposição: «Também tenho dúvidas acerca dos moldes em que se aborda o problema do raio dos cem metros...»; «Há que trabalhar com a participação e colaboração de todos, na melhoria dos processos que assegurem, em simultâneo, a fidelidade e a generalidade dos sufrágios» (deputados da bancada CDS).

Pegando em palavras do deputado António Taborda, do MDP: «Ponto é que a intenção de abertura manifestada neste debate pelo Governo e pelo PSD passe da intenção à prática e não se fique por aí, como tem vindo a acontecer», resta esperar que, na votação da especialidade, a maioria confirme o «estamos abertos... à discussão», salientado no primeiro dia do debate pelo ministro Ângelo Correia.

Seria bom.

M.A.

Otelo já está nas FA's

Garcia dos Santos, na qualidade de chefe do EME, assinou ontem o despacho que reintegra Otelo Saraiva de Carvalho no Exército. Este despacho segue-se a um parecer do Conselho Superior de Disciplina que determinou que as razões que levaram ao afastamento de Otelo eram de natureza política. Desta forma, o estratego do 25 de Abril pode beneficiar da lei da amnistia aprovada pelo Parlamento em 1979. Otelo encontrava-se na situação de reforma compulsiva.

Recorda-se que, de acordo com recentes declarações de Otelo ao «DL», este militar poderá ser promovido a tenente-coronel, sendo sua intenção passar à reforma dentro de dois anos.

Conselho de Ministros

Amnistia foi aprovada

O Conselho de Ministros aprovou ontem uma amnistia, a apresentar à Assembleia da República, para assinalar a visita do Papa a Portugal.

O comunicado do CM não especifica os termos em que foi aprovada a amnistia, mas o ministro da Justiça disse quarta-feira, em S. Brás de Alportel, que a proposta abrange crimes normais de pequena gravidade, contemplando sobretudo os delinquentes primários.

O Conselho de Ministros decidiu ainda solicitar à Assembleia da República autorização para legislar em matéria de definição de crimes, penas e medidas de segurança com vista à aprovação de um novo código penal e ainda em matéria de organização e competência dos tribunais, bem como o processo criminal e isenção de selo.

O CM aprovou também o projecto de diploma que cria a Escola Superior de Polícia e o Conselho Nacional do Ensino Superior e ainda projectos de diplomas sobre o ensino de Religião e Moral e sobre a colocação de professores profissionalizados não efectivos do ensino primário.

O comunicado do CM refere igualmente ter sido aprovado o diploma que cria a estrutura orgânica do sistema de família e, no âmbito do MAPC, o diploma que define e classifica obras de fomento agrícola.

Finalmente, na sequência das medidas tomadas para prevenção e combate aos fogos florestais, o Conselho aprovou um projecto de resolução que atribui a vários ministérios verbas que totalizam 120 milhões de escudos para suportar, entre outros, a aquisição de sistemas de comunicação ar-terra, o aluguer de meios aéreos ligeiros e a criação de brigadas helitransportadas e de brigadas móveis de segurança.

A partir do dia 30 de Abril, os assinantes do Grupo de Redes de Évora, passam a ter acesso directo aos países da Europa com ligações internacionais automáticas.

Para obter a ligação basta marcar o **Indicativo Europeu 00, seguido do Indicativo do País, do Indicativo da Zona ou Localidade** e. finalmente, do número de telefone desejado.

Para informações mais detalhadas consulte o folheto «Évora-Europa».

TELECOMUNICAÇÕES

Eanes no Conselho da NATO

Entrada da Espanha tem de respeitar especificidades de Portugal

• *Auxílio militar é insuficiente*

BRUXELAS, 30 (do nosso enviado especial) – O Presidente da República deixou hoje bem vincadas as reticências de Portugal perante a futura adesão da Espanha à NATO e face ao escasso auxílio prestado ao reequipamento do exército português. Falando perante o Conselho do Atlântico, o Presidente Eanes sublinhou que os arranjos subsequentes à entrada da Espanha têm de ter em conta as «especificidades estratégicas» que distinguem, há muitos anos, Espanha e Portugal, e reafirmou que a dificuldade de concretizar os programas de auxílio militar ao nosso País «põe em causa a possibilidade de Portugal cumprir, com a eficácia que deseja, as suas responsabilidades no domínio estritamente militar».

A intervenção do general Ramalho Eanes na sede da NATO, aqui em Bruxelas, que já fora anunciada pelos seus colaboradores como muito importante, por ultrapassar o âmbito meramento protocolar, acabou por ser, no último dia da sua visita à Bélgica, a mais relevante intervenção pública do Presidente.

Quanto a entrada da Espanha na NATO, Eanes começou por reconhecer «o alto significado que tem para a coesão europeia». Mas, logo de seguida, salientou que ela não tem significado especial em termos militares, dados os laços já existentes entre a Espanha e os EUA, sendo apenas «um novo contributo de qualidade». Deixou depois um recado: «Pensamos que a próxima integração da Espanha no dispositivo militar da Aliança implicará a caducidade dos acordos que a Espanha hoje mantenha com Estados membros, ao menos na medida em que tais acordos possam abranger territórios de outros Estados membros, não partes em tais acordos» – referência que se liga directamente à posição de Portugal. Registe-se que, em contacto informal com o ministro Gonçalves Pereira, há dois dias, aqui na capital belga, o «DL» soube que esta era também a posição do Governo português.

Eanes indicou depois os parâmetros em que a posição espanhola e portuguesa têm de ser entendidas no seio da Aliança Atlântica – «A vocação atlântica de Portugal, reforçada pela realidade estratégica da sua unidade nacional em que se inserem os Açores e a Madeira, conferem a Portugal uma entidade própria que não poderia ser confundida com a realidade geográfica que é a Península Ibérica».

O Presidente salientou, de seguida, que foi nesta perspectiva que Portugal apoiou a adesão da Espanha e que por ela se guiará na concretização prática do processo de integração espanhol.

Imediatamente, depois, abordou o tema da ajuda militar. Começou por referir que «é com muita preocupação que acompanho a evolução dos programas de cooperação e de ajuda militar da NATO a Portugal».

E, depois de excluir do âmbito desses auxílios as contrapartidas de acordos bilaterais (prestadas pelos EUA pela utilização da Base das Lajes), Eanes salientou que a crise económica portuguesa justifica «um programa especial de auxílio», impondo-se «uma resposta rápida a este tipo de questões».

Pela primeira vez, e com particular dureza, o Presidente abordou dois tipos de questões que vêm preocupando os meios militares e que têm sido tratados com particular displicência pelo Governo.

À hora a que enviamos este texto para Lisboa, ainda não é conhecida nenhuma reacção dos meios da NATO, aqui em Bruxelas. Mas um alto funcionário da organização afirmara aos jornalistas portugueses que para a NATO não existe nenhum problema entre Portugal e a Espanha. O que é uma forma de dizer que a organização, enquanto tal, não se pretende ver envolvida neste contencioso.

Após proferir este discurso, o Presidente Eanes visitou a delegação portuguesa na NATO, almoçou na NATO e, de seguida deu uma conferência de imprensa no IPC (Centro Internacional de Imprensa da CEE). O regresso a Lisboa do Presidente e da comitiva está previsto para às 20 horas de hoje.

Trabalhadores e emigrantes

Os trabalhadores marcaram ontem o terceiro dia da visita presidencial. Por um lado, o facto de terem realizado um plenário nas fábricas da ACEC, em Charleroi (e não uma greve como a princípio se supôs) levou os serviços do protocolo belga a anular a prevista visita presidencial àquela unidade. Em vez disso, Eanes deslocou-se ao Instituto de Pesquisa, onde se investigam aplicações pacíficas para a energia nuclear.

Por outro lado, eram sobretudo trabalhadores portugueses emigrados na Bélgica que participaram no encontro entre a comunidade portuguesa e o presidente, que decorreu no Museu da Comuna de Ixelles.

O representante dos portugueses da Bélgica no Conselho das Comunidades proferiu, na ocasião, um violento discurso em que renovou as reivindicações dos emigrantes portugueses que já tinham sido apresentadas a Eanes numa reunião com uma comissão de quarenta membros, reunião que o Presidente descreveu aos jornalistas como muito útil.

Aliás, durante esta reunião, o comandante Vítor Crespo, que tem sido um acompanhante discreto do Presidente, aplaudiu a unidade conseguida entre os emigrantes. E este aspecto tem sido aqui repetidamente sublinhado, uma vez que o caderno reivindicativo ontem apresentado ao general Eanes recebeu o apoio de todas as associações, desde as ligadas ao CDS até às próximas da UDP.

No entanto, no encontro com o Presidente, em Ixelles, o porta-voz dos emigrantes, Luís Ferreira, tomou posições claramente politizadas, nomeadamente denunciando o facto de as divisas enviadas pelos emigrantes serem desviadas para «indemnizar grandes capitalistas e latifundiários» e «pagar juros ao FMI» (reflectindo assim as inclinações políticas da comunidade portuguesa onde a APU foi a lista mais votada nas últimas eleições).

Luís Ferreira acusou ainda o Governo de ser incapaz de corresponder às necessidades dos emigrantes e terminou manifestando «o apoio incondicional dos emigrantes ao 25 de Abril e à nossa Constituição» e garantindo: «Não contem com os emigrantes para destruir o 25 de Abril».

Em resposta Eanes começou por manifestar discordâncias em relação a afirmações do representante dos emigrantes, mas salientando também a convergência possível – o 25 de Abril.

Referiu depois que os problemas concretos dos emigrantes só podem ser atenuados com a integração de Portugal na CEE e prometeu o seu empenhamento na tentativa de resolução das maiores dificuldades. Sublinhou ainda que não há por enquanto garantias nenhumas quanto à estabilidade da situação dos emigrantes portugueses aqui na Bélgica (no entanto, fontes da comitiva, afirmaram ao «DL» que é já seguro que não serão aplicadas à comunidade portuguesa algumas restrições já preparadas – nomeadamente quanto à saída de divisas – e que irão abranger os marroquinos e os turcos.

O encontro encerrou com a entoação, pelos presentes, do Hino Nacional, a convite do Presidente da República, e de «Grândola», por iniciativa dos emigrantes.

Ainda ontem Eanes avistou-se com representantes das associações patronais e dos sindicatos. Os primeiros garantiram ao Presidente o seu apoio incondicional à adesão de Portugal à CEE; os segundos revelaram algumas reticências quanto a este processo, sem no entanto, colocarem objecções de fundo.

José Manuel Vilaça

Gonçalves Pereira ultrapassa Eanes

«A presença a seu lado da muito simpática senhora Eanes, encanta-nos especialmente. Agradecemos-lhe, minha senhora, por estar entre nós». Estas deferentes palavras foram ontem proferidas pelo governador da província de Hinaut, quando o casal Eanes visitou Mons, a capital da província. Elas dão bem a medida do formalismo e dos requintes de delicadeza postos na recepção a comitiva presidencial.

Mas os responsáveis de Hinaut foram também os autores da maior «gaffe» protocolar verificada durante a estadia de Eanes na Bélgica. A lista dos convidados para o banquete que ofereceram estava titulada com a indicação de que se tratava da visita de «Sua Excelência o Embaixador da República de Portugal e da senhora dos Santos Ramalho Eanes (sic)».

Enunciavam-se, de seguida, os nomes dos participantes. À cabeça estava o governador da província, seguindo-se-lhe os deputados permanentes (espécie de vereadores municipais). Depois, outras altas autoridades locais. Em 25.° lugar o primeiro dos membros do Governo nacional belga – o secretário de Estado da Energia.

O primeiro português era 37.° – o assessor diplomático do Presidente, Morais Cabral, logo seguido por Gonçalves Pereira, por acaso ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal. Dos setenta e quatro convidados, o 72.° da lista era «M. Le President de la Republique du Portugal», o 71.° a «Me. dos Santos Ramalho Eanes, épouse du President de la Republique du Portugal».

Os responsáveis do protocolo português, ao tomarem conhecimento da lista, abriram, primeiro, a boca de espanto... E depois riram a bandeiras despregadas (com a normal discrição dos diplomatas). Gonçalves Pereira ainda teve o prazer de, por uma vez, ter ficado à frente do Presidente Eanes. E logo trinta e quatro lugares...

O pobre do funcionário provincial que elaborou a lista deve estar, agora, à procura de novo emprego.

J. M. V.

Comandante do SACEUR em Lisboa

O comandante supremo da NATO (SACEUR), Bernard Rogers, encontra-se desde ontem em Lisboa para uma permanência de dois dias durante os quais terá encontros com altos comandos militares portugueses. Esta visita ocorre alguns dias depois de a maioria governamental AD ter aprovado o projecto de lei de ratificação da entrada da Espanha na organização, deixando sem quaisquer garantias os interesses portugueses.

O general Rogers, sucessor de Haig, manterá conversações com o Presidente da República e o ministro da Defesa. Da sua agenda fazia parte também uma reunião de trabalho com o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e os chefes dos três ramos.

O comandante do SACEUR visitará ainda a Base Aérea do Montijo, onde existe uma infra-estrutura NATO e a Escola Prática de Infantaria em Mafra.

Hoje profere uma conferência privada no Instituto de Defesa Nacional sobre «A segurança da aliança nos anos 80» após o que dará uma conferência de Imprensa.

O general americano, interrogado pelos jornalistas sobre se a entrada da Espanha na NATO poderia vir a prejudicar a posição portuguesa, não respondeu à pergunta, preferindo dizer que a entrada na Espanha «fortalecerá a organização».

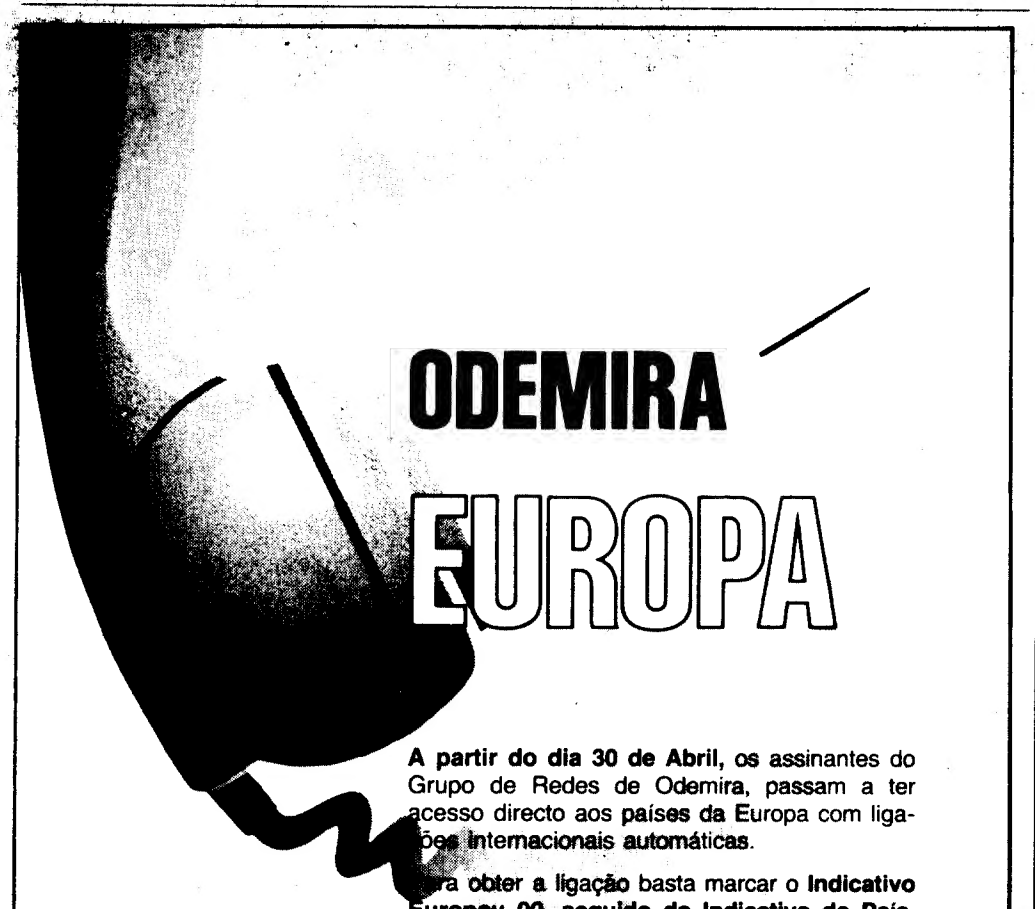
Ao evitar a resposta o comandante do SACEUR não deixa de confirmar os receios de toda a oposição e já manifestado por altos responsáveis militares: Portugal virá a ter um papel subalterno e será a curto prazo dependente militarmente da Espanha.

Numa reunião ontem realizada entre o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e os chefes dos Estados-Maiores dos três ramos, com o general Rogers, foram apreciados aspectos relacionados com a actuação das forças portuguesas naquele sector da NATO.

Entretanto, anuncia-se que a Assembleia do Atlântico Norte, que se reúne de 26 de Maio a 1 de Junho no Funchal, debaterá o chamado «auxílio» a Portugal.

Fontes militares bem colocadas salientam todavia que o «auxílio» NATO sai sempre muito mais caro a Portugal do que aquilo que vale. Basta dizer que após muitos anos de permanência na NATO e muitos anos de «auxílio» no reequipamento das nossas Forças Armadas, estas dispõem apenas de material obsoleto que já ninguém quer. A factura desses auxílios é também elevadíssima.

Na reunião que ontem teve com o general Rogers, Freitas do Amaral tratou essencialmente da entrada da Espanha na organização. Mas o Governo não tem prestígio, não tem mais poder negocial e perdeu há poucos dias o seu último trunfo ao ratificar a adesão da Espanha.



ODEMIRA

EUROPA

A partir do dia 30 de Abril, os assinantes do Grupo de Redes de Odemira, passam a ter acesso directo aos **países da** Europa com ligações **internacionais automáticas**.

Para **obter a ligação** basta marcar o **Indicativo Europeu 00, seguido do Indicativo do País, do Indicativo da Zona ou Localidade** e, finalmente, do número de telefone desejado.

Para informações mais detalhadas consulte o folheto «Odemira-Europa».

CTT TELECOMUNICAÇÕES

2 RODAS

2vezes

mais atenção!

Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas, morre uma pessoa.
Por ano morrem cerca de 500 pessoas vitimas desses acidentes.

Circular é viver.

de ontem para hoje

Explosão numa fábrica de Almada

NA fábrica da companhia de oleaginosas «Tagol», em Almada, ocorreu na última quarta-feira uma pequena explosão, só ontem à tarde divulgada pela Polícia Judiciária. Segundo declarações do director daquela empresa, o incidente, que ocorreu quando o equipamento estava parado e cujos estragos ainda não foram determinados, atingiu o elevador de descarga das matérias-primas. A mesma fonte referiu que naquele tipo de equipamento é sempre possível uma explosão apesar de todas as medidas de segurança, só que, acrescentou, no caso em investigação as máquinas estavam totalmente imobilizadas.

«Corte de relações» na Guarda

O presidente da Câmara Municipal da Guarda (fot.) Abílio Curto, anunciou ontem o seu corte total de relações com o governador civil do distrito, Manuel João das Neves. A revelação foi feita no decorrer da sessão camarária frisando aquele autarca que «ficam definitivamente afectadas as relações oficiais, pessoais e formais». O conflito surgiu face ao «total desconhecimento da edilidade sobre a visita do ministro dos Assuntos Sociais ao concelho», a realizar nos dias 3 e 4 de Maio, declarou Abílio Curto. A edilidade enviou um telegrama de protesto ao ministro Luís Barbosa pelo facto de não ter sido convidada para a visita e vai manifestar junto do Ministério da Administração Interna o seu desacordo face «à actuação do governador civil da Guarda relativamente ao município local, acrescentou.

Duas detenções nos Açores

A Polícia Judiciária de Ponta Delgada anunciou ontem ter já enviado a tribunal os processos respeitantes a roubos no valor de 112 contos, efectuados recentemente na ilha de S. Miguel. A PJ refere que os furtos foram praticados por dois indivíduos, que se encontram detidos na cadeia local.

«Táxi» nos telefones

Os telefones de Lisboa e do Porto começaram ontem a montar temporizadores electrónicos que permitem transformar a actual contagem de impulsos em sistema de taxação por intervalo de tempo variável, revelou hoje à ANOP fonte oricial. Os temporizadores destinados à instalação do sistema «táxi» nos telefones de Lisboa e do Porto foram projectados, desenvolvidos e construídos pela Central Automática Electrónica Portuguesa. O sistema irá funcionar em centrais telefónicas do tipo «50005» e «strwnger», permitindo também a programação de tarifas adequadas ao acesso à rede internacional. O novo sistema poderá entrar em funcionamento dentro de alguns meses.

Cinco corporações de bombeiros

A Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo anunciou ontem ter aprovado comparticipações no valor de cinquenta mil contos para a construção ou beneficiação de instalações de cinco corporações de Bombeiros Voluntários. As comparticipações referem-se à construção da Casa-Escola dos Bombeiros Voluntários do Crato e dos quartéis das corporações de Carrazedo de Montenegro, em Valpaços, de Santa Comba Dão, Constância e Góis.

Papa «cidadão do Porto»

O executivo da Câmara Municipal do Porto, ontem reunido, decidiu por unanimidade atribuir a «Medalha de Honra da Cidade do Porto», em ouro, ao Papa João Paulo II. A distinção, a que corresponde a concessão do título de «Cidadão do Porto», é, segundo os edis, a forma «de manifestar o seu regozijo pela próxima visita à cidade do chefe máximo da Igreja Católica». A Câmara Municipal do Porto exortou toda a população «independentemente das suas convicções religiosas» a associar-se às homenagens públicas que serão prestadas a João Paulo II.

«Terra Azul» naufragado

A recuperação do arrastão «Terra Azul», que no passado dia 10 se afundou no porto de Ponta Delgada, importará em dois mil contos, segundo revelou ontem o responsável pela equipa de mergulhadores ingleses empenhada nessa tarefa. O «Terra Azul», de 380 toneladas, propriedade de uma empresa de pescas açoriana, foi abalroado pelo cargueiro liberiano «Olimpic Palm» quando este fazia manobras para se fazer ao largo.

Homossexuais entre a marginalização e o direito de existirem como "minoria"

No último fim-de-semana, enquanto o País festejava na rua o 25 de Abril, dois jovens fechados num quarto escolheram a morte.

Um tinha 24 anos, o outro 17. Não eram burgueses devassos: empregado de escritório o mais velho, de comércio o mais novo. Viviam ambos em casa de seus pais.

Em título de jornal, o caso resumiu-se a «Homicídio e suicídio de dois homossexuais». Na carta que deixaram, os dois rapazes escreveram: «não podemos continuar esta vida».

O brutal desfecho do drama faz morrer o sorriso nos lábios mais irónicos. Por comodismo, podemos deixá-los no seu «ghetto», encerrando-os na marginalidade em que se colocaram. Mas a questão persiste: que se passa no mundo secreto da homossexualidade?

O primeiro passo será compreendê-lo. Esse é, precisamente, o objectivo da série de colóquios que o Centro Nacional de Cultura organizou sobre a homossexualidade, com início no sábado.

Na nossa sociedade, a homossexualidade é vivida como algo de escondido, embora se calcule que cerca de 10 a 15% dos portugueses a praticam ou praticaram, pelo menos uma vez na vida.

Para Helena Vaz da Silva, da direcção do CNC e organizadora destes colóquios, «esse secretismo é estrutural na sexualidade homossexual». Mas não é seguro que não seja, antes, um resultado do jogo social.

Embora a homossexualidade seja uma prática antiga e conhecida em quase todas as sociedades, ela tem sofrido uma condenação mais ou menos intensa.

Desligada da procriação, a homossexualidade afirma-se pelo prazer. Com isto, atenta contra os princípios «sagrados» da produção e da propriedade, desencadeando um conflito com aspectos políticos insofismáveis. A resposta do poder não se faz esperar.

S. Paulo nega aos homossexuais o reino dos céus, mas sabe-se que a homossexualidade, como o incesto e outras práticas pouco ortodoxas, tiveram grande voga nas cortes papais do renascimento.

O aspecto dúplice da homossexualidade é, de certo modo, uma constante histórica, fundindo-se com as suas próprias características.

Confinadas a «ghettos» físicos ou psicológicos, sorumbáticos senhores, durante o dia, mergulham frequentemente à noite em ambientes sórdidos, à procura de companhia ou simplesmente desejando viver a parte mais secreta do seu «Eu». Aí, não raro, correm riscos.

A morte, o roubo, a chantagem acompanham por vezes a relação fugaz que se estabeleceu por desejo ou vontade, neste universo de sombras em que a amizade está sacralizada, porventura pelo medo da ruptura ou pelo pudor relativamente à posse.

Nos nossos dias, os homossexuais tentam «vir à superfície», beneficiando de uma maior abertura cultural e assumindo-se como uma «minoria» a quem deve ser reconhecido o direito de existir como tal.

Em Portugal, contudo este movimento é débil, como o são outros movimentos «minoritários». A transformação mais sensível faz-se a nível individual, preferentemente acompanhada de certo exibicionismo, que esconde a verdadeira situação de marginalidade em que se encontram ainda os homossexuais.

A iniciativa do Centro Nacional de Cultura prolonga a abordagem deste tema, feita pela revista «Raiz e Utopia» no seu último número.

«Consideramos que o debate devia prosseguir ao vivo, dando voz às pessoas que vivem a homossexualidade e fazendo participar nessa discussão personalidades públicas que assumem a existência do problema», esclarece Helena Vaz da Silva.

A escritora Natália Correia, o psiquiatra Afonso de Albuquerque, o juiz Sá Nogueira, são algumas das individualidades que garantiram já a sua participação neste debate.

Nos depoimentos gravados, a apresentar na primeira sessão e que servirão de base inicial à discussão, destaca-se a noção de que existem diversas maneiras de viver a homossexualidade».

A idade, a educação, o perfil psicológico influem determinantemente na sexualidade de um indivíduo, homo ou heterossexual. O sexo é outro factor determinante: a homossexualidade feminina é totalmente distinta da masculina. Por outro lado, conclui-se que o número de indivíduos bi-sexuais é muito maior do que se poderia supôr.

«Das conversas que tivemos com muitos homossexuais ficamos com a ideia de que o que existe de comum entre eles é um certo dramatismo, uma certa inadaptação que pode ser reduzida se trouxermos estas questões à luz do dia», diz Helena Vaz da Silva.

Hoje, a homossexualidade é cada vez menos encarada, cpmo um «vício» e não é seguro que seja «uma doença», mas uma maneira particular de estar na vida e de viver o próprio corpo, dando-lhe, porventura, uma excessiva importância.

A homossexualidade traduz também uma sensibilidade particularmente tocada pelos valores estéticos. Aliás, é sobretudo através da arte que os homossexuais intervêm na sociedade: Óscar Wilde, Nijinski, Tchaikoski, Margeurite Yourcenar são alguns dos muitos homossexuais que trouxeram algo de novo à cultura da humanidade.

A política – de um modo geral as actuações colectivas heterogéneas – não parecem interessá-los.

O homossexual sabe que, por sê-lo, muitos aspectos da vida lhe estão vedados, mas, em contrapartida, ele tem uma experiência própria que lhe abre novos horizontes.

«A nossa ideia é dar voz às pessoas que vivem os problemas e que, geralmente, não são ouvidas. «Diz Helena Vaz da Silva, situando o debate na linha lógica da actuação do CND; descobrir o ignorado, participadamente.

A este colóquio seguir-se-á outro sobre as prisões. Aí, a intervenção principal está reservada aos presos e aos guardas «os menos ouvidos sobre esta matéria».

A discussão da homossexualidade no Centro Nacional de Cultura prolonga-se por todo o mês de Maio e é acaompanhada da exibição de filmes num cinema de Lisboa.

«Corrremos o risco de assistir a algumas manifestações de exibicionismo. Isso acontece a primeira vez que as coisas são tratadas. Mas pensamos que vale a pena correr esse risco se conseguirmos despoletar alguma coisa» – conclue Helena Vaz da Silva.

Governo poderá "atirar de qualquer maneira" 3500 novos médicos "país fora"

O Governo poderá enviar para a província 3500 médicos até ao fim do ano, num gesto susceptível de passar por manobra eleitoralista, em conta da realização das autárquicas no mês de Dezembro. A denúncia foi feita pela direcção do sector de Saúde de Lisboa do PCP, num texto que questiona tanto a política de Saúde da AD como a Ordem dos Médicos, da qual se demarca.

«Que não haja ilusões entre os médicos quanto à oposição direcção da Ordem/Governo» – dizem os profissionais da Saúde comunistas. «Troca por troca, o Governo dará à direcção da Ordem mais um K para a sua miniconvenção e cederá uma qualquer migalha para a justificar perante os médicos. A direcção da Ordem, por seu turno, permitirá ao Governo atirar 3500 jovens médicos, de qualquer maneira, pelo país fora, antes das eleições autárquicas de Dezembro, para encher o olho ao eleitorado».

O texto comenta a anunciada greve por tempo indeterminado (mas entretanto adiada) que a Ordem oportunamente anunciou. O objectivo de tal greve será «a defesa dos chorudos proventos de um punhado de donos da Ordem, contra os interesses da esmagadora maioria da classe que dizem representar e em total desprezo pela saúde dos portugueses» – diz.

A Ordem está em questão por isso. E em questão estão ainda e designadamente «as gulosas reclamações do pagamento à peça e do sistema de seguro-doença», e a posição da Ordem contra o decreto que cria a carreira de clínico geral. Aqui a Ordem pretenderá não «melhorar as suas lacunas e incorrecções» mas «voltar ao famigerado despacho 404/80,

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Leiria

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 64.º e para exercer as atribuições previstas na alínea b) do Artigo 31.º dos Estatutos, convoca a Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Distrito de Leiria, para reunir no dia **12 de Maio de 1982, às 21.30 horas,** na sede do Sindicato — Vieira de Leiria.

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único:
ANALISAR E VOTAR O RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1981.

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(Maria Noémia Lino Mendes Romano)

Vieira de Leiria,
21.Abril.1982

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

EDITAL N.º 34

JOSÉ MARTINS VIEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA.

Faço público que, a partir da data da publicação deste Edital fica notificado o Sr. Joaquim da Silva Duarte, residente na Rua Bento de Jesus Caraça, lote 11-r/c — Alto do Moinho — Corroios, nos termos do Art. 1.º do Dec.-Lei n.º 275/76, de 13 de Abril e em consequência da deliberação tomada em 15/6/79, tomou posse administrativa do terreno situado em Vale de Figueira — Caparica, onde procedeu à divisão de lotes, tendo esta posse como efeitos jurídicos a imediata suspensão dos trabalhos, a proibição de quaisquer trabalhos ou actividades que não respeite a exploração normal do terreno.

Nos termos do Art. 4.º daquele diploma legal poderá reclamar no prazo de trinta dias para esta Câmara alegando e provando a falta de fundamento desta providência.

Se não for apresentada reclamação ou esta for indeferida será feita participação dos factos ao Tribunal Judicial para promover o respectivo procedimento criminal e a consequente passagem da propriedade do terreno para o património municipal.

Almada, 21 de Abril de 1982

O Presidente da Câmara
José Martins Vieira

Deputado comunista assassinado em Palermo

A Polícia italiana suspeita de que foram homens da Mafia os responsáveis pelo assassínio, hoje de manhã, no centro de Palermo, do secretário regionao para a Sicília, do Partido Comunista Italiano, Pio La Torre.

La Torre, de 54 anos, e o seu motorista, Rosário de Salvo, de 30 anos, foram mortos a tiro por vários homens em frente da sede local do PCI.

Pio La Torre pertencia ao Comité Central do PCI desde 1960 e era deputado desde 1972.

O comando assassino crivou de balas o carro de La Torre e fontes policiais disseram estar «quase certas» de que a acção foi levada a cabo pela Mafia.

La Torre era um dos combatentes mais activos contra a organização do submundo, extremamente activa em Palermo e dominando todos os aspectos ilegais da vida da cidade – jogo, droga e prostituição.

A Sicília tem estado livre de acções criminosas deste tipo nos últimos anos. Mas o atentado de hoje surgiu apenas dois dias depois de elementos das «Brigadas Vermelhas» terem morto a tiro o político democrata-cristão Rafaelle Del Cogliano, de 38 anos, e o seu motorista, numa rua de Nápoles.

Três mortos e 25 feridos

Cresce agitação na Cisjordânia

Os tiros dos soldados israelitas contra jovens palestinos que se manifestaram nos territórios ocupados saldaram-se ontem por três mortos, e, pelo menos, 25 feridos.

Quanto mais a repressão israelita se acentua, mais a determinação dos jovens palestinos em enfrentar os tiros israelitas aumenta, verificam os observadores.

Na Cisjordânia e em Gaza, o balanço mínimo elaborado a partir de várias fontes informadas, dada a inexistência de um balanço exacto do Exército israelita, é de cinquenta palestinos feridos a tiro nos três últimos dias. Eleva-se a treze mortos e a, pelo menos, 180 feridos, todos causados pelas balas israelitas nos últimos dezoito dias.

A agitação na Cisjordânia parece estar numa fase ascendente desde domingo. Segundo os observadores, ela só encontra explicação nas afirmações, cada vez mais claras, dos dirigentes israelitas, no sentido de uma anexação, mesmo que disfarçada, dos territórios ocupados.

Líbano

Uma greve geral paralisou todas as regiões do Líbano sem excepção, quarta-feira, pela primeira vez desde 1975, em sinal de protesto contra o assassínio na terça-feira, em Beirute Ocidental, de um dignitário religioso sunita, Xeique Ahmad Assad, presidente da União das Associações Islâmicas. A greve geral foi respeitada tanto nas regiões de maioria muçulmana como nas regiões cristãs do país.

Polónia a caminho da normalização

Mons Jozef Glemp, primaz da Polónia, considera as medidas de liberalização anunciadas na quarta-feira, pelas autoridades polacas «como o início de uma normalização».

Ao deixar Roma após uma visita de três dias e meio ao Vaticano, o arcebispo de Varsóvia declarou que, em sua opinião, «tais medidas representam um passo – um pequeno passo – susceptível de abrir caminho ao prosseguimento de um abrandamento do estado de sítio. Encaramo-las como o início de uma normalização».

O chefe da Igreja polaca voltou a referir-se igualmente à visita do Papa João Paulo II à sua pátria. «Tive ocasião de declarar – disse – que a visita do Papa estava assente, subsistindo, no entanto, a possibilidade do seu adiamento em face de certos factores».

Entretanto, duzentas e quatro pessoas internadas, entre as quais um membro da Comissão Nacional do Solidariedade, Jozef Malobedzki, foram libertadas

Mitterrand explica-se no Parlamento dinamarquês

O presidente francês, François Mitterrand, empenhou-se em justificar perante o Parlamento dinamarquês as grandes opções da França em matéria de defesa e de relações Leste-Oeste, nomeadamente a opção nuclear frequentemente criticada entre os meios políticos de Copenhaga e pela opinião pública dinamarquesa.

Manifestação espectacular dessa oposição, cinco deputados do pequeno Partido Socialista de Esquerda entraram na sala onde Mitterrand falava usando «t-shirts» brancos, nos quais ostentavam um cogumelo nuclear tricolor com a seguinte inscrição: «Socialismo? Mururoa».

Contra a propagação de armas nucleares

A Academia Nacional das Ciências, a mais prestigiosa organização científica dos Estados Unidos, lançou um apelo ao Governo americano para que «utilize todas as medidas práticas» para limitar a propagação das armas nucleares, nomeadamente a extensão das negociações sovieto-americanas para limitar a instalação de armas estratégicas.

«A guerra nuclear, indica o comunicado, é uma ameaça sem precedentes que pesa sobre a Humanidade».

Enquanto isto, o primeiro-ministro holandês Andreas Van Agt informou os Estados Unidos de que a Holanda não poderá comprometer-se a aceitar, este ano, a instalação no seu território, de novos foguetões nucleares da NATO.

Armas da OLP para os "brigadistas"?

O terrorista «arrependido», António Asvasta, assegurou ontem, durante o segundo dia do seu longo depoimento no julgamento do rapto e assassínio de Aldo Moro, que a OLP tinha fornecido armas às «Brigadas Vermelhas», por duas vezes.

Com uma voz neutra e monocórdia, aquele que foi considerado o mais falador dos «arrependidos» tinha anteriormente relatado ao júri «a supressão do refém Aldo Moro» – presidente da Democracia Cristã – em maio de 1978, e assegurado que essa «solução» tinha sido aprovada por todas as brigadas, por uma pequena diferença de votos.

António Savasta afirmou que, depois do caso Moro, houve duas «grandes importações» de armas fornecidas pela Organização Palestina.

A primeira era proveniente de Chipre e a segunda fez-se através da fronteira com a França.

Quinhentos conselheiros cubanos saíram de Angola

Um grupo de cerca de 500 conselheiros civis cubanos deixou Angola durante as últimas semanas, indicou ontem o «Times» de Londres.

Segundo o diário britânico, «essa informação foi comunicada pelo embaixador de Cuba em Angola a um diplomata do Terceiro Mundo». Cerca de quatrocentos desses cubanos trabalhavam para o Ministério angolano da Construção, que deixou de ter trabalho para eles, acrescenta o «Times», precisando que a sua partida «não está ligada a motivos políticos».

Segundo o jornal, a presença cubana em Angola é avaliada em 25 000 pessoas, 6500 das quais são conselheiros civis. O diário britânico indica por último ignorar se outros grupos de cubanos regressarão proximamente a Havana.

Kaunda-Botha

O primeiro-ministro sul-africano, P. W. Botha, e o presidente zambiano Kenneth Kaunda, chegaram separadamente a Kopfontein Gate, África do Sul, para uma cimeira.

As conversações desenrolar-se-ão numa casa prefabricada junto da fronteira entre a África do Sul e o Botswana. A casa, térrea, está rodeada por enormes medidas de segurança e helicópteros sobrevoam a zona.

O local exacto das conversações fora mantido secreto. Aparentemente, metade do prefabricado encontra-se no lado sul-africano e a outra metade no lado do Botswana.

BANCO DE PORTUGAL

DEPARTAMENTO DE EMISSÃO E TESOURARIA

AVISO

O Banco de Portugal leva ao conhecimento do público que vai pôr em circulação por intermédio das Instituições de Crédito as moedas de 25$ e 100$ comemorativas da Autonomia Regional dos Açores e da Madeira, criadas pelo Decreto-Lei n.º 299/80, de 16 de Agosto.

Lisboa, 30 de Abril de 1982

BANCO DE PORTUGAL
A Administração
José Luís Nogueira de Brito
Rui Manuel Parente Chancerelle de Machete

VILA FRANCA DE XIRA

EUROPA

A partir do dia 30 de Abril, os assinantes do Grupo de Redes de Vila Franca de **Xira**, passam a ter acesso directo aos **países** da Europa com ligações **internacionais automáticas**.

Para obter a ligação basta marcar o **Indicativo Europeu 00, seguido do Indicativo do País, do Indicativo da Zona ou Localidade** e, finalmente, do número de telefone desejado.

Para informações mais detalhadas consulte o folheto «Vila Franca de Xira-Europa».

CTT TELECOMUNICAÇÕES

Malvinas: vontade britânica de utilizar a força "com a maior moderação"

O «bloqueio total britânico» nas 200 milhas em redor das ilhas Malvinas principiou, confirma-se às 12 horas de Lisboa.

A Grã-Bretanha afirmou que o anúncio argentino de um bloqueio semelhante na mesma área não alteraria os planos de batalha da sua força no Atlântico Sul.

As autoridades britânicas disseram que a sua força abateria quaisquer aviões inimigos e afundaria os navios hostis encontrados na área.

Os aviões argentinos estacionados na capital das ilhas também enfrentam a possibilidade de um ataque – anunciou o Ministério da Defesa de Londres.

A Argentina rejeitou ontem as propostas americanas para se chegar a uma solução negociada para a «crise das Malvinas» e decidiu responder directamente pela força ao bloqueio aéreo instaurado pela Grã-Bretanha em redor das ilhas a partir das 12 horas de hoje, fazendo aumentar a escalada da tensão na região, segundo comentário da France Presse. De fonte argentina precisa-se que, «embora as propostas americanas não sejam satisfatórias», podem no entanto servir de base para a negociação, com algumas modificações.

No entanto, «a iminência de um confronto militar no Atlântico Sul aumenta em cada hora que passa» – diz o ministério britânico da Defesa que não reconheceu a «instauração, por Buenos Aires», de uma zona de exclusão marítima e área de 200 milhas ao longo das suas costas e em redor do arquipélago das Malvinas.

Com formulações quase idênticas, os dois países (Reino Unido e República da Argentina) anunciaram que qualquer navio ou avião «em movimento ou imóvel» – que se encontre nas suas respectivas zonas será considerado «hostil».

A vontade britânica de utilizar a força «com a maior moderação» parecia no entanto excluir para já um ataque inglês maciço contra o arquipélago.

Com efeito, a Grã-Bretanha joga com o bloqueio das Malvinas para obter a retirada militar argentina, enquanto a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, reafirmou a sua inteira confiança na «missão de bons ofícios» do secretário de Estado americano, Alexander Haig.

A sra. Thatcher definiu ontem pela primeira vez a oposição britânica, perante os deputados: retirada das forças argentinas e termo da sua ocupação ilegal das ilhas, restauração da administração britânica, procura de uma solução a longo prazo que seja aceitável, não apenas pelas partes mas também pelos habitantes das ilhas, que na grande maioria as «abandonaram já».

Em Londres o deputado trabalhista Tony Benn acusou o Governo britânico de se servir da «crise» para desviar a atenção da opinião pública dos problemas que gravemente afectam a economia britânica.

Na capital argentina, a Junta Militar decidiu por, seu turno, ontem à noite, impor a censura às informações provenientes do estrangeiro e a tudo o que diz respeito às operações militares e à segurança nacional.

As informações difundidas a partir da Argentina pelas agências de imprensa internacionais serão a partir de agora controladas por Buenos Aires, no quadro das medidas tomadas pelas autoridades militares, diz a France Presse.

Na sede do Estado-Maior das Forças Armadas Argentinas foi novamente aberto um gabinete onde são recebidos voluntários. Dirigiram-se para lá milhares de pessoas.

Por último, refira-se, o ministro argentino dos Negócios Estrangeiros, Nicanor Costa Mendez, deve avistar-se esta tarde nas Nações Unidas com o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar. Esse encontro é esperando com tanto mais interesse quanto coincidirá mais hora menos hora, com a aplicação do bloqueio total das Malvinas pelas Forças Armadas britânicas.

De La Paz a Manágua

A Bolívia decidiu enviar auxílio militar à Argentina, no caso desta lho pedir, afirmou ontem em La Paz o ministro boliviano da Defesa, general Jorge Echazu.

Desde o começo da crise das Malvinas, em 2 de Abril passado, as autoridades bolivianas tomaram posição a favor de Buenos Aires, afirmando que «qualquer agressão contra a Argentina constituiria uma agressão contra toda a América Latina».

O presidente da Venezuela, Luís Herrera Camppins, declarou ontem que o seu país está actualmente a rever as suas relações comerciais com a Grã-Bretanha.

Este «endurecimento» da posição venezuelana em relação a Londres poderia, segundo os observadores, conduzir a anulação duma encomenda de 24 aviões de combate britânicos do tipo «Hawk», bem como a ruptura das relações comerciais e a revisão dos contratos existentes entre os dois países.

O governo argentino recebeu, entretanto o apoio da maioria dos representantes dos países produtores de açúcar da América Latina e das Caraíbas, reunidos em Manágua, após a decisão da Comunidade Económica Europeia (CEE) de suspender as importações provenientes da Argentina.

Senado americano

O senado dos Estados Unidos votou uma resolução que pede ao Governo para «prosseguir todos os esforços» para que a Argentina retire as suas tropas das ilhas Malvinas.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

El Salvador

Magana eleito presidente provisório

O economista Alvaro Magana, apoiado por três partidos de direita e pela democracia-cristã, foi ontem eleito presidente do Salvador a título provisório pela Assembleia Constituinte, por 36 votos contra 17 para o candidato da Aliança Republicana Nacionalista. A candidatura de Alvaro Magana fora recomendada pelas Forças Armadas, que são favoráveis a um governo de consenso dirigido por um independente.

Magana, presidente do Banco Hipotecário do Salvador é considerado como o pai da nacionalização do sector bancário, reuniu mais seis votos do que a maioria absoluta.

A ARENA (Aliança República Nacionalista) do major Roberto D'Aubuisson, presidente da Assembleia, tinha apresentado o seu próprio candidato, Hugo Barrera.

Avião hondurenho

Continuavam, hoje de manhã, ainda 36 pessoas em poder dos quatro guerrilheiros das Forças Populares de Libertação Nacional que se apoderaram do avião «Dash-7» das Linhas Aéreas Hondurenhas que se encontra imobilizado desde quarta-feira de manhã no aeroporto de Tegucigalpa.

Na quinta-feira de manhã, os guerrilheiros exigiam a libertação de 30 presos políticos contra a restituição à liberdade dos 36 reféns, que ainda se encontravam a bordo e contra o pagamento de 125 000 dólares, em vez dos 500 000 inicialmente exigidos.

Nova ofensiva do Irão

As forças iranianas «apoderaram-se das primeiras linhas» iraquianas situadas no Irão, pouco depois do início da operação desencadeada na noite de quinta-feira para sexta-feira, indica um primeiro comunicado difundido por Rádio Teerão.

Segundo esse comunicado, essa nova ofensiva – que foi lançada às 00.30 h locais de hoje (22.00 de Lisboa de quinta-feira) – foi baptizada com o nome de código de «Cidade Santa» e decorre na frente Sul (Cuzistão). Participam nela «as Forçar Armadas e os Guardas da Revolução».

A operação «Cidade Santa», precisa o comunicado, foi desencadeada «na véspera do quadragésimo dia depois da morte dos mártires que caíram durante a operação Fath Al Mobine».

A operação «Fath» («Vitória»), rebaptizada com o nome «Fath Al Mobine» («Vitória Evidente») tinha permitido aos iranianos, no fim do mês de Março, reconquistarem o controlo de cerca de 2000 quilómetros quadrados de território iraniano ocupado há mais de 18 meses.

O Iraque afirmou já que repeliu a ofensiva iraniana, na região de Susangerd, reclamando ter causado pesadas baixas ao inimigo.

ESTREMOZ ELVAS

EUROPA

A partir do dia 30 de Abril, os assinantes do Grupo de Redes de Estremoz e da Rede de Elvas, passam a ter acesso directo aos países da Europa com ligações internacionais automáticas.

Para obter a ligação basta marcar o **Indicativo Europeu 00, seguido do Indicativo do País, do Indicativo da Zona ou Localidade** e, finalmente, do número de telefone desejado.

Para informações mais detalhadas consulte o folheto «Estremoz, Elvas-Europa».

TELECOMUNICAÇÕES

1º DE MAIO
MANHÃ DESPORTIVA

FESTIVAL GIMNODESPORTIVO
ESTÁDIO 1º DE MAIO -8 horas

GINÁSTICA • BASQUETEBOL • VOLEIBOL
FUTEBOL DE SALÃO • TÉNIS DE MESA
XADREZ • ANDEBOL • ATLETISMO
PROVAS ESPECIAIS PARA DEFICIENTES

CORRIDA INTERNACIONAL
1º DE MAIO
Partida do ESTÁDIO
1º DE MAIO - 10 horas

Prova de 15 Kms pelas principais artérias de Lisboa, aberta a atletas federados e não federados

CGTP-IN

Primeiro de Maio

A demissão do Governo e uma nova política serão exigidas nas comemorações da CGTP

As comemorações do 1.º de Maio, promovidas pela CGTP/Intersindical em 65 conselhos de todos os distritos do Continente e nas Regiões Autónomas dos Açores e Madeira constituirão uma «manifestação clara da exigência da demissão do Governo e por uma nova política que contribua para a resolução dos problemas dos trabalhadores», como foi recentemente anunciado em conferência de imprensa pela central sindical.

Inseridas na luta que os trabalhadores têm vindo a desenvolver, em especial a greve geral de 12 de Fevereiro, as comemorações do movimento sindical unitário serão igualmente de solidariedade com os trabalhadores das empresas em luta contra a repressão patronal ou em defesa dos seus direitos e actualização do poder de compra perdido, bem como os trabalhadores de todo o mundo, «em especial os que sofrem a opressão do fascismo, o racismo, o sionismo e o colonialismo».

O Estádio 1.º de Maio, à Avenida Rio de Janeiro, em Lisboa, será amanhã palco de grande parte das iniciativas do Dia do Trabalhador, nomeadamente uma manhã desportiva; na Alameda D. Afonso Henriques haverá uma manhã infantil. Cerca das 14 horas iniciar-se-à um desfile entre o Martim Moniz e a Alameda, onde haverá um comício sindical.

As comemorações serão encerradas com um espectáculo que contará com a participação de Carlos Paredes, Fernando Alvim e Celeste Amorim e a Go Graal Blues Band

Porto

O programa comemorativo do 1.º de Maio divulgado pela União dos Sindicatos do Porto (CGTP) inclui provas desportivas, uma festa da criança e um espectáculo popular, culminando com uma concentração comício e desfile, convocados para a Praça Humberto Delgado, da capital nortenha.

De referir que a utilização do centro da cidade do Porto para as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador foi requerida pelas duas organizações sindicais (CGTP e UGT), tendo o governador civil decidido conceder autorização à segunda. Assim, a USP acusa o chefe do distrito de «em flagrante violação da lei e dos direitos fundamentais pretender regulamentar os direitos de reunião e manifestação por despacho».

«Comunicamos em 4 de Maio de 1981 ao governador civil do Porto, segundo os precisos termos contidos na lei, que iríamos realizar na Praça Humberto Delgado, na Avenida dos Aliados e na Praça da Liberdade, em 30 de Abril e 1 de Maio, as comemorações do 1.º de Maio de 1982» – afirmam os dirigentes da União dos Sindicatos do Porto.

O governador civil, por seu turno, afirma que a USP «repele o direito de liberdade sindical garantido pela Constituição, arrogando-se a representatividade exclusiva de todos os trabalhadores portugueses e apelidando a UGT de provocadores e divisionistas».

Rocha Pinto afirma também que aquela central sindical «invoca em nome da lei direitos históricos que nenhuma disposição legal lhe confere e nega à autoridade administrativa o dever de tomar providências para evitar a todo o tempo contra-manifestações e confrontações».

Sobre este diferendo, o comando da PSP do Porto também divulgou um comunicado em que diz que vai «tomar todas as medidas legais ao seu alcance para assegurar o direito de a UGT realizar a concentração e manifestação na Praça Humberto Delgado.

O arlarmismo criado pela posição do Governo Civil do Porto visa impedir que os trabalhadores se manifestem

— *Diz um dirigente da USP*

«Vamos cumprir o nosso programa, fazer a nossa jornada, não nos confrontamos com ninguém, não acreditamos em confrontações. Aliás, confrontações com quem? Não há hipótese». Estas declarações foram feitas ao «DL» por Salgueiro Barros, do Secretariado da USP/CGTP-IN a propósito da situação criada pela posição do governador civil do Porto em relação às comemorações do 1.º de Maio.

Para aquele dirigente «todo este alarmismo apenas visa impedir que os trabalhadores se concentrem na jornada do 1.º de Maio, como sempre o têm feito».

A possibilidade de as comemorações redundarem em confrontação é aliás uma tecla que alguns órgãos de Comunicação vêm tocando nos últimos dias, tendo a UGT, para quem o governador civil do Porto **reservou** este ano a Praça Humberto Delgado e a Avenida dos Aliados, feito já inclusivamente um apelo às forças da ordem.

Salgueiro Barros, comentando para o «DL» estas posições respondeu: «Apelos par quê?, estão a pedir à Polícia que vá bater nos trabalhadores?, não entendo».

A posição da USP, ainda segundo aquele dirigente, não oferece dúvidas: «Não é só uma questão de legalidades que queremos ver respeitada, é também um problema de legitimidade e nisto não é o governador civil que faz as leis. Por outro lado, a Baixa portuense, a Praça Humberto Delgado e a Avenida dos Aliados são como que um santuário e um local de luta e de festa neste tipo de comemorações, desde o 25 de Abril e onde, aliás, mesmo antes dessa data nos manifestámos já.

Salgueiro Barros, para quem o problema é só o de «estarem a querer impedir uma jornada de luta», disse-nos a concluir que «o problema é para a UGT, não é para nós. Como é que a UGT vai tirar 100 ou 200 mil pessoas da Baixa»?

Advogados consideram ilegal a posição do Governador Civil

De acordo com um parecer subscrito por mais de uma dezena de advogados do Porto, disse-nos ainda a USP que o acto do governador civil, ao proibir a organização sindical de comemorar o 1.º DE Maio na Praça Humberto Delgado, «é nulo, por ofensivo dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos e constitui crime previsto e punido pela lei». Segundo o mesmo parecer, «nada impede – não há qualquer preceito de lei nesse sentido, nem pode o governador civil criá-lo – que duas organizações políticas ou sindicais se possam manifestar no mesmo local».

UGT

Não à queda do Governo mas... uma outra política

Para o 1.º de Maio, que amanhã se comemora, a UGT elaborou um programa que, além de espectáculos e provas desportivas, inclui uma intervenção de Torres Couto, no Parque Eduardo VII, em Lisboa, cerca das 17 horas e uma concentração no Porto, às 14 e 30, para o mesmo local onde a CGTP realizará as suas comemorações: a Praça Humberto Delgado e a Avenida dos Aliados.

A UGT alega que foi autorizada pelo governador civil do Porto a utilizar aquela praça e não abdicará de o fazer. A CGTP, por seu turno, e apoiada por um parecer de dezenas de juristas, denuncia a ilegalidade da decisão do chefe do distrito, de «conivência com o Governo», que não passa de «uma tentativa de impedir que os trabalhadores manifestem o seu repúdio contra a política de desastre da AD».

Sobre este incidente inserimos noutro local, desta página, as diversas posições das partes envolvidas.

Segundo há dias Torres Couto anunciou em conferência de Imprensa, a UGT, nas suas comemorações não vai dizer «abaixo o Governo, mas exigir uma mudança de política».

Lista A venceu nos Bancários

A lista A, conotada com a UGT e afecta à direcção cessante, venceu as eleições ontem realizadas no Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, segundo um informador sindical.

De acordo com resultados provisórios, divulgados, a Lista A conquistou 13 373 votos para a direcção, contra os 10 815 da B, afecta à CGTP, e os 1010 e 246 das listas C e D afectas, respectivamente, à UEDS e ao PCPTP/MRPP.

Votaram 24 544 sócios, com uma afluência de 69,58 por cento, havendo ainda 525 votos nulos e brancos.

Para a mesa da Assembleia Geral, a lista A conseguiu 13 425 votos, contra 10 669 da B, 1079 da C e 256 da D.

Houve 534 votos nulos e brancos e votaram 24 516 sócios, com uma afluência também de 69,58 por cento.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

OFERECE-LHE AS MAIS ALTAS TAXAS DE JURO

4% PARA DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 150 CONTOS

18,5% PARA CONTAS DE COFRE MEALHEIRO

NOS DEPÓSITOS A PRAZO

21,5% DE 181 DIAS A 1 ANO

23% A MAIS DE 1 ANO

BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

GRAFIDEC

Lisboa • Porto • Amadora • Amiais de Baixo • Arco de Baúlhe • Aveiro • Avis • Beja • Braga • Bragança • Cacém • Caneças • Castelo Branco Coimbra • Cruz da Légua • Duas Igrejas • Estarreja • Estoril • Évora • Faro • Freamunde • Fundão • Gondomar • Guarda • Lagoa • Laranjeiro Leça da Palmeira • Leiria • Macedo de Cavaleiros • Maia • Mealhada • Moita • Montalegre • Paços de Brandão • Portalegre • Sacavém Santarém • Santo António das Areias • S Pedro de Sintra • Santo Ovídeo • Setubal • Souto • Valadares • Valpaços • Viana do Castelo Vila das Aves • Vila Fresca de Azeitão • Vila Real • Viseu

Primeiro de Maio•Primeiro de Maio•Primeiro de Maio•Primeiro de Maio

"CGTP está longe de ser monolítica" —*diz Joaquim Calhau*

«A CGTP está longe de ser uma central monolítica e só uma certa falta de visão, o desconhecimento ou a apatia em relação ao movimento sindical podem fazer criar essa ideia», afirma Joaquim Calhau, precisamente um dos elementos que na Comissão Executiva e no Secretariado representa uma das várias correntes da opinião sindical.

Defensor acérrimo do socialismo autogestionário que vê na cultura a «arma do trabalhador para transformar a sociedade», Joaquim Calhau interroga-se sobre um «monolitismo» que alberga ao nível dos seus órgãos máximos trabalhadores que ideologicamente se situam entre o PS e a UDP. E a seguir reafirma: «Que não haja dúvidas, dentro da CGTP cabem todos aqueles que se submetam à democracia interna.» E esta é entendida e praticada, a partir da base (locais de trabalho) onde todos os problemas são discutidos até ao topo – plenário geral de sindicatos – órgão que colegialmente define as grandes opções político-sindicais da central.

Sublinhada a realidade iniludível que é a democracia interna no seio da CGTP, aquele dirigente sindical não deixa de referir, a grande amizade que une os nove elementos da Comissão Executiva onde, acrescenta com um certo orgulho, nunca foi necessário recorrer a uma votação para se chegar ao consenso «e isto sem marginalizar seja quem for».

O mesmo se passa em relação ao Secretariado. «É claro que aqui se reflectem muito mais vivamente as posições, dificuldades e problemas dos diversos sindicatos, Uniões e Federações. Aqui a dinâmica é outra, mais viva, mais polémica.» Mas «em jogo» estarão sempre os superiores interesses dos trabalhadores e da própria central, quer interna quer externamente. Este princípio **pesou,** por exemplo, aquando da discussão do caso da Polónia. «Não era por uma só corrente que iríamos prejudicar todo o movimento sindical, **seja ela qual for**.»

O peso dos comunistas

Para Joaquim Calhau, só a «superficialidade» e o «bluff» dos criadores de factos políticos podem fazer afirmações-tipo «a Inter é igual a PCP». Para o dirigente sindical, uma análise cuidada da realidade evidencia que «nem o próprio PCP estaria interessado em disputar sozinho a CGTP». Na sua óptica, «na actual situação portuguesa e o próprio posicionamento geográfico do país fazem com que o PCP nunca deseje extremar posições dentro da central . . . até porque deixaria de ter tantas vantagens como tem com o movimento sindical unitário». Mas se a corrente comunista tem uma inegável força dentro da Inter isso deve-se, sobretudo, à sua grande capacidade de militância. Em tom de autocrítica Joaquim Calhau afirma: «É que as outras correntes de opinião não podem estar à espera que sejam os militantes do PCP a fazerem o que nós próprios temos que fazer.»

Entre os milhares de militantes sindicais coexistem uma diversidade de correntes de opinião que utilizam a «arma do diálogo» para preservarem a unidade que, nas questões essenciais, tem sido salvaguardada. Para Joaquim Calhau «a luta política no movimento sindical dá-lhe vivacidade e as várias correntes de opinião devem assumir as suas responsabilidades».

No que diz respeito à UGT, e não esquecendo os objectivos com que foi formada, ressalta o «contra-senso que é uma grande força socialista estar ligada à direita». O dirigente da CGTP não deixa de sublinhar que a possibilidade de um diálogo entre as duas organizações sindicais só será possível a partir do momento em que a UGT apareça a defender «em termos transparentes» os direitos dos trabalhadores e desde que a sua estrutura seja globalmente representativa. «Não constitui barómetro de seriedade o facto de a UGT formar sindicatos paralelos sempre que perde eleições sindicais.» Mas de qualquer forma, o que é inegável, é o facto de dentro da Intersindical militarem milhares de socialistas com dirigentes eleitos para o próprio Secretariado da central.

Joaquim Calhau

As críticas

O ambiente de unidade e a própria democracia interna que se «respira» dentro da Inter permitem o desenvolvimento da capacidade crítica. Neste sentido, Joaquim Calhau afirma que uma das questões que mais frequentemente se lhe coloca é a «necessidade de combater a influência que a actividade partidária tem sobre a militância sindical. E isto ao nível de todas as forças políticas e não só desta ou daquela». Na perspectiva daquele dirigente, só assim será possível aprofundar a influência da CGTP «que tem força para alterar a situação política». O exemplo máximo desta afirmação serão as alterações verificadas no país após a greve geral: «A modificação da **linguagem** do PS e o acentuar das contradições AD/Governo que nunca mais se calou com a greve geral até encontrar novos factos políticos.» Outra crítica residirá no facto de, por vezes, se considerar que «o mais importante é vencer as eleições nos sindicatos». Ora isto é «pernicioso quando essa luta não é séria e honesta. Se se recorre à mentira e à calúnia isso prejudica a unidade dos trabalhadores». Também nestas questões interferem, quantas vezes, as forças partidárias.

Perfil

Joaquim Calhau começou a trabalhar muito novo e, até aos 18 anos foi criado de servir na agricultura. Depois foi servente de pedreiro e, nessa altura tirou a quarta classe. Continuou a estudar até arranjar emprego num banco. A sua «consciência de classe» foi-se desenvolvendo à medida que avançava, nos estudos – a cultura arma da libertação dos trabalhadores, é o seu lema. Começou por militar na Juventude Operária Católica, de 1957 a 1968, de onde haveria de nascer o Centro de Cultura Operária (CCO), embrião da base-FUT (Frente Unitária de Trabalhadores), constituida em 1976.

Militante e dirigente desta organização política que defende o socialismo autogestionário como forma superior de organização dos trabalhadores, Joaquim Calhau encontra também na CGTP a capacidade, a força e a unidade necessária para prosseguir os objectivos que defende.

Este «dossier» sobre o Primeiro de Maio de amanhã foi organizado por Áurea Sampaio

Realizar a esperança

Foi há oito anos. Abril, imparável, era referendado em Maio. Pelas ruas as pessoas davam-se cravos vermelhos e água para matar a sede enquanto nos olhos, as lágrimas testemunhavam o inacreditável – a liberdade. No estádio, pela força da vontade já chamado 1.º de Maio, discursavam Mário Soares e Álvaro Cunhal – o consubstanciar da unidade. Este povo enterrava, finalmente, as glórias caducas que sua a cultura oficial pretendia preservar a identidade nacional e descobria novos heróis: os capitães de Abril e os resistentes que da clandestinidade e do exílio transportavam o direito à esperança.

Para aqui chegarmos a luta foi dura. «Dias antes do 1.º de Maio começávamos a passar uma senha», diz Joaquim da Rocha, tipógrafo-linotipista, trabalhador da EPNC (zona 3, Capital) e dirigente sindical. Aqui em Lisboa, as comemorações eram feitas nos arrabaldes, em pequenos restaurantes metidos em quintas. «Arranjávamos autocarros que passavam por diversos sítios a recolher os pequenos grupos que se formavam. Mas era muito difícil».

Grandes acções de luta foram desencadeadas pelos tipógrafos para conseguirem o feriado no Dia do Trabalhador, finalmente consagrado em 20 de Fevereiro de 1945, no contrato então celebrado entre o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos e o Grémio Nacional dos Industriais Gráficos. Mas já desde 1942, um Despacho governamental dizia que os jornais não se publicavam nos dias que a tradição consagrava. «Era a ambiguidade que os tipógrafos interpretaram à sua maneira» desfia a memória de Joaquim Rocha. Claro que o direito ao descanso imposto pela luta dos tipógrafos implicava a não publicação dos jornais, facto que incomodava o regime salazarista. A repressão não se fazia esperar tentando sempre, através do medo, demover a vontade dos trabalhadores. «Dias antes havia sempre prisões daqueles que mais se destacavam pela sua combatividade. Por isso muitos desapareciam antes do 1.º de Maio. Quando a PIDE chegava a casa para os levar, já lá não estavam».

Pelos olhos do velho dirigente sindical que, confessa, começou a sua acção integrado nas fileiras anarquistas, perpassam as imagens desses dias. «Tudo se passava como se estivessemos num inofensivo piquenique. Comíamos e bebíamos. Depois faziam-se grupos que liam textos, cantavam canções. Havia sempre intervenções em que eram dadas informações sobre as lutas que se desenvolviam no país. Saíamos sempre desses encontros colectivos com mais coragem para enfrentar o dia a dia».

Coragem que, muitas vezes, não demorava muito a ser posta à prova.

«Uma vez, vindos dos lados de Benfica, os autocarros foram interceptados no Terreiro do Paço pela Polícia de Choque que entrou por eles dentro a interrogar as pessoas: «Para onde vão, donde vêm?». Um Estado erigido à sombra do terror. Mas havia sempre quem o desafiasse. Joaquim Rocha relembra os nomes de velhos companheiros sindicalistas, que nunca voltaram as costas: Carlos Mascarenhas, Adolfo Mendes, Lúcio (chefe da tipografia do jornal «Diabo»)...

Mas foi a partir da década 60/70 que «a consciência de classe» se afirmou com maior plenitude. A partir daqui começaram a organizar-se com maior força as manifestações do 1.º de Maio. Lisboa e Porto eram sempre palco de grandes confrontações entre manifestantes e polícia. E foi assim até 1974.

Amanhã, oito anos volvidos, os trabalhadores vão festejar mais um 1.º de Maio em liberdade. Mas vão comemorá-lo separados. Uns estarão na Alameda, outros no Parque Eduardo VII. E assim será um pouco por todo o país.

Os cépticos limitar-se-ão a registar mais um «dado quimicamente puro» para justificar o seu alheamento, os inimigos da democracia esfregarão as mãos de contentes, os sectários «sacudirão a água do capote» e vão dizer que a culpa é dos outros... Mas se a unidade é reconhecida por todos como condição essencial para que os trabalhadores sejam donos do seu próprio futuro, caberá então perguntar quem é responsável pela divisão, quem a fomenta, a quem serve? Não iludindo as respostas não haverá festas nem lutas separadas porque todos os trabalhadores, sem excepção, são necessários para realizar a esperança.

Áurea Sampaio

MARTIM MONIZ - ALAMEDA 14.30 H

1º de Maio dia Mundial dos Trabalhadores

Manifestação

CONTRA A POLÍTICA DA AD
PELA DEFESA DOS INTERESSES E DIREITOS DOS TRABALHADORES
PELO REFORÇO DA UNIDADE E ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO SINDICAL
PELA PAZ, PELO DESARMAMENTO E PELA COOPERAÇÃO ENTRE OS POVOS
PELA DEFESA DO 25 DE ABRIL
AD FORA DO GOVERNO!

U.S.L. / CGTP-IN • USS / CGTP-IN • CIL e CIS

Primeiro de Maio•Primeiro de Maio•Primeiro de Maio•Primeiro de Maio

Continuação desta política irá atirar o País para um beco sem saída — afirma Torres Couto

Segundo Torres Couto, secretário-geral da UGT, as recentes medidas anunciadas pelo ministro João Salgueiro constituíram um autêntico *requiem* quanto à viabilidade de aquela organização sindical conseguir algum consenso com o Governo. A UGT reivindica, portanto, uma alteração imediata da política, cuja continuação «poderá atirar este país para um beco sem saída e pôr em perigo a democracia». Neste sentido deverá intervir Ramalho Eanes pois, neste momento, «não há uma maioria social que apoie o Governo». Torres Couto falou também ao «DL» sobre a «unidade na acção» necessária entre a CGTP e a UGT, sobre a representatividade e os princípios que presidem à formação de sindicatos paralelos e ainda sobre o 1.º de Maio que, no Porto, pode ser «grave».

DL – Como é possível a coexistência de duas tendências, socialista e social-democrata, que, pelos menos externamente, se situam em campos opostos?

TC – A UGT é uma organização de trabalhadores e aquilo que as une no seio da UGT é essa sua qualidade. Não é o facto de serem militantes deste ou daquele partido, não é defenderem este ou aquele projecto mas sim o não quererem ser explorados, despedidos, verem o seu poder de compra degradar-se... E penso que aquilo que aparece como uma incompatibilidade não tem razão de ser até porque o Movimento Sindical costuma ter uma perspectiva unitarista e o que me parece é que quem defende essa perspectiva defende todos os trabalhadores. De facto nós na UGT temos trabalhadores que sob o ponto de vista ideológico se situam na área ou do PS ou do PSD, mas não rejeitamos a hipótese de no seio da UGT se albergarem outros trabalhadores.

Por conseguinte: somos todos trabalhadores por conta de outrem que é o grande denominador comum que permite uma dinâmica e uma eficácia significativa na vida da UGT.

DL – Mas isso não quererá dizer que, pelo menos a nível sindical, socialistas e sociais-democratas têm a mesma estratégia?

TC – Eu penso que a prática tem demonstrado que a UGT tem mantido uma certa base ampla de consenso. Isto não significa rigorosamente que pensemos todos da mesma maneira, não significa que não tenhamos pontos de vista divergentes perante algumas questões concretas, no entanto, procuramos construir a unidade a partir das diversidades existentes numa discussão profunda tendo sempre em vista aquilo que nós entendemos ser a defesa dos interesses dos trabalhadores.

Unidade na acção

DL – Você tem por várias vezes preconizado a unidade na acção com a CGTP. Isso é uma proposta pessoal ou corresponde a uma posição global da UGT?

TC – Digamos que é uma proposta pessoal e também da UGT. Eu estou perfeitamente convencido que o movimento sindical português e os trabalhadores portugueses não conseguirão encontrar soluções compatíveis para os problemas graves que o país atravessa enquanto se mantiver esta divisão do movimento sindical. Refiro-me a esta divisão do dia-a-dia: nos processos de negociação colectiva e também na estratégia sindical. Penso que o facto de haver duas centrais sindicais não devia ser, não deve ser por mais tempo um factor que impeça darmos passos concretos na construção de uma frente mais ampla dos trabalhadores que permita fazer face a políticas nefastas aos interesses de quem trabalha como são, nomeadamente, as políticas quer sectoriais quer a política global que o governo AD está neste momento a impor à classe trabalhadora. E por conseguinte, eu defendo essa posição com muita força e hoje a UGT não exclui, antes pelo contrário, a possibilidade de explorar todas as vias de diálogo com a CGTP.

Isso não corresponderia nem significaria que qualquer uma das centrais perdesse a sua autonomia ou tivesse que renunciar a posições e princípios fundamentais mas valeria a pena fazer-se um esforço muito grande de consenso nas áreas em que esse consenso fosse possível.

DL – Mas há sectores dentro da UGT que se têm manifestado abertamente contra essa unidade na acção com a CGTP...

TC – Eu penso que quando nós fazemos esta proposta de unidade na acção, quando mostramos esta disponibilidade ela é capaz de ter uma componente mais forte do lado dos socialistas que dos sociais-democratas, embora eu queira dizer que dentro da UGT, felizmente, existe uma grande zona de consenso em relação a esta questão. Sempre que o diálogo, sempre que a unidade perseguir como objectivo a defesa concreta e desde que salvaguardem os interesses da classe trabalhadora não se porá qualquer dificuldade. Há pouco tempo atrás, numa entrevista que dei a um semanário tive o cuidado de dizer que os sindicalistas que se opusessem ou que se vierem a opor à unidade na acção quando estiverem em jogo, no respeito pela autonomia e pela independência sindical, questões que digam respeito à defesa dos interesses da classe trabalhadora, esses sindicalistas seriam autenticamente esmagados pela dinâmica que um processo desses inevitavelmente geraria. Por isso mesmo diria que seria uma questão, não pacífica, mas que não seria difícil podermos a médio prazo construir bases muito sólidas entre as centrais sindicais e um diálogo que poderia constituir uma infra-estrutura poderosa à constituição de uma frente de unidade sindical. Temos hoje o exemplo do movimento sindical italiano onde, apesar de uma grande diversidade na base, as três centrais sindicais conseguiram construir uma superstrutura onde efectivamente dirimem os seus conflitos quer estratégicos quer tácticos e apresentam soluções unitárias aos trabalhadores, aos parceiros sociais e ao governo.

O exemplo italiano era ver um figurino que eu gostaria de ver implementado em Portugal e pelo qual continuarei a lutar.

A representatividade da UGT

DL – Que condições estariam subjacentes à efectivação dessa unidade?

TC – Eu penso que nem sequer havia condições a pôr à CGTP. E isto porque podemos ter algumas divergências com a CGTP, mas reconhecemos a CGTP. Podemos discordar de algumas das suas posições mas respeitamo-la. O que entendemos é que essa unidade teria que corresponder à partida, a uma vontade comum mas que não tinha que ficar condicionada a um horizonte temporal determinado. Devia ser uma vontade a ser explorada no dia a dia, incessantemente, e que deveria ser construída nas zonas e nas áreas onde isso fosse possível. Da nossa parte não haveria qualquer condição a não ser uma que é importante: que nos reconhecessemos mutuamente. E a partir do momento em que nos reconhecessemos, embora divergindo, creio que o importante era conversarmos, era discutirmos. Se não conseguíssemos entendimento, nenhuma das organizações tinha nada a perder e os trabalhadores não ficariam numa situação pior do que têm hoje.

A UGT não sente a necessidade de fazer «uma multidão de trabalhadores correr atrás de si»

Todos os acordos, por mais pontuais que fossem, que conseguíssemos, seriam muitíssimo positivos para a luta dos trabalhadores portugueses.

DL – A UGT não parte então do princípio de que todo o vento que sopra da Vítor Cordon é mau...?

TC – Pelo contrário. Não partimos desse princípio e eu pessoalmente nunca parti desse princípio. E tenho o cuidado de dizer que há muitas zonas, há muitas áreas onde não há divisões entre a UGT e a Intersindical. Eu, por exemplo, sou membro do Conselho Nacional do Plano onde estou em grande minoria em relação à delegação sindical que representa a CGTP. Pois aí não me lembro de alguma vez ter assumido uma posição divergente das posições da Intersindical. Pelo contrário a maior parte das propostas que são apresentadas nos documentos do bloco sindical são documentos que têm o meu apoio e até levam a minha assinatura. Isso significa que eu não me posiciono numa perspectiva primária de obstrução a um projecto que não é coincidente com o meu. E o que se passa no Conselho Nacional do Plano, esse exemplo, penso que seria, com mais ou menos dificuldade, possível estender a outras áreas de intervenção do movimento sindical.

DL – Quantos sindicatos tem a UGT e quantos trabalhadores efectivamente representa?

TC – A UGT tem, neste momento, 51 sindicatos e nós reivindicamos para nós a representatividade de aproximadamente um milhão de trabalhadores. E quero-lhe dizer que é um processo gerador de alguma discussão no campo da representatividade porque, geralmente, somos confrontados com um número bastante mais elevado de sindicatos que a Intersindical diz representar e representa efectivamente. Mas nós temos quando eu lhe digo que temos meia centena de sindicatos, digo-lhe também que só ficaria reconfortado se amanhã lhe pudesse dizer que só tínhamos 25 sindicatos. O nosso projecto para ser cada vez mais forte não deve passar por uma pulverização de sindicatos.

DL – Mas aqui há tempos um semanário dizia que um funcionário da Confederação Europeia de Sindicatos teria afirmado que a não inclusão da UGT nessa organização se devia a dúvidas sobre a vossa representatividade...

TC – Li isso, mas nem sequer tive ainda a oportunidade de o desmentir. Penso que a dinâmica da CES nem justifique um desmentido da nossa parte. Isso demonstra que o representante desse jornal falou com um funcionário muito mal colocado dentro da CES.

DL – Mas porquê?

TC – Por uma razão muito simples. É que a discussão sobre a adesão da UGT é uma discussão terminada. O relatório que o Secretariado da CES apresentou sobre a UGT é claro. O Secretariado da CES considera a UGT representativa e democrática e só não está dentro da CES pela falta de **quorum**, por um voto. E isto porque as centrais sindicais de base cristã se negaram a participar numa votação, mas nós tivemos mais do que os votos necessários para entrarmos. Portanto isso é uma notícia sem pés nem cabeça porque a discussão sobre a UGT já foi feita, já foi esgotada e neste momento a única coisa que falta decidir é a votação. Mas mesmo o problema da representatividade tem sido em Portugal muito mal discutido. Para se ser representativo na CES não tem que se representar biliões de trabalhadores. Aliás, há centrais dentro da CES muito menos representativos que a UGT portuguesa.

D.L. – Depois da greve geral a UGT declarou que iria implementar a formação de sindicatos na área dos sindicatos independentes. Não acha que essa posição se pode considerar voluntarista e que pode justificar as críticas que têm sido feitas à UGT pela forma como cria sindicatos?

T.C. – Começo pelo fim para lhe dizer que compreendo e admito as críticas, por vezes muito contundentes, que têm sido feitas aos sindicatos da UGT e à forma como a UGT cria sindicatos. Mas os sindicatos que a UGT cria, fá-lo por vontade da base e não por imposição do seu secretário-geral ou do seu Secretariado. Digo-lhe também que em muitos sectores da actividade, ou em muitas profissões nós não temos criado sindicatos, embora por vezes sintamos uma grande pressão da base para o fazermos. Um dos sectores, por exemplo, é o dos jornalistas. Sempre nos negámos a fazer isso porque compreendemos que a especificidade dos vossos problemas especialmente ligados à liberdade de informação e pelos atentados que a essa liberdade começa a viver e a sentir neste país – consideraríamos uma atitude perfeitamente criminosa para a democracia portuguesa dividirmos uma classe que é pequena. E noutros sectores o facto de existirem estruturas que são independentes das duas centrais sindicais, ou que pelo menos se afirmam como tal, também nos têm feito não dar seguimento às pressões dos trabalhadores que muitas vezes aqui vêm pedir o nosso apoio. O problema da greve geral foi muito delicado para nós porque se houve sindicatos que, de uma forma exemplar durante a greve geral, tiveram oportunidade de demonstrar que são efectivamente sindicatos independentes, outros mantiveram um silêncio cúmplice em relação à nossa greve e tiveram uma adesão espontânea à greve convocada pela Intersindical. A partir dessa altura, é óbvio, nós perdemos legitimidade para travar as pressões que da base nos vão fazendo.

D.L. – Pode concretizar?

T.C. – O caso da CP, por exemplo. Nós vamos trabalhar a sário na CP no sentido de formar um grande sindicato ferroviário. Também na construção civil. Estamos, neste momento, numa fase adiantadíssima de formação de um forte sindicato neste sector. Mesmo noutra área onde estávamos a viver numa certa passividade quanto ao problema da organização dos trabalhadores – na administração local também aí nós consideramos que o sindicato no seu conjunto tomou uma posição favorável à Intersindical e agora vamos desenvolver esforços acrescidos nesse sector.

D.L. – De qualquer forma porque é que nas eleições sindicais que se realizam a UGT não concorre com listas próprias e se sujeita ao veredicto dos trabalhadores, preferindo, pelo contrário, formar sindicatos paralelos?

T.C. – Esta questão é tremendamente pertinente e justificava, só por si, uma entrevista inteira. Mas eu digo-lhe o seguinte: ninguém neste país tem hoje a coragem de vir contestar (pelo menos publicamente) a Convenção 87 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e, por conseguinte, o princípio da liberdade sindical. Este princípio é reconhecido em todo o mundo e é reivindicado por todas as forças do progresso. Por isso os trabalhadores sao livres de se organizarem nos sindicatos que quiserem. Esta era a grande luta política entre aqueles dois conceitos de unicidade e unidade sindical. Eu sou favorável a este último e contra o primeiro.

Mas vou falar do problema de outra forma. Se a Intersindical tivesse aceitado em 1976/77 a nossa reivindicação de haver eleições descentralizadas, de haver uma alteração estrutural a nível dos estatutos dos sindicatos, de se criarem esquemas de democracia representativa nos sindicatos de âmbito nacional, coisas que na altura rotulou de antidemocráticas, de reaccionárias mas que hoje, depois da nossa saída, depois da criação da UGT começou a implementar nos seus sindicatos... existiria uma central única em Portugal, nós concorreríamos nos sindicatos.

O que disse Brejnev

Naqueles que ganhássemos assumiríamos as nossas responsabilidades, nos que perdêssemos seríamos oposição sindical. E isto porque achamos que a alternância sindical é importante sobretudo porque impede a burocratização sindical. Aliás, este conceito da burocratização não é académico, é uma preocupação hoje em todos os países do mundo, e veja-se, por exemplo o discurso do presidente Brejnev na abertura do Congresso da Confederação sindical soviética. Aí fez um aviso solene e lançou um desafio ao movimento sindical para se desburocratizar. Esse é um gravíssimo perigo do movimento sindical e por isso a concorrência interna nos sindicatos acaba por ser tremendamente salutar ao contrário daquilo que afirmam algumas pessoas. Mas, como eu lhe disse se tal tivesse acontecido nós estávamos todos na Intersindical e havia sindicatos únicos. Simplesmente isso foi-nos vedado, isso foi rejeitado. Essa nossa proposta, essas nossas solicitações mereceram sempre respostas tremendamente primárias e agrestes por parte dos responsáveis da Intersindical da altura. E a partir daí gerou-se uma coisa neste país que ninguém pode escamotear: uma dessindicalização que começou a ser maciça. Porque nós partimos de uma sindicalização a cem por cento – embora imposta na lei – para uma situação de dessindicalização que só servia ao patronato. Daí eu pensar, com toda a honestidade, que se pudéssemos ter uma única central sindical em Portugal seria melhor, era óptimo. Mas a partir do momento em que por razões objectivas e subjectivas isso não aconteceu e fazendo uma análise concreta de uma situação concreta (princípio marxista que tanta gente que dele se reivindica não aplica) devemos partir do seguinte pensamento: muito mais grave do que existirem duas centrais sindicais é existirem centenas de milhares de trabalhadores dessindicalizados. Se houver pluralismo sindical e paralelamente sentido da responsabilidade, sentido de classe e democracia sindical apesar do pluralismo, apesar da divisão as centrais sindicais saberão nos momentos difíceis, nos momentos graves para a vida dos trabadores, pôr atrás das costas aquilo que nessa altura acabará por ser uma divisão acessória e saberão unir-se no essencial. Isto é que é importante.

Continua na pág. 16

Primeiro de Maio•Primeiro de Maio•Primeiro de Maio•Primeiro de Maio

'Não chegam as palavras, é preciso que os actos correspondam a essas mesmas palavras' — diz Armando Teixeira da Silva

Para a CGTP é altamente positivo que as comemorações do 25 de Abril tenham sido comemoradas sob o lema da unidade. Mas as palavras não chegam e é necessário que as forças democráticas concretizem, na prática, aquilo que por palavras dizem defender – a alteração política que só será possível com a queda do Governo AD. Pela sua parte, a central sindical está disposta a recorrer a formas superiores de luta, inclusivamente a novas greves gerais. Em perspectiva estará mesmo uma grande movimentação de massas que, como adiantaria ao «DL» Armando Teixeira da Silva, secretário-coordenador da Intersindical, é plenamente justificada pelo amplo consenso existente (até entre sectores que apoiaram a AD) quanto à falência do actual Executivo.

Abordados também nesta entrevista, os encontros que a CGTP manteve com o Partido Socialista, as comemorações do 1.º de Maio e o seu significado, bem como a recente rejeição pela Confederação Europeia de Sindicatos do pedido de adesão feito pela central portuguesa.

«DL» – O 25 de Abril foi comemorado sob o lema da unidade. Porque não vai acontecer o mesmo em relação ao 1.º de Maio?

ATS – A CGTP-IN considera que as comemorações do 25 de Abril em unidade das forças democráticas constituíram um dos factos políticos mais importantes dos últimos tempos. Estiveram na rua, por todo o País, os que se identificam com o 25 de Abril e as suas conquistas, para dizerem que esta política não serve e é preciso substituir o Governo. Considero que é a altura de dar sentido e concretizar as afirmações produzidas, ou seja: não chegam as palavras, é preciso que os actos correspondam a essas mesmas palavras. Uma questão que a CGTP sempre tem levantado é que, pelo menos até agora, ainda não existe uma correspondência das forças democráticas às exigências que têm sido levantadas pelo movimento popular de massas. Claro que se isso existisse, o Governo AD já estaria na rua e, naturalmente, já teríamos uma outra política. Por tudo isto pensamos que é altamente positivo que este 25 de Abril tenha tido estas características, mas também pensamos que para isso ter acontecido foi essencial a luta que os trabalhadores desenvolveram. No que diz respeito ao 1.º de Maio ele constitui sempre, na nossa perspectiva, uma jornada de unidade e luta e também de solidariedade com os outros trabalhadores. Lamentamos que haja tentativas de realizações paralelas às da CGTP, mas certamente não podemos valorizá-las ao ponto de considerarmos que elas retiram ao nosso 1.º de Maio o carácter unitário que ele tem tido desde 1974. Mesmo em relação a algumas forças políticas que possam neste momento não estar a apoiar a CGTP, podemos dizer que a grande maioria dos trabalhadores (muitos até filiados nessas forças políticas) estão no 1.º de Maio da CGTP. Aliás, o que se tem passado nos últimos anos é disso um exemplo. Todas as realizações que se tentam fazer à margem do movimento sindical unitário têm pouca expressão. Este ano nós continuamos a desenvolver um esforço para que as comemorações sejam o mais unitárias possível e, nesse sentido, todas as comissões organizadoras são abertas aos sindicatos não filiados. Isto significa que, para além de não haver nenhum impedimento para que os trabalhadores, independentemente das suas opções ideológicas, estejam no 1.º de Maio da CGTP, nós convidámos todos os sindicatos verdadeiramente representativos a estarem na comissão organizadora do 1.º de Maio que se vai realizar em todos os distritos.

Dois encontros com o PS

«DL» – A CGTP teve recentemente um encontro com elementos do PS, designadamente com o seu secretário-geral. Quais os principais aspectos abordados durante esse encontro?

ATS – Este encontro realizou-se no âmbito das entrevistas pedidas aos partidos democráticos a quem a CGTP deu conhecimento das suas principais reivindicações e da sua posição sobre a situação política e social. A direcção do PS considerou as nossas reivindicações justas e ficou claro o entendimento de que esta política não serve e da necessidade de substituir o Governo.

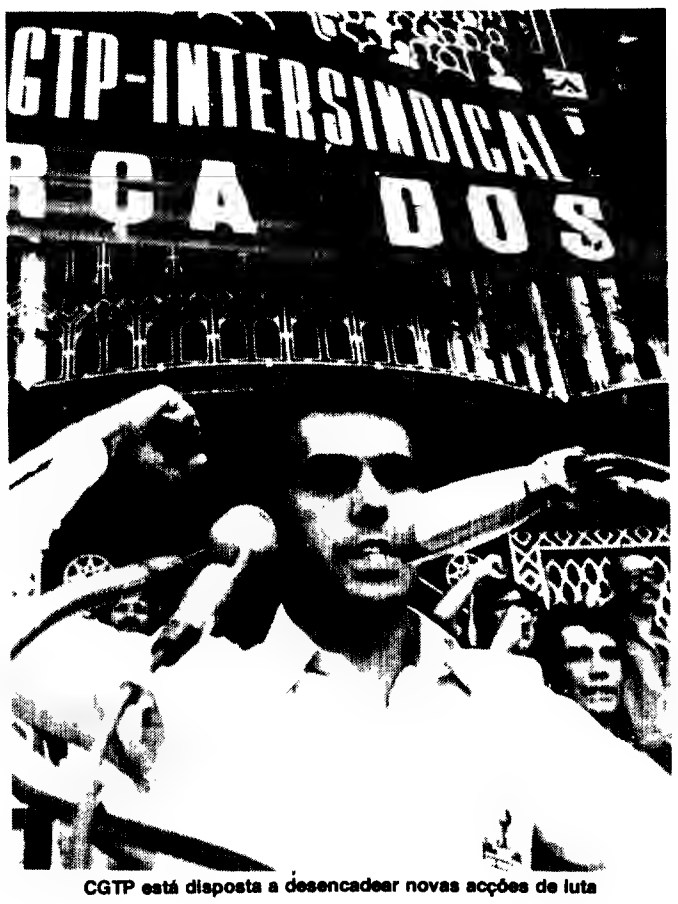
«DL» – Mas poderá esse encontro servir de «ponte» em relação à corrente socialista da UGT?

ATS – Nos sindicatos filiados na Intersindical também há milhares de trabalhadores socialistas. Ou seja, nós aqui não estamos divididos nem a representar correntes partidárias. Consideramos que os trabalhadores aderem por interesses de classe e que a eleição para os órgãos dirigentes deve ser feita de acordo com a sua vontade, no respeito pelos princípios da democracia sindical. Portanto, os dirigentes tanto podem ser comunistas, como socialistas, como católicos, independentes... Aliás, temos dirigentes de todas as áreas eleitos pelos trabalhadores. Não há entre nós, entre a nossa central e os socialistas, qualquer separação. A CGTP tem de facto milhares de trabalhadores socialistas filiados nos seus sindicatos. Sobre a corrente socialista é indiscutível que ela existe, até parece que vai haver agora um encontro para ela se organizar internamente, a nível do Partido Socialista, e isso são questões que dizem directamente respeito ao PS. Pela nossa parte, continuamos a defender que os partidos não devem interferir na vida do movimento sindical. Defendemos a independência do movimento sindical em relação aos partidos É evidente também que estes têm também o direito de emitir as suas opiniões, mas neste caso pensamos que o PS não tem tido uma prática coerente com o seu programa.

UGT não é realidade

«DL» – Mas sendo a UGT uma realidade insofismável, continuar a ignorá-la não será, de certo modo, voltar as costas à realidade?

ATS – Para nós a UGT não é de facto uma realidade. Ou seja, não basta dizer que se é para passar a ser. Na verdade, a UGT não é uma União Geral de Trabalhadores porque não é o resultado de uma necessidade sentida por estes. Foi criada para dividir e não para unir e a sua prática não corresponde à defesa dos interesses dos trabalhadores. Esta nossa apreciação de não reconhecimento da UGT não impede que a CGTP-IN respeite e trabalhe com sindicatos que nela estão filiados, desde que sejam representativos e as suas direcções também tenham sido eleitas na prática pela democracia sindical. Continuaremos, por causa disso, a desmascarar e dar combate aos sindicatos paralelos. Respeitamos sempre os trabalhadores, mesmo que filiados em sindicatos da UGT, embora criticando as suas posições, porque temos a certeza que esses trabalhadores cada vez mais se apercebem que não é ali que defendem os seus interesses e a tendência será para um cada vez maior enfraquecimento da prórpia UGT. Como exemplo, basta referir que não há conhecimento de que uma qualquer central, mesmo reformista, tenha alguma vez assumido uma posição como a que eles assumiram face à greve geral. Fizeram, mais uma vez, coro com o Governo e o patronato dizendo que os objectivos desta greve eram desestabilizadores.



CGTP está disposta a desencadear novas acções de luta

Chegaram a ir aos locais de trabalho numa tentativa de desmobilizarem os trabalhadores em relação à greve. Na nossa opinião, a UGT foi criada para dividir e enfraquecer os trabalhadores e a sua capacidade organizativa.

«DL» – Portanto, no entender da CGTP, a UGT tende a desaparecer?

ATS – Sim. Aliás, isto não corresponde só a um pensamento nosso. Há mesmo declarações de dirigentes do PS, inclusive o dr. Marcelo Curto, que afirmam que a UGT não representa nada a nível dos sectores operários... E mesmo em sindicatos de serviços a corrente unitária que está com a Intersindical tem cerca de 40 por cento dos votos. A UGT não respeita a democracia sindical: concorrem às eleições; quando perdem recorrem à formação de sindicatos paralelos ou, como nos Escritórios do Porto, não respeitam a decisão dos trabalhadores.

«DL» – Como vai a CGTP responder às recentes medidas agora anunciadas pelo ministro João Salgueiro?

ATS – Já demos uma primeira resposta. Em primeiro lugar, pensamos que estas medidas representam uma provocação ao 25 de Abril. São lançadas no 25 de Abril e esta data não significa nada disto. O 25 de Abril significa a melhoria das condições de vida do nosso povo e a resolução dos problemas que o País tem. Estas medidas vão precisamente em sentido contrário. A resposta que nós iremos dar-lhes é o prosseguimento da luta pela formação de um outro Governo porque este, já o provou, não é capaz de fazer outra política. É um Executivo que está virado para a defesa de outros interesses e já demonstrou que não é capaz de mudar.

Queda do Governo e alternativas

«DL – No último plenário de sindicatos, a CGTP aprovou uma série de medidas, entre as quais o aumento das pensões e do salário mínimo. Pensa que o Governo irá responder, em tempo útil, às reinvindicações da CGTP?

ATS – Esta é uma exigência que se coloca sobretudo pela degradação das condições de vida e é uma das questões que intransigentemente nos propomos defender. É essa a nossa prática. Neste momento, o que temos a dizer é o seguinte: ou essas reivindicações são correspondidas ou nós temos que intensificar a luta para que, com este Governo ou com outro (mas pensamos que é com outro), elas sejam de facto concretizadas. De qualquer forma, não é incompatível avançar com reivindicações de carácter económico e simultaneamente com reivindicações de ordem política, como seja a demissão do Governo. Pelo contrário, convergem nos objectivos que competem a uma organização sindical.

«DL» – A CGTP continua a preconizar a queda do Governo e uma das críticas que lhe têm sido feitas é não apresentar alternativas. A CGTP tem algum trunfo para isso?

ATS – Para já, os Governos Balsemão duram há dois anos e nunca o Primeiro-Ministro nos recebeu, apesar de nós termos pedido uma entrevista logo após a sua tomada de posse. De qualquer forma já apresentámos, por exemplo, uma proposta alternativa ao plano em que era demonstrado, ao contrário daquilo que o Governo diz, que é possível, com medidas de desenvolvimento imediato do sector público (a nível da Reforma Agrária e do sector nacionalizado) eliminar em parte o desemprego, aumentar a produção e a riqueza nacional e fazer o País sair da crise económica e financeira em que se encontra. No que diz respeito às alternativas políticas existe neste momento um movimento social que exige que sejam encontradas essas alternativas. Como vimos neste 25 de Abril, há condições para uma alternativa à AD. Entretanto, a nossa exigência faz-se junto das forças políticas e não só. Também junto dos órgãos de soberania que têm poderes para demitir este Governo.

«DL» – Presidente da República?

ATS – Mas esta exigência porquê? O Governo argumenta que com esta Constituição não é possível resolver os problemas do País. Bom, hoje já está demonstrado que o mal não está na Constituição mas sim no Governo e na sua política. Aliás isto já é reconhecido, mais ou menos, por todas as forças políticas democráticas. Portanto, cada dia que passa e se mantém um Governo que viola a Constituição (está contra os direitos dos trabalhadores) e atenta contra a democracia e as liberdades, naturalmente que se está a dificultar a resolução dos problemas do País. Portanto, a manutenção deste Governo, nesta altura, é não só impedir que os problemas se resolvam mas também conduz ao seu agravamento e impede um empenhamento da parte dos trabalhadores sem os quais não é possível resolver a crise. Nós estamos dispostos a empenhar-nos e sabemos que vamos ter que dar um contributo muito grande. Mas esse contributo e esse empenhamento só podem ser feitos na base do respeito pela Constituição da República, pelos nossos direitos e numa perspectiva de melhoria das condições de vida dos trabalhadores e do povo em geral.

Quer dizer: nesta altura há alternativas. O necessário é que elas se concretizem.

Que novo Governo?

«DL» – Mas acha que as forças políticas representadas na Intersindical podem constituir o fulcro dessa alternativa?

ATS – Nós não estamos aqui nessa condição. Somos uma organização de trabalhadores, uma organização progressista e revolucionária é certo, mas não nos compete a nós apresentar uma alternativa. Isso é da responsabilidade dos partidos políticos. Mas o que é indiscutível é que nesta altura existem condições para correr com a AD do Governo. A AD está no fim e há mesmo muita gente da própria AD a reconhecer isso. As forças democráticas estão em condições de conseguir o apoio dos trabalhadores para, numa perspectiva de resolução dos problemas nacionais e do desenvolvimento das conquistas do Portugal de Abril, se encontrar um Governo capaz de conduzir o País por outros caminhos.

«DL» – Se o actual Governo cair, qual o tipo de Executivo que a CGTP apoiaria, ou melhor, que condições colocaria para um eventual apoio a esse Governo?

ATS – Em primeiro lugar tem que ser um Governo democrático, naturalmente. As condições que pomos assentam, sobretudo, numa permissa: é que os trabalhadores não estão mais dispostos a continuar a pagar os custos de uma crise de que não são responsáveis. Exigimos que os nossos direitos sejam respeitados, o não só os direitos de liberdade sindical, mas também os direitos de participarmos e intervirmos na vida económica e social do nosso País. Esses direitos são constitucionais e não têm sido respeitados. Por exemplo: a gestão da segurança social, dos tempos livres, a formação profissional. Exigimos também que os gestores eleitos pelos trabalhadores para as empresas públicas tomem posse, que os juízos sociais entrem em funcionamento... E isto porque não é incompatível, mesmo na situação difícil em que vivemos, a recuperação desta crise com a melhoria das condições de vida dos trabalhadores. O que é necessário é que as terras da Reforma Agrária sejam entregues a quem as quer trabalhar, que o sector nacionalizado seja desenvolvido e que o nosso país deixe de importar (como está a fazer) cerca de 60% dos produtos alimentares que consumimos. Quer dizer, há muitas formas de recuperação económica com os recursos de que dispomos e não temos necessariamente que apresentar uma alternativa com maiores sacrifícios para os trabalhadores.

«DL» – Na última conferência de Imprensa da CGTP, na passada terça-feira, V. disse textualmente: «Se o Governo não cair no 1.º de Maio...» Está assim para tão próxima a queda do Governo?

ATS – Pela nossa vontade já tinha caído... Lamentamos que isso ainda não tenha acontecido, mas consideramos que este Governo está cada vez mais isolado e está muito perto do fim. O êxito da greve geral fez mudar muita coisa neste país. Basta dar alguns exemplos: foram apresentadas duas moções de censura na Assembleia da República que desgastaram o Governo e contribuiram para a denuncia dos efeitos negativos da sua política; havia o pacote laboral apresentado como prioridade que teve que ser arrumado e o mesmo aconteceu à Lei dos Despedimentos, o Governo tentou impor o tecto salarial e os trabalhadores conseguiram «rebentar» com ele... Quer dizer, não conseguimos ainda que o Governo caísse mas impedimos que, em muitas situações, concretizasse a sua política. Se nós não tivessemos lutado a situação seria hoje muito mais grave e o Governo estaria hoje mais seguro. Por outro lado a par das lutas dos trabalhadores e da luta política tem-se desenvolvido todo um movimento de opinião pública – até em camadas sociais que votaram na AD – que já considera que este executivo não serve e por isso tem que ir embora muito rapidamente. Este ir embora corresponde já a uma vontade do povo português. Pela nossa parte dizemos desde já que se o Governo não for demitido a seguir ao 1.º de Maio nós vamos continuar a lutar. Foi o que foi dito no Plenário e não excluímos o recurso a formas de luta superiores.

Movimentação em perspectiva

«DL» – Uma nova greve geral?

ATS – Nós fizemos uma greve geral e os trabalhadores ficaram animados têm resultados palpáveis dessa greve geral. Por isso não excluímos o recurso de outra greve geral se isso for necessário. Desde que a situação o exija nós recorreremos a todas as formas de luta que forem necessárias.

«DL» – Então está em perspectiva uma nova movimentação?

Continua na pág 16

Primeiro de Maio•Primeiro de Maio•Primeiro de Maio•Primeiro de Maio

Entrevista com Armando Teixeira da Silva

Continuação da pág 15

ATS –. Sim, nós não vamos parar. Nesta altura a manutenção deste Governo significa de facto um perigo muito grande. Por um lado è a deterioração da situação económica e financeira, por outro é a situação social que se degrada... Portanto, quanto mais tempo este Governo se mantiver mais se inviabiliza a resolução desta situação e se intensificam os ataques ao regime democrático.

«DL» – A Confederação Europeia de Sindicatos (CES) indeferiu o pedido de adesão da CGTP apesar de a considerar incontestavelmente representativa dos trabalhadores portugueses. Quais as razões invocadas pela CES para esta tomada de posição?

ATS – De facto nós somos considerados pela CES uma organização representativa dos trabalhadores em Portugal. Daí só podermos entender esta decisão como uma discriminação à nossa organização e aos trabalhadores portugueses. Os argumentos invocados quanto à concepção e à nossa prática política confirmam a discriminação ideológica que não devia presidir a uma tomada de posição de uma organização como a CES e contraria os seus próprios estatutos. Defemos a nossa entrada na CES pela nossa situação na Europa e porque consideramos que há problemas comuns aos trabalhadores: inflação, desemprego, multinacionais, etc. Pensamos que o nosso movimento sindical unitário é exemplo para muitas centrais sindicais e que do ponto de vista sindical também não há nada a apontar-nos. Há poucas organizações que façam o que nós fazemos. Efectivamente, as nossas realizações são abertas a toda a gente que lá queira ir. Por isso não terão sido razões de ordem sindical que pesaram na rejeição do nosso pedido de adesão à CES, mas sim critérios de ordem política. A acusação de que nós somos uma central comunista não corresponde, de facto, à verdade. Há aqui comunistas, como há socialistas, católicos, independentes. Mas mesmo que fôssemos uma central que albergasse uma só corrente sindical desde que tivesse vida democrática, respeitasse a democracia sindical e fosse representativa, a CES não devia recusar a filiação. Queria acrescentar, no entanto, que no Congresso da CES esta questão deu «muito barulho» e que há muita gente descontente com a nossa exclusão e que pensam mesmo que nós poderemos dar um bom contributo para o movimento sindical europeu até na perspectiva da unidade do movimento sindical a nível internacional. Sublinho que nós temos as melhores relações com centrais de países de todo o Mundo (das mais variadas tendências) a nível das Confederações Mundiais temos contactos e relações fraternais e de cooperação com a CMT e a FSM e só não temos com a CISL porque eles nunca quiseram.

«DL» – Mas há hipóteses de essa adesão ser reconsiderada ou a decisão é definitiva?

ATS – Vamos a ver. O nosso Congresso vai realizar-se no próximo ano e nessa altura debruçar-nos-emos novamente sobre esse problema.

1.º de Maio no Porto

«DL» – A situação criada no Porto devido à reivindicação dos mesmos locais para as comemorações do 1.º de Maio quer pela CGTP quer pela UGT poderão criar graves problemas. A CGTP reafirma a sua posição?

ATS – Na nossa opinião o que se está a passar em relação ao 1.º de Maio do Porto é mais uma inventona como a que o Governo montou por ocasião da greve geral. Ou seja, o Governo através do Governador Civil (que é da AD) e com a cumplicidade da UGT, está a tentar que este ano o 1.º de Maio no Porto não tenha a dimensão que tem tido nos anos anteriores e que não constitua também uma grande jornada contra a sua política e pela exigência da sua demissão. Basta referir, por exemplo, que a última manifestação realizada a 6 de Março foi uma das maiores que se fizeram na cidade do Porto. É possível que se esteja a tentar medir forças (há aliás declarações de Marcelo Rebelo de Sousa que apontam nesse sentido) mas estamos convencidos que vão perder novamente. Neste caso, temos também juridicamente toda a razão do nosso lado. Fizemos a comunicação ao Governo Civil que é aquilo que a lei exige. O Governador Civil tinha vinte e quatro horas para levantar qualquer objecção. Não o fez. Posteriormente vem levantar obstáculos dizendo que já tinha lá um pedido da UGT e nós até podemos pôr em causa que o tivesse. Pois se ele recebe o nosso pedido formulado a 4 de Maio do ano passado e sabe que tem 24 horas para dizer que não pois já lá tem um outro da UGT, porque é que não o fez?

«DL» – Então as razões que a CGTP invoca não são só de «direito histórico»?

ATS – São também direitos legais. Nós cumprimos com a lei e o Governo Civil vem agora, arbitrariamente, tentar impor critérios. Aliás, chegou a dizer que, havendo duas organiações a pedir o mesmo local, ou é por sorteio ou é por rotatividade. Mas por outro lado há ainda um aspecto que eu gostaria de referir: é evidente que a UGT nunca pensou encher a Praça Humberto Delgado, a Avenida dos Aliados e a Praça da Liberdade. As comemorações que eles têm feito no Porto tem tido umas escassas centenas de pessoas. O que eles pretendem é montar ali uma provocação. Mas estamos certos que, uma vez mais, os trabalhadores e a população do Porto a saberão derrotar.

Luta e solidariedade

«DL» – Qual vai ser a principal tónica das comemorações do 1.º de Maio que a CGTP vai levar a efeito?

ATS – O 1.º de Maio vai ser uma grandiosa jornada de unidade por todo o País, em que estará presente o resultado da luta que os trabalhadores têm desenvolvido.

Daqui terá que resultar uma apreciação do ponto em que nos encontramos e as perspectivas para o futuro.

O 1.º de Maio será uma jornada de solidariedade entre todos os trabalhadores que estão em luta e em especial para com aqueles que hoje são vítimas da repressão nas empresas.

Será também uma jornada internacionalista. Temos, aliás, uma iniciativa de solidariedade com os povos de El Salvador e da Turquia. De entre os objectivos de luta neste 1.º de Maio mantêm-se aqueles que estiveram na origem da greve geral: a melhoria das condições de vida e de trabalho, a exigência de uma nova política e pela AD fora do Governo.

«DL» – Uma das principais críticas que a CGTP faz à UGT é a criação de sindicatos paralelos. Como pode ser então entendida a formação do Sindicato dos Professores do Centro?

ATS – Não há constituição de sindicatos paralelos. A CGTP não forma sindicatos paralelos. O que se está a passar em algumas situações tem que ser devidamente analisado e é o seguinte: as eleições sindicais ou os actos que sindicatos praticam com direcções afectas à UGT não são realizados na base do respeito pela democracia sindical, ou são contra a vontade expressa pelos trabalhadores. Neste caso os trabalhadores têm o direito de assumirem as atitudes que permitam a reposição da legalidade nesses sindicatos. Nós respeitamos os sindicatos mesmo filiados na UGT, desde que os processos sejam democráticos e haja respeito pela democracia sindical. Mas o que está a acontecer em algumas situações é os trabalhadores aparecerem a exigir a reposição da legalidade. O caso dos Escritórios do Porto é flagrante: aqui uma lista unitária ganhou as eleições, esse resultado foi confirmado por uma assembleia geral e até este momento mantém-se lá a direcção da UGT que não respeita a vontade expressa pelos trabalhadores.

Os processos vão para tribunal, arrastam-se durante muitos anos e, entretanto, esses trabalhadores estão impedidos de defender os seus interesses de participar na luta mais geral e de desenvolverem a sua actividade sindical. Nestes casos terá que se aferir se não se terão de encontrar novas soluções. Mas em relação à formação de sindicatos paralelos a CGTP reafirma: nós não formamos sindicatos paralelos, nem animamos a formação desses sindicatos.

Entrevista com Torres Couto

Continuação da pág. 14

CGTP mudou

D.L. – Mas então está a pôr em causa as eleições dos sindicatos filiados na CGTP?

TC – Não, hoje não ponho em causa. Neste momento começo a ver com satisfação que aquilo que a Intersindical rejeitou em 1976/ 77 que era a nossa proposta, está hoje a implementar. Hoje começa a haver congressos nos sindicatos e nas federações; hoje começa a haver eleições com mesas de votos descentralizadas nos locais de trabalho, etc., etc... Foi essa descentralização que nós reivindicamos e que nos foi negada.

DL – Então se a UGT reconhece essas mudanças de actuação da CGTP porque é que não adopta uma outra prática em relação às eleições sindicais?

TC – Porque neste momento, à excepção dos sindicatos do sector ferroviário, e devido a todas as vicissitudes que eu lhe referi fomos constituindo os nossos sindicatos. Por conseguinte nós temos hoje os nossos sindicatos de sector e as pessoas em Portugal vivem fortemente motivações de ordem vária...

DL – Não acha que a acção da UGT, ao formar novos sindicatos, por se negar a participar nos existentes, está a criar uma divisão ideológica entre os trabalhadores que irá afectar o seu poder reivindicativo?

TC – Eu acho que não e nós temos, no sul da Europa exemplos de pluralismo sindical que permitiram ultimamente algumas vitórias para os trabalhadores: o caso francês onde existem cinco centrais sindicais, onde existe um governo de esquerda e o presidente da República é um socialista; o caso italiano onde existem três centrais sindicais e o presidente da República é um socialista e também o caso da própria Grécia... Por isso penso que o problema não se põe aí. A força reivindicativa dos trabalhadores não depende exclusivamente de pluralismo sindical, depende sim da luta que as centrais sindicais e os sindicatos travam entre si e também de porem muitas vezes o seu projecto individual à frente de um projecto mais aberto e mais largo.

Comissões tripartidas

DL – A UGT tem preconizado insistentemente a formação de comissões tripartidas a fim de negociar com o Governo aspectos de carácter social e laboral. Como estão a funcionar essas comissões?

TC – No nosso último Congresso, há sensivelmente um ano e tal nós mostrámos a nossa disponibilidade para a negociação de um contrato social. A crise que o país atravessava era grave e só com a participação de todos os parceiros sociais seria possível encontrar uma saída para essa situação. Hoje não temos a mínima dúvida de que com o actual Governo, ou com um Governo AD, um contrato social seria praticamente impossível de concretizar. E isto porque os últimos actos políticos deste executivo têm demonstrado que ele, não está interessado em consensos sociais, nem está interessado em governar salvaguardando os interesses das camadas mais desfavorecidas da população. O seu interesse é servir, nomeadamente, os blocos económicos que ainda subsistem neste país. Veja-se agora o problema ligado à mobilização das indemnizações para a viabilização de empresas que é uma forma de restabelecer monopólios e de pôr nas mãos dos grandes blocos económicos, que resistiram ou reapareceram após o 25 de Abril, a possibilidade de cimentarem posições e de voltarem a restabelecer o seu poder.

DL – Mas quanto ao funcionamento das comissões tripartidas...

TC – Ainda não existe nenhuma a funcionar. E não existe porque este Governo não está interessado nelas.

DL – O Governo consultou a UGT quanto às medidas recentemente anunciadas pelo ministro das Finanças e do Plano?

TC – Este Governo tem sido de uma coerência extrema na medida em que não negoceia nada, não dialoga nada, impõe tudo. Não nos ouviu e praticamente não nos ouve para nada.

DL – Qual a posição da UGT sobre tais medidas?

TC – Nós pensamos que são medidas gravíssimas e isto mesmo dissémos ao Governo e à saída da reunião com o primeiro-ministro. São medidas que vão endurecer o contraccionismo económico que o país está a viver, são medidas de carácter eminentemente monetarista que vão agravar de uma forma substancial o desemprego e que vão reduzir drasticamente as já gravíssimas condições de vida da população trabalhadora. São medidas que merecem o apoio das confederações patronais e que constituem, na sua globalidade, instrumentos privilegiados para o reforço do poder económico do patronato português.

Por isso merecem o nosso repúdio total.

D.L. – Estas medidas irão de algum modo alterar a vossa estratégia em relação ao Executivo?

T.C. – – Eu tive o cuidado de dizer ao primeiro ministro, no decorrer da reunião, que estas medidas eram um requiem autêntico no que concerne à viabilidade de, com este Governo, conseguirmos algum consenso. A partir do momento em que havia uma disponibilidade nossa e em que o Governo avança impondo, o Executivo fechou as portas à nossa proposta e nós também dissemos que iríamos repensar toda a nossa estratégia.

D.L. – A UGT vai reivindicar a partir de agora a demissão do Governo?

T.C. – Há uma coisa que temos reivindicado e que, a partir de agora, – vamos fazer com muito mais clareza: a alteração imediata da política. Esta política é verdadeiramente insustentável e a sua continuação irá atirar este país para um beco sem saída e poderá pôr em perigo a democracia na medida em que gerará um crescendo das tensões sociais. Lamentavelmente, nós, uma confederação sindical, não temos o poder de deitar abaixo governos. Existe quem o tenha. Vivemos num regime semipresidencial, o Governo responde perante o Presidente da República e penso que o Presidente da República tem que ter consciência de que a política deste Executivo sofre um descontentamento popular enormíssimo – neste momento não há uma maioria social que apoie o Governo – e, por conseguinte o Presidente da República tem que tirar ilações desta situação.

DL – Esta posição é sua ou da UGT?

T.C. – No que concerne à intervenção do Presidente da República é uma posição minha, embora a UGT tenha dito publicamente que não pode aceitar a manutenção desta política. Por conseguinte a UGT em bloco exige a alteração profunda desta política. Sob o ponto de vista económico, por exemplo, este país deveria enveredar por uma política mais desenvolvimentista pois a prática monetarista é fortemente restritiva e penalizadora para os trabalhadores. Pensamos também que, do ponto de vista social, é fundamental que a política do país seja participada e não imposta.

1.º de Maio

D.L. – As comemorações do 1.º de Maio organizadas pela UGT têm um pouco o sabor de um «desfile de vedetas». É esta a única forma que a UGT encontra de mobilizar os trabalhadores?

T.C. – Eu não me importo nada de fazer um intercâmbio com a Intersindical: a primeira parte, no Parque Eduardo VII, com as nossas vedetas e na segunda parte trocamos... Mas penso que na Alameda vão aparecer vedetas importantes que mobilizam trabalhadores e a questão que se põe é esta: nós entendemos que o 1.º de Maio deve ser uma festa...

D.L. – Na actual situação...?

T.C. – É uma festa e uma luta simultânea. É o dia dos trabalhadores e da liberdade. É uma festa porque só o podermos comemorar o 1.º de Maio é um motivo de regozijo e ao comemorarmos o 1.º de Maio estamos também a comemorar o 25 de Abril porque não podíamos fazer uma festa se não vivêssemos em democracia, se não tivesse havido o 25 de Abril. Mas a transformação do 1.º de Maio numa festa não quer dizer que se perca de vista a necessidade que os trabalhadores têm de reforçar a sua luta.

D.L. – Mas porque é que não fazem um desfile?

T.C. – Por uma razão muito simples: porque o 1.º de Maio que nos parece estar à medida dos nossos apoiantes e dos nossos militantes é o 1.º de Maio que vamos fazer. Não foi idealizado por mim, ou pelo Secretariado da UGT. O nosso 1.º de Maio foi definido a nível dos sindicatos e dos locais de trabalho. Mas se para o ano os trabalhadores decidirem um desfile nós fazêmo-lo sem qualquer complexo. Aliás não vivemos com a preocupação das multidões, isto é, as nossas movimentações não vivem sob a cutelo de termos uma multidão atrás de nós.

D.L. – 1.º de Maio no Porto, como vai ser?

T.C. – Grave, gravíssimo. Poderá contribuir decisivamente para o aprofundar da divisão entre as duas organizações e, por conseguinte, poderá ser uma machadada profunda naquilo que deve ser uma luta constante pela unidade possível. Mas nós não temos culpa nenhuma. Temos a consciência tranquila. Por isto: porque, por um lado, continuamos abertos a comemorar conjuntamente o 1.º de Maio e não podemos nós a ser responsabilizados pela divisão do 1.º de Maio dos trabalhadores portugueses; por outro lado, porque entendemos que, ninguém em Portugal, poderá reivindicar direitos de superfície. Isto é, nenhuma organização social poderá reivindicar para si esta ou aquela praça ou aquela avenida. Se existe uma lei ela deve ser igual para todos.

Nós já tínhamos pedido a Praça Humberto Delgado no Porto para o 1.º de Maio do ano passado. Nessa altura o governador civil chamou-nos e disse-nos que, embora o nosso pedido tivesse entrado à frente do da Intersindical, ele enfermava de alguma ilegalidade (a pessoa que organizou os trâmites legais endossou o pedido à Câmara e não ao Governo Civil) pelo que a pedido da Intersindical, apesar de posterior, estava devidamente legalizado. Por isso tivemos de ir para outro sítio. Pensamos que este ano, porque o nosso pedido entrou primeiro e tudo está devidamente legalizado, a CGTP deve proceder da mesma forma como nós procedemos no ano passado.

Primeiro de Maio•Primeiro de Maio•Primeiro de

Quem é quem na vida sindical

Dois blocos de sindicalistas a perfilharem uma estratégia diferente para o movimento sindical português, para a CGTP, a unidade de todos os trabalhadores é fundamental para a defesa de tudo o que dificilmente conquistaram ao longo de décadas de luta. Neste sentido, a existência de uma outra organização sindical – a UGT – dificulta e divide essa luta razão porque se propõe combatê-la. Quanto à UGT, formada para tentar «quebrar a espinha à Intersindical», o que manifestamente não conseguiu, a existência de várias centrais sindicais não é incompatível com a defesa dos interesses dos trabalhadores. E os modelos existentes em países europeus, nomeadamente a França, a Itália e a Grécia, são apresentados como exemplos.

Quem é quem na CGTP e na UGT, quem constrói o sindicalismo que temos.

Quem é quem na UGT

Torres Couto * 1980: Secretário-Geral da U.G.T.; membro da direcção do S.T.S.S.I.; representante do S.T.S.S.I. no Conselho Nacional do Plano; eleito Secretário Nacional do S.T.S.S.I.

* 1981: Reeleito Secretário-Geral da U.G.T.; Secretário Nacional do S.T.S.S.I.; representante do S.T.S.S.I. no Conselho Nacional do Plano.

Membro da Comissão Nacional e Política do Partido Socialista.

* Secretário Coordenador da Tendência Sindical Socialista da U.G.T.

* Agraciado com o Grau de Comendador da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial (Classe de Mérito Industrial).

José Pereira Lopes Idade: 42 anos. Natural: Castelo Branco. Até 1976 – Delegado Sindical. 1976/78 – Membro do Secretariado de Castelo Branco do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas. 1979/82 – Membro da Direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas. 1980 – Presidente da Direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas. 1979/81 – Membro do Conselho-Geral da U.G.T. 1981/82 – Secretário Executivo da U.G.T. Membro do Secretariado Nacional da TESIRESD.

António Castro Fernandes Delegado Sindical e membro da Comissão de Trabalhadores da Soc. Rep. SIDA-SUECA, LDA., (1975/1977). Comissão Nacional do PS 1976/1978 (II CONGRESSO). Membro da Direcção do ex-Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa 1978/1980, actualmente (desde Jan.º/79, SITESE – Sind. dos Trab. de Escritório, Comércio e Serviços. Membro da Direcção do SINTESE – Sind. Trab. Escritório, Comércio e Serviços (1980/1983) Adjunto do Secretariado e negociador de contratação colectiva da ex-Federação dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes (1977/1979). Presidente da Mesa do Plenário de Sindicatos da FETESE – Federação dos Sindicatos dos Trab. de Escritório e Serviços (1979/1982). Sócio fundador da COOPESCRITÓRIOS (Cooperativa de Consumo), membro da direcção de 1979/1981 e vice-presidente da M.A.G. (1981/1984). Vice-Presidente do Conselho-Geral da U.G.T. (1979/1981 – I CONGRESSO U.G.T.). Secretário Nacional da U.G.T. (1981/1984) e Secret.º Nacional Executivo (desde Outubro/1981), responsável pelo Departamento de Contratação Colectiva e Departamento de Juventude. Membro do Secretariado Nacional Provisório da Tendência Sindical Socialista – T.S.S. desde Janeiro de 1981.

Victor Hugo de Jesus Sequeira Idade: 36 anos. Natural de Lisboa. Membro da Comissão Nacional e Comissão Política do Partido Socialista.1975 – Delegado Sindical. 1976/1978 – Presidente da Direcção do SITESE. 1978/1980, 1980/1983 – Vice-Presidente da Direcção do SITESE. 1979/1981 e 1981/1984 – Secretário Executivo da UGT 1976/1978 – Membro da Comissão de Redacção do Movimento Carta Aberta. 1978 – Membro do Secretariado Instalador da UGT 4 participações na Conferência Internacional do Trabalho, sendo em 1980 nomeado Delegado dos Trabalhadores Portugueses à OIT 1980 – Agraciado pelo Presidente da República com a Ordem de Mérito Industrial e Agrícola. Membro do Secretariado Provisório da Tendência Sindical Socialista.

RUI Manuel de OLIVEIRA COSTA. Adere em Maio deste ano ao PSD e é membro da Comissão de Trabalhadores da Imprimarte SARL, estrutura onde permanece até 1976. 1975 – Eleito secretário da Mesa da Assembleia Distrital de Lisboa do PSD e é eleito delegado sindical do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Lisboa, função para que é reeleito em 1976, 1977 e 1978. 1976 – Fundador e presidente da mesa do plenário da Secção Socioprofissional do Comércio do PSD, cargo que mantém até 1980. 1977 – É eleito membro do Comité Permanente da Comissão Política da Área Metropolitana de Lisboa do PSD, cargo que mantém até 1979. Adere à Força Democrática do Trabalho (FDT). Concorre integrando uma lista de unidade democrática à Direcção do Sindicato do Comércio de Lisboa. 1978 – Eleito membro do Secretariado Nacional e do Secretariado Executivo da UGT, cargos para que é reeleito em 1981 e que mantém neste momento, sendo responsável pelo pelouro de Comunicação Social e Relações Públicas da Central Sindical. 1980 – Vice-presidente do Conselho Coordenador do SITESE, cargo que continua a ocupar neste momento. É eleito membro do Secretariado Nacional e da Comissão Permanente da TESIRESD, funções para que é reeleito em 1981 e que mantém actualmente, tendo a seu cargo o Departamento de Relações Internacionais e Comunicação Social. 1981 – Indicado pela UGT, integra a Delegação Portuguesa à 67.ª Conferência Mundial da O.I.T. (Organização Internacional do Trabalho). 1982 – É nomeado pelo Secretariado Nacional da UGT director da revista «Trabalho e Sindicalismo», órgão oficial da Confederação Sindical.

Vítor Manuel Mansinho Botelho Natural de Setúbal. 34 anos (-9/7/47). Delegado Sindical (1975-/76). Membro da Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal (1977/81). Membro da Comissão de Redacção do Movimento Sindical «Carta Aberta» (1977/78). Membro do Secretariado Instalador da UGT (1978/79). Secretário Nacional Executivo da UGT, do pelouro Administrativo (1979/80). Reeleito Secretário Nacional Executivo da UGT, em 1981, sendo, actualmente, responsável pelo pelouro da Formação. Membro do Secretariado Nacional Provisório da Tendência Sindical Socialista – TSS, desde Janeiro de 1981.

Quem é quem na CGTP

Armando Artur Teixeira da Silva
35 anos. Litógrafo. 1974 Membro da Comissão Directiva do Sindicato dos Gráficos do Porto, Bragança e Vila Real. 1974 Presidente da Direcção do Sindicato dos Gráficos do Porto, Bragança e Vila Real. 1977 Presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Gráficos do Porto, Bragança e Vila Real. 1977 Membro da Comissão Executiva do Secretariado da C.G.T.P.-IN.

José Luís Judas 36 anos. Empregado de escritório. Membro da Comissão do sector da Construção Civil do Sindicato dos Escritórios de Lisboa em 1969. Candidato à Direcção do Sindicato dos Escritórios em 1973, a sua lista foi impugnada pelo então Ministério das Corporações. Em 26 de Abril de 1974 fez parte do grupo de trabalhadores democratas que afastou a direcção fascista do seu Sindicato, tendo sido posteriormente eleito para a Comissão Directiva provisória e, mais tarde eleito para a Direcção. Em Julho de 1975 passou a fazer parte do Secretariado da Intersindical em representação do seu Sindicato, cargo para que foi reeleito sucessivamente no primeiro Congresso e no Congresso de Todos os Sindicatos. Membro da Comissão do Secretariado Nacional.

Luís Maria Kalidás Costa Barreto 47 anos. Técnico de contas. 1971 – Presidente da Direcção do Sindicato Lanifícios Leiria e Coimbra. 1971 – Membro da Federação Nacional de Lanifícios. 1974 – Presidente da Assembleia Geral do Sindicato Lanifícios Leiria e Coimbra. 1976 – Membro do Secretariado da Federação dos Têxteis Lanifícios Vestuário de Portugal. 1977 – Presidente da Comissão Executiva do Sindicato Têxteis Lanifícios Vestuário do Centro. 1977 – Membro do Secretariado Nacional da CGTP-IN. 1978 – Reeleito Secretário da Federação dos Têxteis. 1978 – Presidente da Assembleia Geral do Sindicato Têxteis Lanifícios Vestuário Centro. 1980 – Eleito de novo presidente da Assembleia Geral do Sindicato Têxteis Lanifícios Vestuário do Centro. 1980 – Reeleito Secretário Nacional da CGTP-IN, fazendo parte da Comissão Executiva.

Manuel Carvalho da Silva 31 anos. Electricista – Planificador de trabalho (Sector de Material Eléctrico). Delegado Sindical e membro da Comissão Intersindical da empresa após o 25 de Abril. Membro da Comissão de Trabalhadores da empresa desde 1974, reeleito em todos os mandatos seguintes. Membro do Secretariado da União Sindical do Porto entre 1975 e 1977. Membro da Comissão Directiva do Sindicato dos Eléctricistas do Norte em 1976, eleito presidente da Mesa da Assembleia Geral para o mandato de 1976-1978 e reeleito em 1978 para o mesmo cargo, que continua a ocupar. Eleito no Congresso de Todos os Sindicatos para o Secretariado Nacional da CGTP-IN.

Manuel Correia Lopes 36 anos. Profissional da indústria de lanifícios. Presidente da Direcção do Sindicato dos Lanifícios de Lisboa de 1970 a 1975. Membro fundador da Intersindical a cujas Comissões Coordenadoras Nacionais pertenceu até 1975. Presidente da Federação Nacional dos Sindicatos da Indústria de Lanifícios, desde 1971 a 1974. Delegado dos Trabalhadores Portuguesas à Conferência Internacional do Trabalho em 1974. Membro do Secretariado da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Lanifícios e Vestuário de Portugal de 1975 a 1976. Membro do Secretariado da Comissão Executiva da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis Lanifícios e Vestuário de Portugal desde a sua fundação a 1976. Presidente da Direcção do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis Lanifícios e Vestuário do Sul, de 1975 a 1978. Presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário desde 1978. Membro do Secretariado Nacional e da Comissão Executiva da CGTP-IN desde 1977.

Carlos António de Carvalho
31 anos. Preparador de Trabalho (Metalúrgico). De 1972 a 1974 participou nas actividades da Intersindical como representante do Grupo Pró-Eleitoral do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa. Em 1974 fez parte do Secretariado da União dos Sindicatos do Sul. Membro do Secretariado Nacional da Intersindical eleito no Congresso de 1975, foi reeleito no Congresso de Todos os Sindicatos em 1977.

Carlos Manuel Alves Trindade
25 anos. Contínuo. Membro da Comissão que libertou o Sindicato do corporativismo em Maio de 1974. Eleito Secretário-assistente da Direcção nas eleições de Julho de 1974. Eleito Secretário Geral da Direcção Nacional nas eleições de 1976 e reeleito nas eleições de 1979.

Joaquim Mendes dos Santos Calhau
38 anos. Empregado Bancário. Membro da Comissão de Trabalhadores do Banco Pinto & Sotto Mayor em Coimbra em 1975. Membro da Direcção do Sindicato dos Bancários do Centro em 1975 e 1976. Membro da União dos Sindicatos de Coimbra em 1976 e 1977. Membro do Secretariado Nacional do Triénio de 1977 a 1980.

José António Santana Costa
38 anos. Empregado de Armazém. Delegado Sindical até Abril de 1975. Membro da Comissão Directiva do Sindicato dos Operários da Construção Civil do Distrito de Coimbra desde Abril 1975 a Julho de 1975. Presidente da Direcção do Sindicato dos Operários da Construção Civil e Ofícios Correlativos do Distrito de Coimbra desde 1975 a 1977. Eleito para o Secretariado da C.G.T.P.-IN em 1977. Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, Madeiras e Afins do Distrito de Coimbra desde 1977 reeleito em 1979.

José Ernesto Ribeiro Cartaxo
36 anos. Activista sindical antes do 25 de Abril, viu-se impossibilitado de fazer parte da Lista candidata às eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa em 1973, por ter estado preso 2 anos pela Pide. Delegado Sindical e membro de Comissão de Trabalhadores da MEC em 1974 e 1975. Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa em 1975. Actual membro do Secretariado da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas. Membro de Secretariado Nacional da CGTP-IN e sua Comissão Executiva.

ULISSES MARIA DE MATOS DA SILVA GARRIDO. 29 anos, trabalhador bancário desde 1973 – União de Bancos. Delegada Sindical de 1973 a 1976. Membro da Comissão de Delegados (ex-Banco da Agricultura) de 1974 a 1976. Membro do Secretariado da Comissão Distrital de Lisboa em 1974/75. Membro das Comissões Nacionais de Trabalhadores (ex-Banco da Agricultura) em 1976/78. Delegado da Comissão de Trabalhadores em 1978 e ao 1.º Congresso do Conselho dos Bancários do Sul e Ilhas em 1979. Membro do Sindicato Geral do Sindicato e do Secretariado da Secção Sindical de Empresa em 1980/81. Candidato aos Corpos Gerentes do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas pelas listas unitárias em 1975, 1977, 1978, 1979 e 1982. Eleito para o Secretariado da USL/CGTP-IN em Junho de 1980; membro da sua Comissão Executiva, onde é responsável pelo Departamento de Informação, Agitação e Propaganda.

FLORIVAL ROSA LANÇA. Operário Metalúrgico. Sorefame. 36 anos. Cargos Sindicais desempenhados: Maio de 1974: Membro da 1.ª Comissão de Trabalhadores da Sorefame. Setembro de 1974: Membro da 1.ª Comissão Intersindical da Sorefame. Outubro de 1975: Membro da Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa. Julho de 1977: Membro do Secretariado da União dos Sindicatos da Lisboa – Reeleito em Junho de 1980, onde é coordenador da Comissão Executiva. Março de 1980: Membro do Secretariado Nacional da CGTP-IN.

António Teodoro Presidente da Direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa. 32 anos de idade. Professor na Escola Secundária de Almada. Pertenceu desde a sua criação aos Grupos de Estudo do Pessoal Docente, estrutura associativa e reivindicativa dos professores do ensino oficial, impedidos de se constituírem livremente em organizações sindicais, e que, logo após o 25 de Abril, constituíram as estruturas dinamizadoras dos Sindicatos dos Professores. Membro fundador do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, tendo integrado a sua Comissão Instaladora e a sua Comissão Directiva eleita. Entre Outubro de 1974 e Julho de 1975, ocupou o cargo de inspector-chefe do ensino primário. Pertenceu à direcção da revista **«O Professor»** entre 1973 e 1979. É autor de vários livros sobre a situação dos professores e do ensino e colaborador de várias revistas e jornais nacionais e estrangeiros

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Publica
Direcção de Distribuição Tejo

AVISO

AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

6. Sector — CONCELHO DE LISBOA: R. da Prata, 240 a 288.
8. Sector — R. Oliveira Martins, 1 a 19 e de 2 a 6-G, R. Quirino da Fonseca, 17 a 29, R. Carlos Mardel, 93 a 101 e de 92 a 100 e Al. D. Afonso Henriques, 62 a 64
10 Sector — R. dos Lojistas (ao B. da Encarnação), Praça Norte, R. 1, Cabo José Martins Silvestre e imediações (das 8 às 12 h)

1 Zona — CONCELHO DE MAFRA — Mafra: lugar do matadouro e qta. Nova Almada; Ericeira: L. da Parada, L. S. Romão, L. S. Pedro, estr. n.º 249, R. Paroquial, Calç. do Rego, R. do Paço, R. do Esp. Santo, L. Pelourinho, R. S. Filipe, R. da Assunção, R. do Carmo, R. do Rio Calvo, R. do Arrabalde, R. dr. Manuel de Arriaga e imediações (das 8 às 14 h).
2. Zona — CONCELHO DE V. FRANCA — Adanara, Casal Tojais, Casal Pardeeiro, Calhandriz, A-dos-Melros, Fazendinha, Arcena, A-dos-Potes, Encosta da Fonte, Bom Sucesso e S. Romão; Alhandra: Estr. de Subserra, estr. da Arruda e S. da Conceição; Vialonga: R. Prof. Egas Moniz, R 28 de Setembro e imediações; Alverca: Qta. do Forno (parte), Qta. do Galvão e Estr. N. n.º 10 (das 8 às 14 h).
3. Zona — CONCELHO DE AMADORA: Amadora: R. 5 de Outubro, R. Luís de Camões, R. Gil Vicente E. N. n.º 249, R. Alfredo Keil e imediações; Alfragide: R. Ribeiro dos Reis, R. Pereira Bastos, R. da Imprensa, R. Faustino da Fonseca, R. Lino da Assunção e imediações, Casal da Mira, Moinhos da Funcheira (parte) e Presa; Brandoa: Ruas O, N, M, X, L, J e imediações (das 8 às 14 h).
4. Zona — CONCELHO DE OEIRAS: Estr. de Carnaxide e Valejas, Ribeira de Baixo (parte) e imediações; Porto Salvo: Casal do Deserto, B. Auto Construção e imediações (das 8 às 14 h)
5. Zona — CONCELHO DE CASCAIS — Cascais: R. da Bela Vista, R. Carlos Ribeiro, R. Manuel Joaquim Avelar, R. Visconde da Luz, R. D. Francisco Avilez, Trav. Visconde da Luz e imediações, Av. Valbom, R. José Félix Moura Lima, R. Frederico Arouca, R. da Palmeira, R. Batalhão S. C. Ferro, Trav. da Palmeira e imediações (das 8 às 14 h).
6. Zona — CONCELHO DE SINTRA — Albarraque: Bairro da Tabaqueira, Covas, Praias da Maçãs e Pinhal da Nazaré, R. Garcia de Castro, R. Depósito das Águas, Estr. da Tomadia, R. da Tomadia, Av. do Atlântico e imediações; Queluz Ocidental: Praceta Stuart Carvalhais e Praceta Simões Almeida Júnior; Queluz: R. Heliodoro Salgado, Av. da República (parte), R. Óscar Monteiro Torres e R. Conde de Almeida Araújo, Venda Seca (das 8 às 14 h).

Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações

Largo de Santos, 13, 3.º — 1200 LISBOA
Telefones 66 66 52 • 67 25 45

Assembleia Geral Eleitoral

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 77.º e para os fins consignados na alínea a) do artigo 31.º e de acordo com o artigo 84.º dos Estatutos, convocam-se os sócios deste Sindicato no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a **ASSEMBLEIA ELEITORAL** a realizar no dia 16 de Junho de 1982 com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— Eleição dos CORPOS GERENTES do Sindicato para o Biénio 1982/1984

Lisboa, 28 de Abril de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(Francisco de Campos Gomes Dias)

DESPORTO

Inoportuno passeio ao Brasil

Futebol: "cadê" a selecção?

Quatro futebolistas do Benfica e dois do Sporting foram convocados para o encontro particular Brasil - Portugal (dia 5 de Maio, em Maranhão), apesar da recusa dos clubes em cedê-los à selecção nacional. O Comité Técnico da FPF divulgou, no final de uma reunião que se prolongou por duas horas, a lista dos 16 futebolistas escolhidos, que pertencem a seis clubes. São eles: Bento, Humberto Coelho, Carlos Manuel e Nené (Benfica); Delgado, Coelho, Murça e Norton de Matos (Portimonense); Eurico e Manuel Fernandes (Sporting); Gregório Freixo e Abreu (Vitória de Guimarães), Palhares e Eliseu (Boavista), Gabriel e Teixeirinha (FC Porto).

Os dirigentes do Benfica e do Sporting comunicaram já à FPF a sua recusa em ceder os seus jogadores, alegando **o período decisivo** que ambos atravessam no campeonato de futebol. Os futebolistas reúnem-se no domingo à noite, em Lisboa, partindo no dia seguinte para o Brasil e regressando no dia 6.

Posição federativa

Os futebolistas seleccionados para o encontro Brasil-Portugal que não comparecerem à convocatória do técnico Juca podem ser punidos disciplinarmente – admitiu hoje, o presidente da Federação de Futebol. Romão Martins disse caber à Comissão de Disciplina daquele organismo desportivo, aplicar os respectivos castigos aos jogadores, que faltarem à convocação com vista ao jogo com os brasileiros, em São Luís do Maranhão.

Estou, contudo, confiante que não haverá ausências na selecção e que os clubes rectifiquem a sua posição de não ceder os seus futebolistas – declarou o responsável federativo, referindo-se ao Benfica, Sporting e F.C. Porto.

Romão Martins esclareceu que está a encetar contactos com os dirigentes dos três clubes «críticos» (Benfica, F.C. Porto e Sporting) para se atingir uma plataforma de entendimento, que permita a inclusão dos seus jogadores na selecção.

Penso que o problema se resolverá no melhor sentido, sem desprestígio para o futebol nacional e sem que se criem contenciosos desnecessários com os clubes – comentou o dirigente, reafirmando o seu optimismo na evolução do litígio. Romão Martins confirma ter recebido comunicações do Benfica e FC Porto no sentido de não cederem os seus futebolistas, enquanto o Sporting (sem hostilizar a selecção) enviava uma carta, afirmando não ser este o melhor momento para a inclusão de futebolistas leoninos na selecção.

O presidente federativo relata os antecedentes do «caso selecção», afirmando ter acordado, há dois meses, com os clubes (Benfica, Porto e Sporting) que estes cederiam os seus futebolistas para o encontro com o Brasil. O mesmo responsável explicou ter ficado estabelecido que em caso de o Nacional de futebol se encontrar numa fase decisiva a cedência dos futebolistas se reduziria para dois de cada clube.

Para além disso ficou estabelecido que o clube que tivesse mais de dois futebolistas seleccionados, poderia pedir o adiamento do encontro do Nacional – acrescentou Romão Martins. Para o presidente da FPF, a posição dos clubes constituiu uma surpresa e o facto de se encontrar no estrangeiro, à data da recusa, retardou a divulgação da lista dos convocados por Juca, ainda seleccionador. **Face a esta situação de ruptura dos acordos firmados, achamos que o melhor seria formar uma selecção com os 16 futebolistas de momento mais aptos a participarem no jogo com o Brasil** – frisou Romão Martins, acrescentando ser meramente casual a inclusão de quatro futebolistas do Benfica, margem que ultrapassa o limite de dois previsto. Segundo o ponto de vista federativo, a situação criada pelos clubes só é desculpável ao FC Porto, em virtude de o compromisso ter sido estabelecido com a anterior direcção, já destituída de funções. **Aguardamos que o bom senso impere, de modo a que não venha a existir mais um caso no futebol nacional** – concluiu o dirigente, que se mostrou pessoalmente empenhado em superar o conflito com os clubes.

Nacionais prosseguem

Neste fim-de-semana prosseguem os nacionais futebolísticos. Jogos na 1.ª divisão: Sporting-Amora, Vit. Setúbal-Benfica; FC Porto-Espinho, Belenenses-Vit. Guimarães, Rio Ave-Estoril, Penafiel-Boavista, Sp. Braga-Portimonense e Acad. Viseu-União de Leiria.

Os encontros têm lugar pelas 16 horas de domingo. Para o 2.º escalão ZONA NORTE, eis o cartaz: Leça - Leixões, Paços Ferreira -Varzim, Gil Vicente - Amarante, Valdevez - Sanjoanense, Fafe -União de Lamas, Feirense -Neves , Salgueiros - Famalicão e Bragança - Chaves, este no campo do Centro de Educação Especial, em Bragança. ZONA CENTRO: União Santarém -Académico, Portalegrense -Benf. Castelo Branco, Águeda -Cartaxo, Alcobaça - Guarda, Rio Maior - Peniche, Oliveirense -Nazarenos, Sporting Covilhã -Oliveira Bairro e União Coimbra -Beira Mar. ZONA SUL: Juventude - Marítimo, Cova Piedade -Barreirense, Farense - Lusitano Évora, Estrela Amadora - Sacavenense, Esperança Lagos -Lusitânia, Nacional - Elvas, Quimigal - União da Madeira e Vasco da Gama - Montijo.

Jogos na 3.ª Divisão, Série A: Aves - Vilaverdense, Riopele - Mirandela, Vizela - S. Martinho, Vianense - Limianos, Monção -Sendim, Maria Fonte - Ponte Barca, Cabeceirense - Moreirense e Ribeirão - Prado. Série B: Paredes - Vilanovense, Régua - Candal, Paços Brandão - Tirsense, Mogadourense - Infesta, Lourosa - Ermesinde, Marco - Ovarense, Valonguense - Carvalhais e Valadares - Lixa. Série C: Naval - Febres, Esperança - Pedrulhense. Anadia -Quiaios, Penalva - Tondela, Seia - Vildemoinhos, Alba - Viseu Benfica, Alcains - Mangualde e Marialvas - Estarreja.

Série D: Caldas - Bombarrelense, amanhã em Gaeiras -Óbidos, às 16 horas. Alpalhoense - Marinhense, Vieirense -Torres Novas, Marrazes - Almeirim, Campomaiorense - Torriense, União Tomar - Pombal, Marinha - Alferrarede e Valcovense - Est. Portalegre. Série E: Desp. Olivais- Bucelense, Tires -Odivelas, Vilafranquense - SL Olivais, Pêro Pinheiro - Vitória Angrense - Atlético, também no domingo mas às 15 horas, Oriental - Cacém, Loures - Oliveirense, amanhã às 16 horas, e Corujense - Almada. Série F: Serpa - Santiago Cacém, Seixal - Sesimbra, Trafaria - Beja, Silves - Campinense, Alvorense - Olhanense, Louletano -Lusitano, Moitense - Redondense em Sarilhos Pequenos, e Aljustrelense - Comércio Indústria.

Gomes volta às Antas

O futebolista internacional Fernando Gomes, que representa o Gijón há dois anos, será jogador do Futebol Clube do Porto na próxima época, Gomes, que se transferiu do FC Porto para o Gijón, assina hoje um contrato com o clube das Antas por três épocas. O valor da transferência é de 30 milhões de pesetas (cerca de 21 mil contos).

O dianteiro português, que se estreou no Futebol Clube do Porto há dez anos, saiu para a equipa espanhola do Gijón há duas épocas. Esta saída consumou-se no período quente que o clube das Antas viveu em 1980.

Pinto da Costa e Eduardo Poças, respectivamente presidente e Relações Públicas para a Imprensa do FC Porto, seguiram hoje para Gijón para ultimarem a transferência.

A assinatura do contrato será feita à noite, em Gijón na presença dos dois directores do FC Porto, do futebolista internacional e do presidente do clube espanhol, Manuel Vega Arango.

Kuwait vence Amora

O Kuwait, finalista do Mundial-82, venceu a equipa do Amora, por 1-0, em jogo particular, no Estádio Nacional. O golo foi marcado por Mahboub, aos 25 minutos de jogo.

Foi o 3.º jogo de preparação da selecção do Kuwait, que se encontra a estagiar em Portugal. Nos anteriores, o Kuwait, empatou com o Belenenses, (1-1) e venceu o Estoril (2-1).

Alves e Pietra: situação

Os «internacionais» Alves e Pietra, operados na 2.ª feira em Belgrado, encontram-se a recuperar satisfatoriamente – declara o correspondente da agência jugoslava «Tanjug» em Lisboa. Drajica Popovic, adiantou que Pietra se levantou ontem e efectuou exercícios físicos no corredor do hospital. «Alves ainda se mantém no leito mas hoje dará os primeiros passos» – acrescentou.

Popovic adiantou que um representante da embaixada portuguesa em Belgrado visitou os futebolistas, que devem regressar a Lisboa dentro de 15 dias. O correspondente da «Tanjug» revelou, ainda, que o médico Branko Nesovic, um especialista em lesões musculares, lhe afirmou que Pietra poderá regressar em pleno aos treinos dentro de um mês e que Alves estará apto a jogar ainda antes do início da próxima temporada.

Vítor Madeira suspenso

Luís de Sousa Nunes, presidente do Vitória de Setúbal, suspendeu o jogaoor Vítor Madeira de toda a actividade desportiva, até ao final da época com proibição de frequentar as instalações do clube. O presidente do Vitória declara, também, que os jogadores, Artur e Rui Lopes, do Penafiel assinaram contrato por duas épocas com o Vitória. Trindade e Brito (do Rio Ave) igualmente firmaram compromissos: o primeiro por duas e o segundo por uma época, podendo o guardião Melo (que não revalidou com o Sporting) poder ingressar na equipa sadina.

Nomes na berlinda

O brasileiro Osvaldo Brandão poderá ser o novo técnico do Vitória de Guimarães. No Belenenses, nova rescisão de contrato: desta feita foi Eurico, que disse adeus ao Restelo. No que toca a treinador para o Benfica, surge na corrida o austríaco Senekovitch.

Atenção, casapianos!

É considerado «dia do clube», para os adeptos casapianos, o jogo do seu emblema com o Malveira, a disputar no domingo.

Maradona no Barcelona?

O «internacional» argentino Diego Maradona assinou um contrato com o Barcelona – noticia o diário desportivo espanhol «AS». Citando informações de um responsável do clube, a mesma fonte acrescentou que o contrato, válido para a próxima temporada, foi assinado num hotel da capital catalã.

«Maradona ficará em Espanha, ao serviço do Barcelona, logo após o termo do mundial-82 de futebol» – diz o «AS» que adianta: o contrato de Maradona foi negociado com um director do Boca Juniores (clube do jogador), que se encontra há vários dias em Espanha.

MICROSCÓPIO

● Amanhã: a direcção do Amora Futebol Clube a convidar para o lançamento da 1.ª pedra do seu pavilhão gimnodesportivo, na Quinta do Conde. A festa alonga-se até à noite, com descarga de fogo, lá para as 23.

Minibasquete: torneio

O primeiro torneio de minibasquete organizado pelo Atlético Clube de Portugal realiza-se a 1 e 2 de Maio, no Pavilhão da Tapadinha. Participam no torneio as equipas do Atlético, Oeiras e Ginásio Figueirense, sendo o grupo etário dos desportistas entre os 8 e os 11 anos. O Atlético de Portugal tem cinco equipas de minibasquete, num total de 70 jogadores.

Campismo na Lousã

Nos dias 1 e 2 de Maio, a Comissão de Actividades de Montanha da FPCC (Zonas Beira I e II) e o Grupo de Montanha do Clube de Campismo e Caravanismo de Coimbra, efectuam a I Marcha Regional de Montanha (Beira I e II), na serra da Lousã, com o seguinte percurso: sr.ª da Piedade - Chiqueiro - Catarredor (pernoita) - Talasnal - Sr.ª da Piedade. O controlo de saída funciona no dia 1 de Maio (sábado) entre as 9 e as 14 h. na Sr.ª da Piedade

Mundial de hóquei

Argentina-Inglaterra logo para começar...

Começa amanhã, em Lisboa e Barcelos, o XXV Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins: o torneio que vai dar a Portugal, independentemente do seu resultado final, a taça com o nome de Samaranch. Isto, porque os hoquistas portugueses de outras eras conseguiram amealhar o pecúlio suficiente de títulos para que o valioso troféu não fosse parar a outra vitrina que não fosse a da Federação Portuguesa.

Amanhã, o Pavilhão dos Desportos de Lisboa e o de Barcelos vão ser cenários da jornada inaugural, no cumprimento de uma 1.ª fase que terá relativo interesse: apurar de cada um dos quatro grupos formados os três países que, a partir de 5 de Maio, irão esgrimir os «stiks» pela conquista de um título mundial.

Como sempre, quatro potências apresentam-se, «a priori», donas do favoritismo geral: Portugal (porque joga em casa e porque atira também uma última cartada para chamar a si o comando da hegemonia hoquista), a Espanha (que se apresenta como a actual grande senhora do hóquei em patins europeu) a Argentina (com uma equipa veterana mas que não esqueceu a ideia de conjunto de há quatro anos) e ainda a Itália (que, no último Montreux, deu finalmente uma ideia do valor individual dos seus jogadores).

Mas, em contacto com a delegação italiana (que ontem chegou a Lisboa), demos conta das preocupações do seu técnico no que diz respeito aos jogadores que fizeram a viagem: o jogador «mais» que actuou em Montreux (Belli) não fez a viagem por se encontrar magoado e a «estrela» da companhia (Marzella) encontra-se «tocado» numa virilha, o que o impede de render 50 por cento.

Por mais voltas que se dê, a verdade, verdadinha, é que das 22 selecções presentes a este «mundial» só estas quatro podem chegar ao lugar cimeiro. O resto é para encher o programa, proporcionar férias a uns atletas que gostarão mais do sol de Portugal do que gastar uns dias de Maio nas suas terras: é o caso do México (por exemplo), que ainda ontem à noite não se sabia quando e onde chegava ou da Guatemala, onde os jogadores (alguns com 17 anos de idade) pagaram do seu bolso a deslocação...

Há, também, quem queira levar isto a sério: Angola está neste lote, com o envio de uma delegação que experimentou Montreux e depois disso por cá permaneceu a treinar ou a rodar.

Mas, amanhã, logo a seguir à cerimónia de abertura no Pavilhão de Lisboa, o público terá ocasião de presenciar um Argentina-Inglaterra, onde o vencedor está facilmente encontrado.

A curiosidade mora na oportunidade da luta das Malvinas, sendo curioso verificar o comportamento dos jogadores face às últimas notícias que os telexes nos trazem. Seja como for o XXV Campeonato do Mundo está aí às nossas portas: os preços dos bilhetes são os preços das jornadas do campeonato nacional: 100 escudos por sessão. E, por 100 escudos, quem vai perder um confronto Argentina-Inglaterra?

Jornalistas bem tratados

O gabinete de Imprensa deste «Mundial» de Hóquei em Patins, conseguiu, tanto em Lisboa como em Barcelos, condições ímpares para os jornalistas trabalharem e refazerem-se do esforço. Em Lisboa, por exemplo, a Vimóveis proporcionou a montagem de uma «sala de lazer» onde o jornalista acreditado poderá dispor de café e outras bebidas gratuitamente. Mas aquela empresa foi mais longe: mandou imprimir uns blocos com o cabeçalho do campeonato para que aos jornalistas nem papel faltasse...

Calendário

Jogos para amanhã:

GRUPOS «A» E «D», em Barcelos: 15 h. – Holanda-Chile; 16 h. – Canadá-Irlanda; 17 h. – Suíça-México; 18 h. – Alemanha Federal-Venezuela e 19 h. – Brasil-Espanha. Descansa a Nova Zelândia.

Dia 2 de Maio: 09 h. – Irlanda-Suíça; 10 h. – México-Holanda; 11 h. – Chile-Canadá; 12 h. – Venezuela-Brasil e 13 h. – Espanha-Nova Zelândia. Descansa a Alemanha Federal. 19 h. – México-Irlanda; 20 h. – Canadá-Holanda; 21 h. – Suíça-Chile; 22 h. – Nova Zelândia-Brasil e 23 h. – Alemanha Federal-Espanha. Descansa a Venezuela.

Amanhã nos GRUPOS «B» E «C» – em Lisboa: 15 h. – Japão-Estados Unidos; 16 h. – Argentina-Inglaterra; 17 h. – Guatemala-Itália; 18 h. – Portugal-Angola e 19 h. – França-Colômbia. **Dia 2 de Maio:** 09 h. – Guatemala-Austrália; 10 h. – Inglaterra-França; 11 h. – Colômbia-Japão; 12 h. – E. Unidos-Argentina e 13 h. – Angola-Itália; 18 h. – Portugal-Austrália; 20 h. – Colômbia-Inglaterra; 21 h. – França-Estados Unidos; 22 h. – Argentina-Japão e 23 h. – Angola-Guatemala.

Hoje, no Coliseu: boxe profissional

O Coliseu dos Recreios, onde se têm realizado grandes combates de boxe, reabre hoje as suas portas para o ressurgimento do profissionalismo em Portugal, desta feita através de uma nova organização: a «Triboxe». A anunciada sessão comporta dois encontros de profissionais e ambos no campo internacional.

A reunião, com início às 21.30, tem o seguinte programa:

AMADORES: Ligeiros – António Mafra (Talaíde) contra José Lopes (Belenenses), em 3 assaltos de 3 minutos.

NEOPROFISSIONAIS: Ligeiros – Carlos Pereira (Sporting) contra Mário Navarro (União Brandoense), em 6 assaltos de 2 minutos; Médios Ligeiros – Vítor Carvalho (Sporting) contra José Tavares (Águias da Musgueira), também em 6 assaltos de 2 minutos.

PROFISSIONAIS: Médios – Dino Fleitas (uruguaio) contra Ben Aisa (marroquino), em 6 assaltos de 3 minutos; Meios-Médios Ligeiros – António Mondim (português) contra José Arenas (espanhol), em 8 assaltos de 3 minutos.

Em Lisboa, impunemente

FNLA quer aproveitar mundial de hóquei

O «grupelho da FNLA e da Convergência de Chipenda» distribuíram nos últimos dias, em Lisboa, comunicados apelando a seus correligionários para se manifestarem contra a República Popular de Angola no jogo Portugal-Angola no início do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins que se realiza no Pavilhão dos Desportos.

A propósito, a Associação de Amizade Portugal-Angola emitiu um comunicado no qual alerta de novo a opinião pública portuguesa para o desenvolvimento em Portugal de actividades conspiratórias contra a RPA acrescentando:

«Tais actividades à luz do dia mostram às escâncaras que esses grupelhos se movimentam impunemente em Portugal. A sua acção constitui uma grosseira ingerência nos assuntos internos do Estado angolano, visando criar obstáculos ao desenvolvimento das relações Portugal-Angola. Os tumultos que se pretendem realizar no jogo Portugal-Angola, se fossem para diante, teriam efeitos tremendamente negativos para Portugal enquanto país anfitrião e organizador do Campeonato do Mundo».

A AAPA responsabiliza ainda o Governo «pela eventualidade destes túmultos, no caso de não tomar as medidas necessárias para os evitar.»

DESPORTO

Queda grave na "Volta ao Algarve"

José Zeferino: fractura de crânio

Alexandre Ruas (Lousa), venceu ontem ao «sprint» a 3.ª etapa da «Volta ao Algarve» em bicicleta, mas Carlos Santos (FC Porto) manteve a «camisola amarela», conquistada de manhã. Ruas cobriu os 105 quilómetros do percurso entre Almodôvar e Beja em três horas e 2,25 minutos, à média de 35,194 quilómetros por hora. Nos lugares imediatos ficaram Carlos Santos (FC Porto), Fernando Fernandes (Bombarralense), António Brás (Tavira) e Luís Teixeira (Coelima) todos com o mesmo tempo do vencedor.

A etapa ficou assinalada por uma queda de um grupo de ciclistas, em Castro Verde, da qual resultaram vários ciclistas feridos, entre os quais o portista José Zeferino. Em outra queda verificada uns quilómetros adiante, Carlos Marques (Tavira) foi forçado a abandonar, com suspeita de fractura de clavícula.

Carlos Santos, que conquistou de manhã a «camisola amarela», manteve as camisolas verde (classificação por pontos) e Rosa (metas turismo), assim como Joaquim Fonseca, que conservou a camisola azul (prémio da montanha).

À partida para a etapa de hoje, entre Beja e Fóia (164 quilómetros), os cinco primeiros são os seguintes: 1.º Carlos Santos, FC Porto, 9h 30 m 51s; 2.º Luís Teixeira, Coelima, mt; 3.º Joaquim Fonseca, Rodovil, mt; 4.º António Brás, Tavira, mt; 5.º Belmiro Silva, FC Porto, mt. Geral por equipas: 1.º FC Porto, 28h 32 m 33 s; 2.º Bombarralense; 3.º Rodovil.

Ontem, de manhã, teve lugar a 2.ª etapa da prova, entre Boliqueime e Almodovar. Carlos Santos do (FC do Porto) ganhou a tirada ao «sprint» gastando o tempo de 2 horas 19,45 minutos para os 75 quilómetros do percurso, è média de 32,200 quilómetros horários. Ordem: 1. Carlos Santos, FC do Porto, 2,19,45 horas; 2. António Fernandes, Rodovil; 3. Elias Campos, Tavira; 4. Paulo Ferreira, Bombarralense; 5. Luís Teixeira, Coelima; 6. Abel Coelho, Lousa; 7. António Pinto, Coelima; 8. António Brás, Tavira; 9. José Zeferino, Porto; 10. Firmino Bernardino, Lousa.

Em luta pela vida

José Zeferino deu ontem à noite entrada na sala de observações do Hospital de S. José, em Lisboa, com fractura de crânio. O prognóstico é reservado e o seu estado é considerado grave.

Tal como disse, Zeferino sofreu uma queda em Castro Verde, durante a etapa Almodovar-Beja. Transportado para o Hospital de Castro Verde, foi posteriormente transferido para o distrital de Beja mas, dado o seu estado (coma) foi enviado de urgência para o Hospital de S. José. José Zeferino é irmão de Manuel Zeferino, vencedor da «Volta a Portugal» de 1981.

Esta manhã, em contacto com o Hospital de S. José, recebemos a seguinte informação:

– O ciclista José Zeferino foi operado a fractura do crânio, ontem, à noite, pela dr.ª Maria Cristina da Câmara. Ainda não recuperou e o prognóstico mantém-se o mais reservado possível.

José Zeferino está internado no Serviço 10, cama 2R, dos Serviços de Reanimação.

À hora em que encerramos esta edição, mantém-se o propósito da equipa do F.C. Porto de desistir da «Volta ao Algarve». Dois acidentes graves em menos de uma semana (atropelamento de José Amaro no «Grande Prémio de Loures» e, agora, fractura de crânio provocada por queda de José Zeferino) ferem bastante o moral da turma das Antas, onde o técnico Emídio Pinto era esta manhã um homem completamente **esfrangalhado.**

«Vuelta»

O francês Hughes Grondin venceu a 9.ª etapa da Volta à Espanha em bicicleta, mas o belga Claude Criquelion manteve o 1.º lugar da classificação geral. Grondin cobriu os 182 quilómetros do percurso entre Atesa del Segre e Puigcerda em cinco horas 25 minutos e 24 segundos, à média horária de 33,558 quilómetros.

Nacional de andebol

Porto em perigo

O FC do Porto, «guia» invicto do «nacional» da 1.ª Divisão de andebol de sete, desde a fase de apuramento (já lá vão, com os dois da «poule» final, 24 jogos vitoriosos) vai ter um fim-de-semana tormentoso, na 3.ª e 4.ª jornadas da meta decisiva da prova. Com efeito, a jovem equipa **azul e branca** desloca-se a Alvalade e ao Restelo, onde a sua invencibilidade vai estar em perigo ao defrontar dois adversários que, para além de actuarem na situação de visitados, são grupos valorosos e com ambições supremas. A perspectiva é de que o punhado de moços desse jogador talentoso de outrora que foi Armando Campos (técnico da equipa) terá imensas dificuldades em resistir aos emblemas leonino e da «Cruz de Cristo». Na mesma deslocação o FC do Porto é «acompanhado» pelo Sp. de Espinho, que não parece ter hipóteses de brilharete no Restelo e em Alvalade.

Encarnação e Benfica deslocam-se a recintos do Norte para defrontar o Desp. da Póvoa e a Académica de S. Mamede. Na jovem cidade poveira os grupos lisboetas apresentam-se como favoritos. Já no pavilhão dos mamedenses há que colocar muitas reservas ao presumível êxito dos visitas. Como ponto de referência para a capacidade dos mamedenses será de assinalar que perderam apenas por quatro golos nas Antas, frente ao FC do Porto. No resumo da dupla jornada, afigura-se que o Sporting se isolará no comando.

Os jogos de sábado (3.ª jornada): Sporting-FC do Porto (18 e 30), Belenenses-Sp. Espinho (21), Desp. da Póvoa-Encarnação (18) e S. Mamede-Benfica (21). Domingo (4.ª jornada): Sporting-Sp. Espinho (18 e 30), Belenenses-FC Porto (18), S. Mamede-Encarnação (16) e Desp. da Póvoa-Benfica (18).

Máximos

Atletismo: Nora Araújo

A atleta benfiquista Nora Araújo estabeleceu nos Estados Unidos, a melhor marca portuguesa do heptato com 5.365 pontos. A pontuação foi obtida nos campeonatos universitários dos Estados Unidos, que se disputaram em Filadélfia. Nora Araújo, que se encontra a estudar nos Estados Unidos, alcançou as seguintes marcas: altura – 1,71; peso – 12,30; 800 m – 2.24; dardo – 36,50; 200 m – 26,8; comprimento – 5,60; 100 barreiras – 14,7.

Placard

Hipismo em Cascais

A Sociedade Propaganda de Cascais promove, no Hipódromo Municipal Manuel Possolo, nos dias 1, 2 e8, 9 de Maio próximo o seu XVI Concurso Nacional de Saltos de Cascais da Primavera, sendo os dois primeiros dias reservados a Cavaleiros Iniciados, Juvenis e Juniores, e cavalos debutantes. Os dias 8 e 9 são destinados a cavalos de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª categorias.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, FABRICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL, GRÁFICA E IMPRENSA DO SUL E ILHAS

C.G.T.P. INTERSINDICAL

ASSEMBLEIA DISTRITAL ELEITORAL
(DISTRITO DE SANTARÉM)
— 30 DE JUNHO DE 1982 —

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos do Sindicato, convocam-se os associados do **Distrito de Santarém** para a Assembleia Distrital Eleitoral a realizar no dia 30 de Junho de 1982, entre as 00.00 e as 24.00 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS
Ponto Único
Eleição do Secretariado Distrital

A presente Assembeleia funcionará descentralizadamente na delegação do Sindicato em Tomar, noutras localidades e empresas em dias e horas a divulgar oportunamente aos associados.

Lisboa, 23 de Abril de 1982

O Presidente da Assembleia Geral
Raul Vladimiro Miraldes Caetano

Dia 30 de Abril na RTP 1
(depois do telejornal)

TEMPO DE ANTENA DA CGTP-IN

COM A PRESENÇA DE:
ALVARO RANA
e KALIDÁS BARRETO

primavera verão 82

— CALÇÕES DESPORTIVOS ADULTO (SETIM) ..... 245$00
— CALÇÕES DESPORTIVOS CRIANÇA (C) TROUSSE .. 195$00
— CALÇÕES E BIQUINIS DE BANHO P/ HOMEM ..... 375$00
— BICICLETAS DE CRIANÇA DESDE .....6 250$00

visite as nossas lojas !
somos...
armazéns CONDE BARÃO

A FELICIDADE ESPERA POR NOS A CADA PASSO
NUNCA PERCA A ESPERANÇA!

MOSCOVO
NÃO ACREDITA EM LÁGRIMAS

OSCAR da Academia Americana de Arte Cinematográfica
ao melhor filme estrangeiro em 1981-Los Angeles

Realização de VLADIMIR MENSHOV COR

3.ª SEMANA DE ÊXITO

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h

Atenção: O filme começa no início da sessão

N/acons. a menores de 13 anos

CINE

ÁDOQUE teatro

HORÁRIO
2.ª, 3.ª e 5.ª: 21.30
6.ª e Sáb.: 20.30 e 23 h
Domingo: 16 e 21.30
Folga: 4.ª feira

SENSACIONAIS AS JOVENS DO ÁDÓQUE!

A ÚLTIMA REVISTA NO MARTIM MONIZ

HOJE
20.30 e 23 h

Tá entregue à bicharada

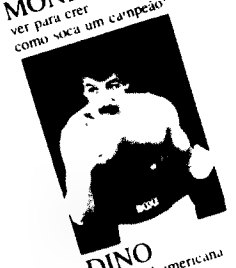
«É DE VER PARA CRER!»

ANTÓNIO FEIO CREMILDA GIL

HENRIQUE VIANA, DELFINA CRUZ, ANTÓNIO MONTEZ, MAGDA CARDOSO, MARIA VIEIRA

NUM GRANDE ELENCO!

MONDIM
ver para crer
como soca um campeão



DINO
estrela sul-americana
ídolo de Portugal

HOJE, às 21 e 30 **NO COLISEU**

FABULOSO REGRESSO

BOXE PROFISSIONAL

ORGANIZAÇÕES TRIBOXE APRESENTAM
A SUPER-SESSÃO DE PUGILISMO:

☆ MONDIM contra JOSÉ ARENAS
maior campeão português meios-médios ligeiros — Espanhol (campeão de Palência)

8 assaltos de 3 minutos

DINO FLEITAS contra BEN AISA
a vedeta dos ringues uruguaios — Primeira figura de Marrocos

médios
6 ASSALTOS DE 3 MINUTOS

DOIS COMBATES DE NEOPROFISSIONAIS

CARLOS PEREIRA
campeão amador de Portugal
contra
PEDRO SILVA (Queluz)
(ligeiros)

VÍTOR CARVALHO
vice-campeão de Portugal
contra
JOSÉ TAVARES (Musgueira)
(meio-médio)

COMBATES EM 6 ASSALTOS DE 2 MINUTOS

um COMBATE-EXTRA ENTRE AMADORES
ANTÓNIO MAFRA (Talaíde) contra SAUL GOUVEIA (Estrela da Amadora)

BILHETES A 250 ESCUDOS À VENDA NO COLISEU
SESSÃO ABERTA A MAIORES DE 14 ANOS

☆ NÃO PERCA DE VER O ESPECTÁCULO DO ANO!

TRIBUNAL DO TRABALHO DE ALMADA

— 1.ª SECÇAO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Dr. Álvaro José Gomes Vasco, Meritíssimo Juiz deste Tribunal do Trabalho de Almada, FAZ SABER que pela 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Almada, sito na Quinta das Fontainhas, Lote 8-A, Pragal — Almada, e na acção emergente de contrato individual de trabalho, com processo sumário que o autor, António Pereira, casado, servente, residente na Rua António Nobre, n.º 7 - 8.º Esq.º em Almada, move contra o réu - José Luís Ferreira Martins, cuja última residência conhecida foi na Rua de Bissau, na Cruz de Pau, corre o prazo de oito dias, findo o da dilacção de trinta dias, contado a partir da data da publicação do respectivo e último anúncio, citando o réu para contestar aquela acção, sob pena de, não o fazendo, ser condenado no pedido pelo autor, que é de 71.620$00, a título de indemnização por despedimento, férias, subsídio de férias e de Natal, retroactivos e salários não pagos.

Cujo duplicado da petição inicial se encontra depositado na 1.ª Secção deste Tribunal, onde poderá ser solicitada.

Almada, 14 de Abril de 1982

O Juiz
ÁLVARO JOSÉ GOMES VASCO VELEZ

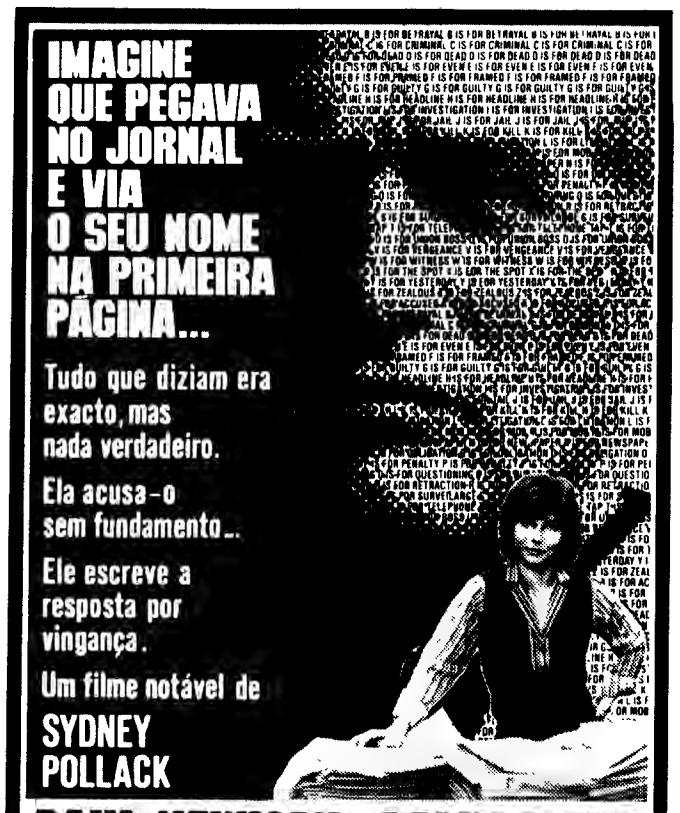
O Escrivão
JOSÉ MANUEL MOCINHA

Teatro Nosso Tempo

maiores de 8 anos

sábados e domingos às 15,30

PRAÇA JOSÉ FONTANA 12 B TEL. 57148 LX



PAUL NEWMAN SALLY FIELD

A CALÚNIA

COLUMBIA PICTURES Apresenta A MIRAGE ENTERPRISES PRODUCTION
PAUL NEWMAN • SALLY FIELD • ABSENCE OF MALICE • Música de DAVE GRUSIN
Fotografia de OWEN ROIZMAN A.S.C. • Produtor Executivo RONALD L. SCHWARY
Escrito por KURT LUEDTKE • Produção e Realização de SYDNEY POLLACK
Cor

9.ª SEMANA quarteto

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

PRÉMIO DA CRÍTICA AMERICANA

Pixote

a lei do mais fraco

O DRAMA DE UMA CRIANÇA MARGINALIZADA

MARÍLIA PERA
A MELHOR ACTRIZ DE 1981
(PRÉMIO DA CRÍTICA DE NOVA IORQUE)

JARDEL FILHO
RUBENS DE FALCO
BEATRIZ SEGALL

FERNANDO RAMOS DA SILVA
no papel de PIXOTE

um filme de HECTOR BABENCO

FILME DE QUALIDADE

11.ª SEMANA quarteto

COLOR — INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS — sacil

TRIBUNAL DO TRABALHO DE ALMADA — 1.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Dr. Álvaro José Gomes Vasco, Meritíssimo Juiz deste Tribunal do Trabalho de Almada, FAZ SABER, que pela 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Almada, sito na Quinta das Fontainhas, Lote 8-A, Pragal — Almada, e na acção emergente de contrato individual de trabalho, com processo sumário que o autor Amadeu Manuel Vargas Sousa, solteiro, vulcanizador, residente na Rua 3 — Lote n.º 24 - R/C Esq.º — Paivas — Amora, move contra o réu — José Luís Ferreira Martins, cuja última residência conhecida foi na Rua de Bissau, na Cruz de Pau, corre o prazo de oito dias, findo o da dilação de trinta dias, contado a partir da data da publicação do respectivo e último anúncio, citando o réu para contestar aquela acção, sob pena de não o fazendo, ser condenado no pedido feito pelo autor que é de 51.248$34, a título de indemnização por despedimento, retroactivos, salários não pagos e subsídios, cujo duplicado da petição inicial se encontra depositado na 1.ª secção deste Tribunal, onde poderá ser solicitada.

Almada, 14 de Abril de 1982

O Juiz
ÁLVARO JOSÉ GOMES VASCO

O Escrivão
JOSÉ MANUEL MOCINHA VELEZ

Rua Tenente Raul Cascais, 1 A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro do bairro alto

teatro da cornucópia

O Labirinto de Creta de António José da Silva (O Judeu)

De 4.ª a Sábado às 21 h.
Domingos às 16.30 h.
Segunda-feira (Descanso)

«É um admirável (literalmente) trabalho de composição.»
M.J. Brilhante — J.L.

«É um grande espectáculo e perdê-lo seria crime imperdoável.»
C. Porto — D.L.

NO DIA 1.º DE MAIO NÃO SE REALIZA ESPECTÁCULO

2.º MÊS

Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

canal da crítica

Mário Castrim

Basílio na corda bamba

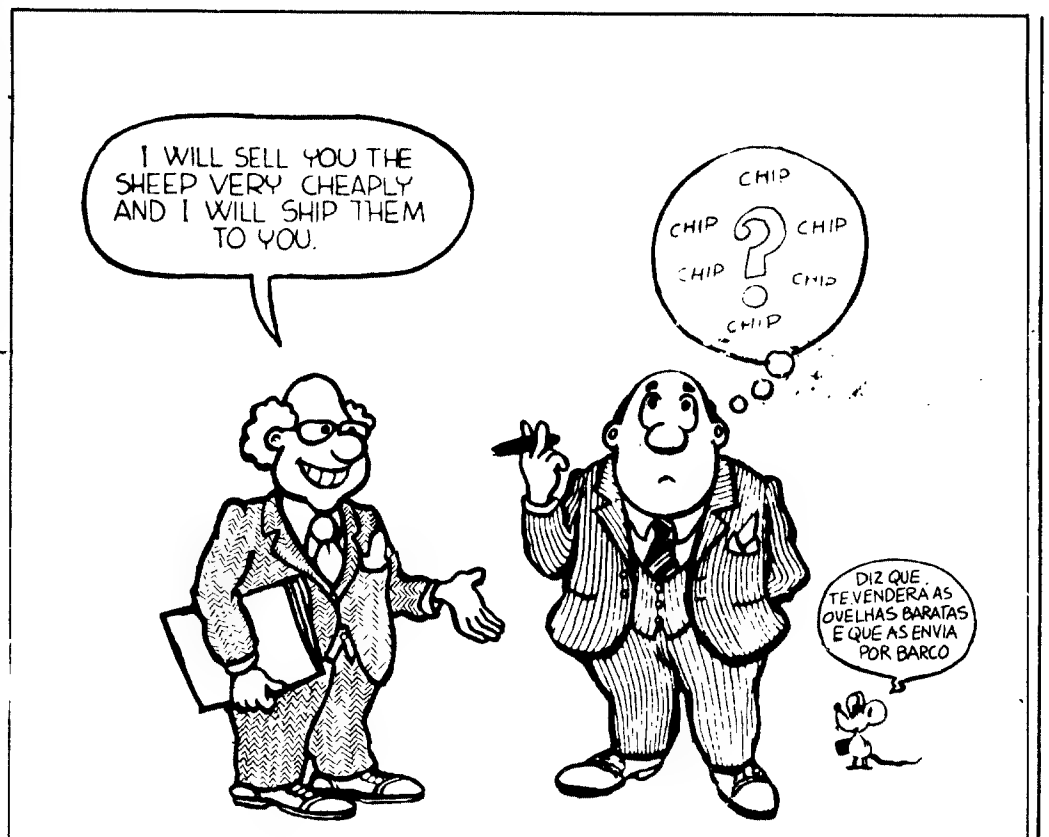
Primeiro Jornal diz que o PSD instaurou processo disciplinar contra Adelaide Paiva por faltas de comparência injustificadas na Assembleia da República. Talvez no **Telejornal** expliquem mais alguma coisinha. Entretanto, Julieta de Sousa, do Porto, diz que a PSP assegurará a Baixa portuense para a UGT. Talvez o **Telejornal** finalmente se digne explicar o fundo da questão. Mas o **Telejornal** não disse uma palavra sobre Adelaide Paiva. Mas o **Telejornal** não explicou que a Intersindical solicitara ao Governo Civil a Baixa portuense, em 4 de Maio de 1981, para o 1.º de Maio de 1982; que nenhuma resposta lhe foi dada, o que pressupõe a inexistência de obstáculos; e não explica como aparece agora a UGT a dizer que já formulara antes o pedido. Coisas mui misteriosas a pedir a intervenção urgente do Sherlock Holmes (elementar, meus caros...) e não da PSP. A própria UGT, no seu Tempo de Antena, também não explica coisíssima nenhuma. Aliás, reitera banalidades. Lugares comuns sobre o 1.º de Maio, não sei quê festa, não sei quê luta. Pouca ou nenhuma convicção. Como sem nenhuma (ou com muito pouca) convicção foram as respostas de Basílio Horta, na **Primeira Página,** em entrevista que terminou muito e muito para além das onze horas. Entrevista e não debate. Com Carneiro Jacinto, além da inevitável Margarida Marante. «Eu aqui não represento a oposição» diria Carneiro Jacinto. Apesar disso, Basílio Horta ver-se-ia em palpos de aranha. Acabaria praticamente em K. O. técnico. E só não foi ao tapete para além dos 10 segundos porque, realmente, não estava ali a oposição, nem ao menos os representantes de muitos interesses em causa. Estivessem os conhecedores das agressões à Reforma Agrária; os sindicatos e associações de pesca; os economistas para desmontar o mecanismo dos preços; os políticos para desmontar os princípios orientadores – e teríamos uma sessão memorável. Assim mesmo, Basílio claudicou excessivamente. Foram os interesses da lavoura não defendidos; a ausência de explicações para a acção das multinacionais no caso da celulose; as expropriações, direito que a Lei da Reforma Agrária lhe dá (mas que ele não utiliza...) e as reservas, direito que a lei lhe dá (e que ele utiliza...); foram os cereais que sim e os cereais que não; a batata (ou a batota?) cuja existência o Governo desconhecia (!); os intermediários que são maus e os intermediários que são bons, por exemplo o pequeno comércio do interior; e o regime florestal, ele não percebe nada disso, mas estão aí uns especialistas americanos formidáveis; enfim, o diabo. Basílio, inseguro, treme. Uma lástima. Com muito «timing», com muito «gentlemen's agreement» para dar cor local. Enfim, mais uma prova de que a AD não tem dirigentes: tem digerentes. Tem isto.

Mário Castrim

P. S. – Muitos leitores me telefonaram ontem, protestando contra os termos demagógicos e desumanos com que o ministro Luís Barbosa se referira aos doentes de paramiloidose. Para que os leitores possam verificar até onde pode ir a canhestrice, a imperícia, eu diria a inconsciência de um governante em missão oficial na Televisão, transcrevo apenas as palavras em questão:

«Há poucos dias uma Misericórdia solicitou-me um subsídio para construção de um lar para albergar nos últimos dias da sua vida os doentes de uma doença conhecida em Portugal vulgarmente como 'doença dos pezinhos'. O seu nome técnico é **paramiloidose**. *É uma doença terrível que normalmente vitima os doentes respectivos antes dos 40 anos. Estes doentes casam muito cedo, procuram ter o maior número possível de filhos, na esperança de que os filhos os possam tratar durante os últimos dias da sua vida.*

Quando esta Misericórdia me pôs o problema da construção de um lar para acolher em seus últimos dias de vida em condições adequadas estes doentes da famosa 'doença dos pezinhos', a minha resposta foi imediatamente 'sim'. E mais, disse que 'sim' acrescentando que essa decisão era possível na medida em que nos últimos meses, tínhamos poupado em medicamentos concedidos de forma pouco aceitável, e portanto não úteis, para poder assim gastar na resolução de problemas tão graves como este.»



Se o seu
PROBLEMA é DOMINAR
uma LÍNGUA em pouco tempo
Nós temos a solução!

Inglês, Francês, Alemão, Holandês.
Portuguese for Foreigners.

Um método infalível e garantido para aprendizagem e domínio de línguas em pouco tempo

cambridge school

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR — TEL 884544 · 899601 — 1000 LISBOA
AV. DA LIBERDADE, 173-1º — TEL 554780 · 554789 — 1200 LISBOA
EST. DE BENFICA, 729-5º DIR — TEL 704329 · 703638 — 1500 LISBOA
PRAÇA DO M.F.A., 12-1º — TEL 2760234 · 2753218 — 2800 ALMADA
RUA DUQUE DA TERCEIRA 381-1º — TEL 560380 · 561130 — 4000 PORTO

APA - CS 2/82 Adapt

COMPANHIA DE TEATRO DE VISEU
APRESENTA
pathelin
Às 21,45 h e para todos
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
SÁB. 1 de Maio
SEXTA 30
O SEGREDO
Sáb. 1 às 11h.
Dom. 2 às 15.30 h
Sub. Sec/Faoj/C.C. Viseu

NA BARRACA
R. Alex. Herculano, 70
686300

EXCURSÕES 82

MADRID	5 DIAS	5 950$
ANDORRA	5 DIAS	7 250$
TANGER	5 DIAS	8 500$
LOURDES	5 DIAS	7 950$
MAIORCA	6 DIAS	9 950$
BARCELONA	6 DIAS	7 850$
PARIS	6 DIAS	9 500$
SUÍÇA	7 DIAS	11 500$
ITÁLIA (R)	7 DIAS	13 950$
HOLANDA	7 DIAS	12 500$
ALEMANHA	7 DIAS	12 400$

HOTÉIS 1.ª ★ SUPERPULLMAN
PARTIDAS MENSAIS
ESCARAMÃOTUR
Rua Conselheiro Arantes Pedroso, 65
LISBOA Telefone 57 95 16

OLHE O PERIGO DE FRENTE!

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

«Plantão de Polícia»

18.18 **País, País**
18.45 **Tempo dos Mais Novos** – «Novas Aventuras de Popeye».
19.15 **Aprender Saúde** – brincar em segurança.
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal** – as notícias do País e do estrangeiro.
20.30 **Direito de Antena** – com a CGTP/IN e o Sindicato dos Professores da Zona Norte.
20.50 **«Plantão de Polícia»** – «O Estrangulador da Praça Tiradentes» (7.º episódio).
21.50 **Toma Lá, Dá Cá**
22.55 **Último Jornal** – um resumo noticioso.

A Companhia Nacional de Bailado, interpreta esta noite, na RTP-2, o bailado «La Silphide»

18.18 **País, País**
18.40 **O Povo e a Música** – Rancho Folclórico de São Pedro de Rates.
19.10 **Jeito e Efeito** – molduras.
19.35 **«O Sítio do Picapau Amarelo»**
20.00 **Informação/2** – as notícias do País e do estrangeiro.
20.30 **Bailado** – «La Silphide», pela Companhia Nacional de Bailado.
21.30 **Challenge**

Amanhã

1 RTP 2 RTP

10.32: Tempo dos Mais Novos; **12.00**: «No Bosque das Aventuras», **12.30**: Memória de um Povo; **13.00**: Novos Horizontes; **13.15**: Muito, Pouco, Tudo ou Nada; **13.55**. Sumário, **14.00**: 100 Grandes Quadros; **14.10**: Lúculos e Bróculos; **15.00**: Hoje Há Visitas; **16.00** «O Barco do Amor», **17.00**: Vivamúsica; **18.35**: Magazine de Cinema, **19.30**. Futebol em Acção – «Naranjito», **19.55** O Tempo; **20.00**: Telejornal, **21.30** Variedades; **22.30** «Dallas»; **23.30**: Última Sessão – com o filme «A Casa do Terros» (6.º episódio)

16.32: Movimento/2; **19.00**: Animação, **19.30** O Sítio do Picapau Amarelo»; **19.30**: «Os Romanos», **20.20** É Sempre Bom Saber, **21.00**: Sábado Especial – com o filme «Vidas Inquietas»

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

1 RTP «Plantão de Polícia» (20.50)

«La Silphide» (20.30) 2 RTP

Além de um programa à escolha oferece-lhe

2 RTP

21.30 – CHALLENGE
Um filme que revela imagens únicas ou raras dos principais artistas modernos, nos seus estúdios, criando e comentando o seu trabalho.
Assim, poderemos ver, Chagal, Henry Moore, Lipchitz, Calder, Di Chirico, Dali Soulange, e muitos outros, e ouvi-los explicar as suas obras.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO – Rua B. Jesus Carraça, 17 Cruz Quebrada – Tel. 21128171

roteiro cultural

MÚSICA

Dexter Gordon, um dos mais importantes «jazzmen» da actualidade, vai dar um concerto na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, no próximo domingo, às 18.30. Acompanham-no nesta terceira apresentação em Portugal (as anteriores, também no âmbito do Cascais Jazz, foram memoráveis), o pianista Kirk Lightsley, o contrabaixista David Eubanks e o baterista Eddie Gladden, recrutados entre a nata da nova geração de músicos de jazz. Bilhetes à venda nos locais habituais (Valentim de Carvalho e Agências) e no próprio dia do espectáculo à entrada da Aula Magna.

José Mário Branco apresenta-se amanhã, às 21 horas, nas Caldas da Rainha, no salão de festas da Columbófila.

Jacques Taddei vai dar um concerto de orgão na Sé Patriarcal de Lisboa, no próximo domingo, às 16.30. Do programa constam obras de Carlos Seixas, Buxtehude, J.S. Bach, César Franck e Messiaen.

O 6.º Encontro de Coros nas Terras da Feira, promovido pela Casa de Gaia, de Argoncilhe, Vila da Feira, vai decorrer no próximo domingo com a presença de cerca de mil coralistas, integrados em 15 agrupamentos corais. Esta iniciativa, que se vem afirmando como a maior manifestação cultural do concelho, inclui no programa um almoço de confraternização de um desfile cultural ao princípio da tarde, seguido da actuação individual dos grupos corais. Às 19 horas terá lugar um convívio. Estão inscritos agrupamentos de Águeda, Ovar, V.N. de Gaia, S. João da Madeira, Matosinhos, Guimarães, Covilhã, Aveiro, Porto e Vila da Feira.

COLÓQUIOS

A 1.ª sessão do Colóquio integrado no Ciclo «Ser (Homo) Sexual» realiza-se amanhã, às 17.30, na sede do Centro Nacional de Cultura. Participam Natália Correia, Guilherme de Oliveira Martins e Guilherme de Melo.

«O Século XVII – de Galileu a Newton» é o tema de um seminário de História e Filosofia da Ciência, animado por Gustavo de Castro, que hoje teve início no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. O seminário tem uma sessão por cinema (às sextas-feiras, às 11 horas) e terá a duração que o interesse justificar.

Dexter Gordon, o famoso «Blow Mister Dex» e um dos maiores «jazzmen» da actualidade, toca no domingo na Aula Magna

TEATRO

A Companhia de Teatro de Viseu apresenta-se amanhã, às 11 horas, e no domingo, às 15.30, nas instalações da Barraca, com a peça «O Segredo», encenada por Richard Demarcy com a colaboração de Teresa Mota e interpretada por Victor Esteves.

CINEMA

O ciclo de filmes de Jean Renoir que a Cinemateca tem estado a apresentar no Quarteto, chega ao fim. Hoje será exibido «La Nuit du Carrefour» (1932); dia 2, «Le Dejeneur sur l'herbe» (1959) e dia 3 «Le Testament du Dr. Cordelier» (1959). Sessões às 21.30.

PASSEIOS

No próximo domingo, o Centro Nacional de Cultura visita o Museu Militar, situado no Largo do Museu de Artilharia, a Santa Apolónia. Os visitantes terão ocasião de percorrer as salas, recentemente inauguradas, onde está patente uma exposição didáctica sobre a evolução do armamento desde uma pedra pré-histórica à última arma que serviu em Portugal.

EXPOSIÇÕES

Na Galeria de Arte do Casino Estoril, inaugura-se hoje, às 22 horas, uma exposição de pintura de Mário de Oliveira. Sobre o trabalho do artista e em texto de abertura do catálogo, escreve David Mourão-Ferreira: «Esta fase da pintura de Mário de Oliveira surpreende e inquieta, antes de mais, pela sua obsessiva visão de uma realidade telúrica onde cada trecho, habitualmente perspectivado, sabiamente delimitado, surge não só como escolhida parcela do mundo mas também como trágica representação de um certo isolamento cósmico.»

Esta exposição estará patente ao público das 15 às 24 horas de todos os dias, até 9 de Maio.

EMPRESA DE MÉDIA DIMENSÃO

PRETENDE

Chefe de Contabilidade

- Habilitações adequadas
- Experiência de Contabilidade Geral e Analítica
- Conhecimentos de Informática na óptica do utilizador

Indique «curriculum», idade e ordenado pretendido

Resposta a este jornal ao n.º 29410

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	53$45	58$45
ALEMANHA FED (marco)	29$85	30$95
AUSTRIA (xelim)	4$15	4$35
BELGICA (franco)	1$433	1$633
BRASIL (cruzeiro)	$195	$445
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	57$10	59$10
(notas de 5 a 1000)	57$60	59$60
DINAMARCA (coroa)	8$75	9$15
ESPANHA (peseta)	$639	$739
EUA (dólar notas de 1 e 2)	70$05	72$05
(notas de 5 a 1000)	70$55	72$55
FINLÂNDIA (marka)	15$40	16$00
FRANÇA (franco)	11$30	12$00
HOLANDA (florim)	26$85	27$85
INGLATERRA (libra)	125$65	129$65
IRLANDA (libra)	103$55	107$55
ITALIA (lira)	$049	$059
JAPAO (iene)	$269	$304
NORUEGA (coroa)	11$70	12$20
SUECIA (coroa)	12$05	12$65
SUIÇA (franco)	35$80	36$90
VENEZUELA (bolivar)	14$55	15$55

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; **17.05**: Entreposto de ideias; **17.15**: Pela estrada fora; **17.30**: Ontem, manchete de amanhã; **17.45**: Entreposto de ideias; **18.05**: Antologia teatral; **18.15**: Jogo de antena; **19.00**: Música; **20.00**: Ler, ouvir e falar – pé de poeta – aqui jazz; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Programa da noite; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas

Progra na 2

15.15: Canções pelo soprano Elizabeth Scharzkopf; **15.40**: Concerto sinfónico; **16.50**: Momento de poesia; **17.00**: As palavras dos músicos; **17.30**: Música romântica para piano; **18.05**: As cores e as formas; **18.35**: «Fogo-de-Artifício», suite de Haendel; **19.00**: Sonata em lá maior, para violino e piano, de Schubert; **19.25**: Madrigais italianos da Renascença; **19.45**: O cravista Martin Galling; **20.10**: Música sinfónica; **21.00**: Ciclo Fausto; **21.30**: Intercâmbio musical; **22.50**: Sonatas para violoncelo e piano; **23.30**: Música do século XX; **00.30**: Pianistas; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Radio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; **16.03**: Ora hora; **20.03**: Tempo de espectáculos; **20.30**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **21.03**: Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.30**: Quando o telefone toca (3.ª edição); **22.03**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.08**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**: Em órbita; **20.03**: Espaço 3 P; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto. Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia; **18.20**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.03**: Programa da LAR; 19.30: Nota de abertura; **20.00**: Dê no vinte, **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Discos LAR; **22.00**: Diálogo e vida, **22.30**: Grande círculo; **23.05**: Grande círculo (continuação); **23.30**: Nota de abertura; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares: **16.00**, **17.30**, **21.00** e **22.00**.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM E FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: **21.00**: Programas culturais; **21.30**: Via Láctea.

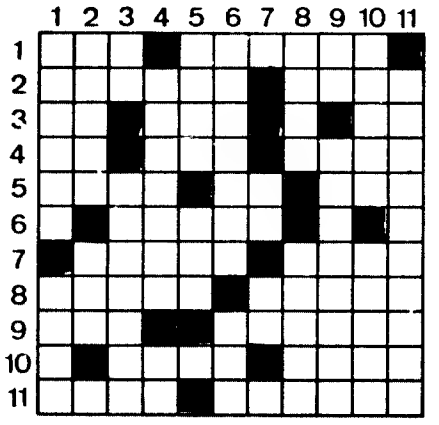
Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 015

HORIZONTAIS:

1 Artigo indefenido. Esposa.
2 Bálsamo (pl.). Causa amuo a.
3 Item. Romancista português autor de «Os Maias». Antigo Testamento.
4 Batráquio. Bigorna de aço sem hastes. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar.
5 Toste. Solitário. Chiste.
6 Metes em aspas.
7 Aumentos de preço ou valor Tragédia de Shakespeare.
8 Faixas. Película cinematográfica.
9 Época. Humedecem.
10 Divulgação. Gorgulho tropical.
11 Estimas. Peneiras.



VERTICAIS:

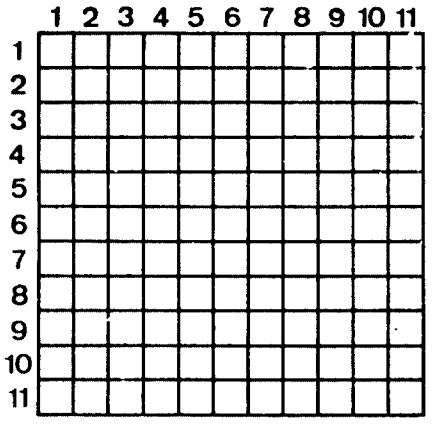
1 Unificaram. Mal parecida.
2 Arvoredos. Oásis.
3 Alteza Ral. Pulava.
4 Abomina. Artigo definido.
5 Cidade da Arábia. Utensílios domésticos.
6 Empregasses. Conjunção.
7 Ósmio (s.q.). Nome de Buda na China.
8 Cidade da Holanda. Nome de Flor.
9 Preposição. Modelos (fig.).
10 Saira frequentemente à rua. Estimara
11 Meteremos em atoleiro.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9275

HORIZONTAIS:

1 Erva rasteira. Rebolar.
2 Movo os remos. Tremi com frio.
3 Afastem.
4 Demora. Nome de homem.
5 Antes do meio dia. Carta de jogar. Moderato. Item.
6 Preposição. Rio da Sibéria. Eia!
7 Letra grega. Despido.
8 Antigo Testamento. Guindastes. Alumínio (s.q.).
9 Cólera. Pá (pop.). Estrépito de desmoronamento.
10 Ladrão de mar. Fazes doação de
11 Lavram. Misturo



VERTICAIS:

1 Agradecidas. Encoleriza.
2 Nota musical. Instruir.
3 Gostar muito de. Nome de mulher.
4 Ferre. Pago. Antes do meio dia.
5 Igualha.
6 Pronome reflexo. Caixão funerário.
7 Preponderar.
8 Tragédia de Shakespeare Empregada.
9 Cidade do Peru. Ósmio (s.q.)
10 Prefixo de privação. Desafrontaras.
11 Galhofa (pop.). Português.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 014

HORIZONTAIS:
1 Hipuria.
2 Alapa. Aviso.
3 Cavo Aras.
4 Api. Agá Oca.
5 Aanas. Mesa.
6 Montava.
7 El. Doido. Rã.
8 Demos. Ocres.
9 Isca. Aias.
10 Dái. Pés. Ato.
11 Árido Rosas

VERTICAIS:
1 Maçã Pedida.
2 Lapa. Lesar.
3 Haviam. MCII.
4 Ipo. Nódoa.
5 Pá. Asnos. Pó
6 Pg. Ti. He.
7 Ra. Amado Sr
8 Ivá. Evoca.
9 Airosa. Rias.
10 Saca. Reata.
11 Tosa Passos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9274

HORIZONTAIS:
1 O. MELÃO E. A.
2 Imitaras. Br.
3 Tarar. São.
4 Ou. Lábio. Cá.
5 Sa. Ac. Vós.
6 Ta! Rodin.
7 Única. Senha.
8 Ler. Ma. Ge.
9 Hia. Am. Mac.
10 Rirás. Res.
11 Reatar. Sara.

VERTICAIS:
1 Oito. MULHER.
2 MAUS Nei
3 Mir. Atirara.
4 Etal. Ac. It.
5 Lara. Amara.
6 Ar. Bar. Amar
7 Oasicos.
8 SÃO. DE
9 Vingara.
10 CONHECER.
11 Arrás. Sa.

Provérbio: O MELÃO E A MULHER MAUS SÃO DE CONHECER

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

– Int. men. 13 a.
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
DE QUEM É A VIDA AFINAL?

SALA B

Às 14.45, 17, 19 e 21.30
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
HERBIE UM CAROCHA DOS DIABOS
9.ª Semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A

As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 – Int. men. 13 a.
GALLIPOLI

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
CARREIRA NA CAMA
c/ Angelika Wehbeek e Klaus Tinneytt

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
BLOW OUT

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30 19 e 21.30
A BELA ADORMECIDA
– Para Todos
Falado em Português
8.ª Semana

CASTIL 530194
Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A RAPARIGA DO VESTIDO AZUL
Um filme de Alan Bridges

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
não acons. a men. 13 anos
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
MOSCOVO NÃO ACREDITA EM LÁGRIMAS
Às 24
O MECÂNICO

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
NO CETIM, JÁ EXPERIMENTOU?
Às 24
CÃES DE GUERRA

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
FIM-DE-SEMANA ESCALDANTE
Às 24
PARAÍSO DE SURPRESAS

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O AMOR IMORTAL SHABAB

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A PELE

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
O SAMURAI NEGRO
(não acons. men. 18 anos

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A SEDUÇÃO DE JOE TYNAN
c/ Alan Alda e Meryl Streep
2.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
– Int. men. 13 a.
A RAPARIGA DO VESTIDO AZUL

IMPÉRIO 555134 5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A TROCA
Um filme de Jordan Leondopoulos

LONDRES 801313
Av. de Roma 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A MULHER DO LADO
c/ Yves Montand, Gerard Depardieu e Catherine Deneuve

LUMIAR 79 52 96
Calçada de Carriche, 38

Às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
ENCONTRO FATAL

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O SAMURAI NEGRO
Às 24
SALO OU OS 120 DIAS DE SODOMA

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O VINGADOR DA NOITE
c/ Charles Bronson e Jill Ireland
2.ª Semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15 e 18.30
ARTHUR, O ALEGRE CONQUISTADOR
Às 21.30
MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 18 a.
PERSEGUIÇÃO SELVAGEM

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 19
– Naõ acon. men. 18 anos
A PELE
Estreia às 21.30
OS LUTADORES DA RUA

BYE BYE BRASIL com BETTY FARIA, JOSÉ WILKER e FABIO JR. em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1

As 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
BYE BYE BRASIL

SALA 2

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
O ANJO DO ROCK

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Int. men. 13 a.
A CALÚNIA

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
UNIVERSO EM FANTASIA

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
– Int. men. 13 a.
Às 14, 16.30 e 19 – Últimas
A GUERRA DOS GANGSTERS
Estreia às 21m30 – N. ac. men. 18 a
HANNIE CAULDER

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 13.45, 17.30 e 21.15
– N. ac. men. 13 a
Vencedor de 3 «Óscares»
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
5.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 13 a
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
19.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
DE QUEM É A VIDA, AFINAL
Int. m. 13 anos
6.ª Semana

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A DEFESA VESTE-SE DE NEGRO
Às 24
O CASO SHARON TATE

7.ª ARTE 730715
Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30
N. ac. men. 13 anos
GAIOLA DAS MALUCAS II
As 24
007 ORDEM PARA MATAR

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 14.30, 18 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
24.ª Semana

TERMINAL 371573
Estaçao do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

ARTUR, O ALEGRE CONQUISTADOR
c/ Dudley Moore e Liza Minnelli

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 a.
A ALUNA E O PROFESSOR
Um filme de Richard Lang

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14, 16.30, 18.45 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CHICO FININHO

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
PARAISO AZUL
6.ª Semana
Às 23.45
OBSESSÃO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «A Aluna e o Professor», às 21.30 e 23.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 – «Blow Out», às 21.30 (18 anos)
OLIVAIS – «Sábado, Domingo e Sexta», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «A Coragem de um Homem», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Blow Out», às 21.30 (18 anos)
2000 – «Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «O Comboio dos Traidores», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Tarzan e a Companheira», às 21.30 (6 anos)
POLITEAMA – «O Campo Infernal das Mulheres Perdidas», às 21.30 (18 anos)
CITY CINE – «Chico Fininho», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «As Aprendizas do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
PÁTRIA – «Nova Iorque 1997», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Colegiais e Muito Mais», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «A Dama das Camélias», às 21.30 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Um Amor Infinito», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «A Noite do Falcão», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «A Brecha», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Batalha das Ardenas», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «A Fúria», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Caçada Selvagem», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Cavaleiros da Lenda», às 21.30 (18 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Trinitá Vai à Guerra», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «O Homem, o Orgulho e a Vingança», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «A Deusa da Selva», às 21.30 (13 anos)

MOSCAVIDE – Stop – «Hiena do Karate», às 21.30 (18 anos)
MAFRA – Cine-Teatro – «Holocausto Canibal», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «O Regresso do Zorro», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Atlantic City», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «A Coragem de um Homem», às 21.30 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA – Slicine – «Cuba», às 21.30 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «A Corrida Mais Louca do Mundo», as 21.15 (13 anos)

Porto

ESTÚDIO – «Falta Amor no Teu Olhar», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA A – «Porta de Saída», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L – «Arthur, o Alegre Conquistador», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Caçada Implacável», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «O Último Tubarão», às 21.30 (13 anos)
RAIONE – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Os 3 Indomáveis Malucos», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «A Estrada do Amor», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Forte Apache», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «A Guerra dos Gangsters», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «O Amante de Lady Chatterley», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Reds», às 21.45 (13 anos)

BEBÉ – «A Amante do Tenente Francês», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Comandos Operação Leopardo», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

SANTO AMARO, Rua Filinto Elísio 29 AB (T. 637070); **BRISÁLIA,** Av. Rio de Janeiro 66-66 A (882368); **FÁTIMA,** Av. 5 de Outubro 147 A (T. 763107); **SIRIUS,** Rua Fialho de Almeida 38 A (T. 44000); **SILVA CARVALHO,** Rua dos Fanqueiros 126 (T. 873875); **REBOCHO,** Rua Ten. Cor. Ribeiro Reis 12 B (T. 743871); **S. NUNES SIMÕES,** Rua do Quelhas 1-3 (T. 661275); **ALAMEDA,** Alam. Linhas Torres 201 B (T. 790942); **CORVO,** Rua Ângela Pinto 32 BC; **CONCEIÇÃO,** Cç. D. Gastão 30-32 (T. 381279); **CABRITA,** Parq. Residencial Miraflores Lt. 12 (T. 2101486); **CORREIA,** Est. Principal Lote 172 (T. 993148); **MONSERRATE,** Rua Guil. Gomes Fernandes 31 A (T. (T. 911139).

REFORÇO

BARRETO, Rua do Loreto 30 (T. 327284); **BOM SUCESSO,** Rua Bartolomeu Dias 63 A (T. 611454); **PINHEIRO,** Rua Campo d'Ourique 135 (T. (T. 686640); **NOVA,** Rua de Campolide 297 C (T. 687475); **AVIS,** Av. Roma 56 BC (T. 895370); **MORGADO LOURENÇO,** Lg. D. Estefânia 4-5 (T. 554808); **GÉNY,** Rua Cons. José Silvestre Ribeiro 12 A ao 218 da Est. da Luz; **FERNANDES BORGES,** Rua D. Alexo Corte Real Lt. 388 - Cruz. c/Rua Cid. Bolama (T. 311991); **HIGIÉNICA,** Rua Heliodoro Salgado 20 A (T. 844361); **LUZMAR,** Rua João Nascimento Costa 6 (T. 880703); **VIEIRA BORGES,** Rua Alexandre Herculano 28-30 (T. 40536); **CRUZ CORREIA,** Est. St. Elói 41 A (T. 992453); **VAZ MARTINS,** Rua António Ferro 6 A (T. 970660); **NOVA,** Rua Açores 11 A (T. 910305); **MATOS,** Tv. Prioras (T. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, Lt. A-r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho,** B. João P. Corr.º, 40 - B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO-SALVO: Ferreira Bastos,** R. D. Firmino Reb.º (T. 2421015). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central,** R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira,** Av. Saboia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz,** Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás,** R. Costa Pinto 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho,** Cândido dos Reis, 98 (T 2430090). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal,** Quinta das Palmeiras, Lote 24 r/c (T. 2478737); **PAREDE: Brandão,** Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano,** Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Medeira,** Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes,** Viv Maria -Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça,** Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais,** R. Conde Monte Real - B.º Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira (T. 938424). Permanente. **Confiança,** Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança,** R. Bartolomeu Dias, Lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pereira Dias,** Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia,** Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D (T. 2943693). Permanente; **MEM MARTINS: Química,** Est. de Mem Martins, 285 (T. 2910012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo,** R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO:** Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Misericórdia,** Vila (T. 2930391). Permanente; **COLARES: Abreja,** (T. 299088).

CAMARATE: Nova da Charneca (T. 2518726). Até às 19 horas.

Outra Banda

ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19. Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Morgado,** R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 274356). Permanente; **LARANJEIRO: Sérgio,** R. dos Álamos, 2-A. Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA: Carlos,** Av. do Mar. Até às 19 horas; **BARREIRO: Higiénica,** R. D. Manuel I, 176 (T. 2073217). Permanente; **SETÚBAL: Bonfim,** Av. Rodrigues Manito, 12. Permanente; **Marques,** R. Arronches Junqueiro, 109. Até às 22 horas.

SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **AMORA: Nobre Guerreiro,** R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212922); **SEIXAL: Soromenho,** R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218580); **MONTIJO: Higiene,** R. José Marques, 142 (T. 2310370); **MOITA: União Moitense,** Av. Dr. Teófilo Braga (T 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão,** R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Nunes,** L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas; **MOSCAVIDE: Santa Bárbara,** R. Francisco . Beato, 75 (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço,** R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

GARANTIA, R. Fernades Tomás, 696; **POMBEIRO,** Campo dos Martires da Pátria, 152; **GUERRA,** R de Costa Cabral, 43 ; **INVICTA,** R do Bonfim, 330; **ALVES DA SILVA,** Av. da Boavista, 1016.

DE DIA E TODA A NOITE

FONTE DA MOURA, R. de Tânger, 1463; **SERPA PINTO,** R de Serpa Pinto, 645; **ANTAS,** Av Fernão de Magalhães, 1076; **SANIL,** R do Paraíso, 214; **SARABANDO,** L. dos Lóios, 36

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

FIGUEIREDO, R da Sofia, 107-109 (T 22837); **DIAS FERREIRA,** Bairro da Solum (T 72120).

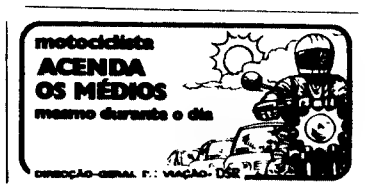
teatros

Lisboa

ÁDOQUE – «Tá Entregue à Bicharada», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VILLARET – «Blue Jeans», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
BAIRRO ALTO – «O Labirinto de Creta», às 21.00 (13 anos)
COMUNA – «A Viagem», às 21.45 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Não Há Nada p'ra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MARIA MATOS – «O Meu Rapaz é Rapanga», às 21.30 (13 anos)
ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
A BARRACA – Companhia de Teatro de Viseu – «Pathelin», às 21.45 (13 anos)
MONUMENTAL – «Virgem Até Certo Ponto», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES – «Ó Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Porto

CARLOS ALBERTO – Companhia Nacional de Bailado, às 21.30 (6 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Não Há Nada que Me Escape», às 21.30 (13 anos)



DL

PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º – 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

9.30 3,3 m 2.48 1,4 m
21.58 3,5 m 15.13 1,7 m
Dia 1
10.52 3,3 m 4.20 1,5 m
23.20 3,5 m 16.45 1,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	17°
BRAGANÇA	10°
VILA REAL	13°
PORTO	17°
P. DOURADAS	8°
COIMBRA	16°
C. CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	14°
LISBOA	17°
ÉVORA	18°
BEJA	16°
SAGRES	18°
FARO	20°
P. DELGADA	14°
FUNCHAL	17°

Últimas

NUMA PENSÃO DO BAIRRO ALTO, na Travessa do Fala Só, 12 foi morto à facada Rui Afonso de Almeida Filipe, de 30 anos, que habitualmente vendia peças de artesanato no Rossio. O autor do crime, de apelido Augusto, de 25 anos, já detido, afirmou à Polícia Judiciária que tudo começara com uma discussão sem importância e que agira em legítima defesa.

FOI MANDADO ARQUIVAR o processo-crime movido contra um agente da PJ que, em 29 de Outubro de 1980, abateu a tiro, em Monte Gordo, Vítor Diogo Marques da Palma, de 31 anos. O Procurador da República do Círculo Judicial de Faro concluiu que o agente também aqui agira em legítima defesa. O incidente ocorreu durante as investigações relacionadas com o assalto ao Palácio de Vila Viçosa, em que foram furtadas várias obras de arte. Vítor Palma já tinha cadastro e estaria armado com uma pistola de calibre 7.65.

VÁRIAS URNAS E OSSADAS «saltaram» de uma altura de cerca de trinta metros, indo cair numa estrada, na sequência de um desabamento de terras registado no cemitério de Ribeira Brava, na Região Autónoma da Madeira. O cemitério encontra-se encerrado há oito anos, após os serviços responsáveis terem verificado a pouca estabilidade do terreno. Quem não ganhou para o susto foram, no entanto, as testemunhas do «tétrico» evento.

MAIS MORTO QUE VIVO, ficou igualmente, ainda na Madeira, um velho tractorista que vítima de acidente, em Santana, acordou dentro de um carro funerário a caminho do Hospital do Funchal. Motivo: à falta de melhor, os conterrâneos da vítima recorreram a tão insólito veículo e o velho trabalhador, apesar do susto, acabou por chegar vivo ao hospital ainda que com as duas pernas fracturadas.

Adelaide Paiva afirma-se vítima de "cabala" de alguém dentro do PSD

«Depois de se avistar esta manhã com o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, a deputada Adelaide Paiva realizará uma conferência de Imprensa onde desmontará «a cabala de que é vítima por parte de alguém dentro da Comissão Política do seu partido – o PSD». Estas informações, fornecidas esta manhã ao «DL» por círculos próximos daquela deputada, fazem prever que o «caso» Adelaide Paiva, desde ontem na ribalta, ainda irá fazer correr muita tinta.

De acordo com o que o «DL» conseguiu apurar, ontem, no Parlamento, um oficial de diligências apresentou-se esta semana na Assembleia da República à procura de Adelaide Paiva. Simultaneamente, fontes ligadas à Polícia Judiciária, que ontem garantiu «não haver qualquer processo pendente contra Adelaide Paiva», afirmaram ao nosso jornal que «a possível inexistência de um processo não implica que não possa vir a haver um». Esta posição poderá eventualmente dar força a outras informações que nos chegam: «um indivíduo actualmente preso em Coimbra e um outro preso em Lisboa, ambos ligados ao tráfigo de droga, deram à 'dica' e o nome de Adelaide Paiva veio à tona». Estas informações, contudo, não são confirmadas pela PJ.

Entretanto, o «DL» teve a possibilidade de confirmar junto de diversas fontes sociais-democratas que afirmaram ao «DL» que Adelaide Paiva há muito que não merecia a confiança do seu partido, embora fosse conhecida pelos seus «amens» constantes às cúpulas do PSD. «Então, se não merecia a vossa confiança, por que não a afastaram mais cedo? A estas perguntas, as mesmas fontes responderam em substância: «Cada um leva a vida que quer. Mas, quando tivemos conhecimento da droga e de outras acusações que contra ela eram feitas, fomos obrigados a reagir. A imagem do partido e o perfil que se exige a um deputado da Nação estavam em causa...»

As mesmas fontes afirmaram igualmente que tiveram o cuidado de «trazer o assunto a público antes que a bomba arrebentasse». Que bomba?

A resposta, tímida, sem ser apoiada em provas, surge: «Sabe, fala-se de tanta coisa. Tráfico de droga, mandado de captura da Interpol, processo nas mãos do director-geral da Polícia Judiciária, que esteve detida o ano passado em Londres...»

Uma outra tese cara às fontes sociais democratas contactadas é a de que, há muitos meses, não se vê Adelaide Paiva no Parlamento. Um deputado do PSD, com quem conseguimos chegar à fala, disse-nos: «Desde o dia 15 de Janeiro deste ano, data em que foi eleita a actual direcção do nosso grupo parlamentar, que não vejo Adelaide Paiva».

Entretanto, Adelaide Paiva desmente. Em declarações à ANOP afirma que as faltas de que acusam «são todas justificadas» e que delas deu conhecimento ao grupo parlamentar do seu partido. Segundo a deputada do PSD e directora adjunta do órgão daquele partido, «Povo Livre», as faltas foram dadas porque os médicos lhe recomendaram «repouso absoluto», na sequência de um internamento em Cascais, por causa de uma doença asmática.

«Quis pedir a suspensão do meu mandato como deputada. A direcção do meu partido pediu-me para não o fazer» – revela.

Adelaide Paiva afirma ainda estar a ser instrumentalizada para ser atingido o PSD e o Governo que apoia. Por outro lado diz: «pensava que não tinha inimigos no PSD. Agora sei que tenho...»

No que se refere ao facto de estar a ser instrumentalizada para ser atingido o seu partido e o Governo da AD, uma fonte social-democrata por nós contactada esta manhã, disse-nos: «Não há instrumentalização nenhuma. A oposição não mexeu um dedo. Adelaide Paiva quer tentar deitar poeira aos olhos das pessoas, escapar às ralidades. Por isso, mente...

Última hora

Contactada esta manhã na Assembleia da República pelo «DL», Adelaide Paiva declarou-nos: «Isto é uma cabala indecente. O que me move agora é saber de onde ela partiu. E já sei que não partiu da oposição...» A Adelaide Paiva foi, entretanto manifestada esta manhã nos Paços Perdidos do Parlamento, solidariedade por parte de alguns deputados do PSD e da oposição.

Adelaide Paiva não foi, conforme previa, recebida esta manhã pelo Primeiro-Ministro, que delegou a Nascimento Rodrigues e António Capucho o cuidado de a ouvirem. O encontro entre Adelaide Paiva e aqueles dois dirigentes estava marcada para o fim da manhã de hoje na sede do PSD, Rua de Buenos Aires.

Luís Francisco Rebelo reeleito

O escritor Luís Francisco Rebello foi reeleito presidente do Conselho Internacional de Autores e Obras Audiovisuais da Confederação das Sociedades de Autores e Compositores, no decorrer da conferência anual, realizada em Genebra entre 20 e 24 de Abril passados.

Este organismo reuniu conjuntamente com os conselhos de autores de obras dramáticas e de obras literárias, que integram igualmente a confederação.

Participaram no encontro delegados de 22 sociedades de autores pertencentes a 16 países europeus (entre os quais Portugal, representado pela Sociedade Portuguesa de Autores), sul-americanos e africanos.

Morreu o director da Cinemateca Nacional

Félix Ribeiro, director da Cinemateca Nacional, faleceu ontem à noite na sua residência em Lisboa, numa altura em que procurava organizar a história do cinema português, tarefa a que dedicou praticamente toda a sua vida.

Natural de Veiros do Alentejo, onde nasceu a 1 de Março de 1906, Manuel Nunes Félix Ribeiro formou-se em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Lisboa em 1932. Em 1935, no então Secretariado Nacional de Propaganda, começou a reunir vasta documentação que veio a constituir a base da Cinemateca Nacional, de que foi fundador e director desde a sua criação em 1950.

O funeral sai amanhã da Igreja de Arroios para o Cemitério do Alto de S. João.

"Manif." em S. Bento

Dezenas de vizelenses manifestaram-se hoje defronte da Assembleia da República em apoio a um projecto do PPM sobre a criação do concelho de Vizela em discussão no Parlamento. O projecto dos monárquicos, que separa Vizela de Guimarães, tem provocado alguma controvérsia no seio da AD, admitindo-se que não venha a ser aprovado.

Repressão instalou-se na Veiga Beirão

A repressão instalou-se na Escola Secundária Veiga Beirão, perante a passividade do respectivo conselho directivo. A mais recente confirmação disso verificou-se ontem quando, cerca das 17 horas, a agente da PSP de serviço à porta do estabelecimento de ensino entrou numa sala de aula, interrompendo o trabalho de alunos e professor, sem que esta manhã ainda se soubesse quem a teria chamado.

Anteriormente uma certa agitação se verificara nessa sala, problema que foi rapidamente solucionado entre professor e alunos. A agente entrou pouco depois na sala, saiu, voltou a entrar e convidou inclusivamente a acompanhá-la, um aluno que lhe perguntou porque se encontrava ali.

O repúdio por tal comportamento foi unânime por parte de professor e alunos, tendo estes (alguns são militantes da Juventude Centrista) clamado «25 de Abril sempre» e comentado «o fascismo ainda não voltou».

Pouco depois da agente se ter decidido a abandonar definitivamente a sala, entrou em cena um funcionário da escola que, por incumbência do conselho directivo, devia registar os nomes dos alunos presentes. O professor que se encontrava a dar aulas decidiu então fazer um relatório de tudo quanto se passara, repudiando o comportamento da agente da autoridade.

Não foi de resto esta a primeira vez que a PSP entra sem quaisquer cerimónias neste estabelecimento de ensino, sem que o conselho directivo tome quaisquer medidas. Os professores já inclusivamente apresentaram por escrito perguntas ao CD sobre esta e outras questões, às quais nenhuma resposta foi dada.

Ainda a respeito do agente da PSP que desde o início do ano lectivo se encontra à porta da escola (ou pelo menos a tanto se deveriam resumir as suas funções) e que por acaso é do sexo feminino, queixam-se professores e alunos que extrapola frequentemente essas funções, passando tempo dentro do estabelecimento de ensino, a conversar com elementos do pessoal, utiliza as instalações sanitárias dos professores (a que os alunos não têm acesso) e come na cantina da escola pelo mesmo preço que os alunos (que beneficiam dum subsídio) e, mais barato que os professores.

A presença do agente fardado dentro da escola causa uma enorme tensão aos alunos. «O conselho directivo demitiu-se das suas funções pedagógicas», dizem docentes e discentes e «quando actua é só através da repressão». Acrescentam: «Há droga na escola, mas oculta-se essa realidade. Há uns meses atrás os alunos tiveram que pagar 20 escudos por um cartão que os identificava como alunos da escola, mas agora nada se controla e elementos estranhos entram cá dentro impunemente, ameaçando e até agredindo os alunos».

Dois princípios de incêndio, o último dos quais se verificou na sexta-feira passada, se registaram já na Veiga Beirão, e, sem que se saiba como, há alunos com processos na Polícia Judiciária. A Associação de Estudantes da Escola vai pedir uma audiência ao MEU e exige ao CD que esclareça a intervenção da PSP na aula. Os alunos da turma onde a intervenção se verificou admitem a hipótese de paralisar se a situação não for esclarecida rapidamente.

CANADÁ E ESTADOS UNIDOS
AVIÃO + AUTOPULLMAN + MINI-CRUZEIRO
15 DIAS DE MARAVILHOSA EXCURSÃO COM ACOMPANHAMENTO DE GUIA
Partidas: 1982 Julho 14 / Agosto 4 e 18 / Setembro 1
Visitando:
MONTREAL - OTTAWA - GUANANOQUE
1000 ILHAS - LAGO PLACID - VALE DE HUDSON
NOVA IORQUE - WASHINGTON - TORONTO
E CATARATAS DE NIAGARA
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
LISBOA - Av Liberdade 160 - Tel 371341
LISBOA - Av de Roma 66-B - Tel 805096
PORTO Av Aliados 207 - Tel 31791
COIMBRA Rua da Sofia 2 - Tel 27011/2
FARO - Av Republica 124 - Tel 25035/6
FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Tel 31077/8

CONHEÇA BUCARESTE E...
BUCARESTE e os CARPATOS — ROMENIA BULGARIA GRECIA
A ROTA DO CONDE DRACULA — ROMENIA-BULGARIA-TURQUIA
TRATAMENTO GERIATRICO — ROMENIA-HUNGRIA-JUGOSLAVIA
ROMENIA-HUNGRIA JUGOSLAVIA BULGARIA
Partidas semanais - 17 dias de viagem
PROGRAMA E RESERVAS:
MUNDIRAMA
Estab 1948
MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA.
R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
Telefs. 36 03 02/32 88 56

SOFIA-ATENAS
SOFIA-ISTAMBUL
Partidas semanais de Junho a Outubro
(10 dias de viagem)
Programas incluem
• Transporte LISBOA SOFIA ATENAS ou ISTAMBUL e volta
• Transporte dos Aeroportos Hoteis e vice-versa
• Visitas de cidade em SOFIA e ATENAS ou ISTAMBUL
• Estadia em hoteis de 1ª categoria
• Assistencia de um experiente guia PROGRAMA E RESERVAS
MUNDIRAMA
Estab 1948
MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA.
R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
Telefs. 36 03 02/32 88 56

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 30 DE ABRIL DE 1982

Notícias da BD

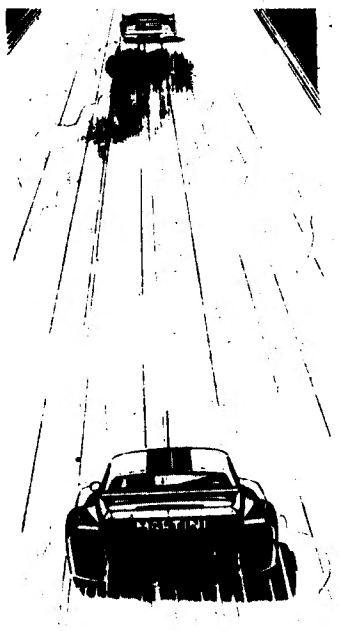
«A cidade que não existia»

Depois de «O cruzeiro dos esquecidos» e de «Feira dos Imortais», lançados simultaneamente em português, pela Meribérica, «A cidade que não existia» leva-nos ao norte de França, a uma pequena cidade perdida, num interminável Outono.

A morte de um velho patrão, paternalista e cristão, que lega toda a fortuna à neta, marca o começo de uma aventura onírica, entre as realidades da luta de classes e os contos de fadas.

A receita parte da noção de «fantástico como único remédio para a realidade opressiva». O resultado é a irrupção da utopia e do fantástico através de um mundo apreendido pelos instrumentos da dialéctica materialista. Um sonho matizado pelas crenças populares, terminando sob a forma de uma moral desencatada. («A cidade que não existia», de P. Christin e E. Bilal, Editora Meribérica).

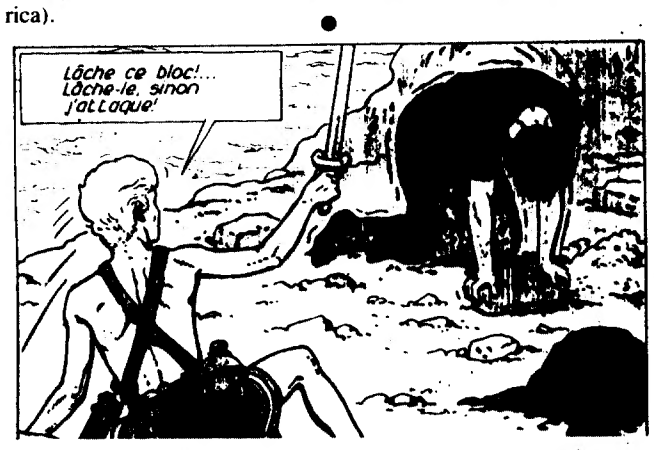
«A vingança de um piloto»



O imutável universo dos bólides pela pena de Jean Graton conhece uma nova edição. Imutável, por duas razões, pelo menos: uma narrativa que se desenvolve sobre si mesma, sem pitada de novidade, e um painel de protótipos como mero pretexto para contar uma «estória» sentimental.

Haverá leitores para esta banda desenhada? Certamente que sim. O produto vender-se-á? Também não é impossível.

Mais surpreendente, porém, é que uma editora que nos tem vindo a fornecer do que de melhor se vai criando por essa França fora, aposte em autores menores. Sem ofensa para os entusiastas de Michel Vaillant («A vingança de um piloto», de Jean Graton, Editora Meribérica).



«La Tour de Babel»

Décimo sexto volume das aventuras de Alix, «La Tour de Babel» levará ainda algum tempo a ser lido em português, pois apenas estão publicadas no nosso país as quatro primeiras histórias da série.

Os clássicos são cada vez mais raros, pelo que a edição de uma obra de Jacques Martin é sempre motivo de prazer. Redobrado, já se vê, se pensarmos que há mais de 30 anos que o autor nos presenteia com o seu jovem herói gaulês, romano por adopção.

Trata-se de uma criação de plena maturidade, ultrapassadas naturais (e inevitáveis) limitações que caracterizam os trabalhos divulgados pelas «Edições 70».

A comparação é, a este título preciosa: o domínio das cores é espantoso, a tensão narrativa evidencia uma segurança absoluta e a trama narrativa, muito sóbria. Ponto de (des)encontro de Alix com Oribal, em circunstâncias bem mais dramáticas do que no passado, eis «La Tour de Babel»: na rota do poder, a morte. E a paixão, para lá de todos os limites («La Tour de Babel», de Jacques Martin, Casterman).

O I.W.W. do filme "Reds"

QUEM viu o filme «Reeds», que está a ser exibido com apreciável êxito num cinema de Lisboa, certamente reparou num pequeno panfleto no qual o autor Warren Beatty, no desempenho do papel de John Reed, escreveu um poema inacabado em honra da mulher amada. Era um folheto de propaganda do I.W.W. É desta central sindical norte-americana que vamos falar.

O I.W.W., iniciais de Industrial Workers of the World, foi uma associação operária fundada em Chicago, em Junho de 1905, por socialistas e sindicalistas de vanguarda da nação estado unidense.

O seu objectivo final era criar uma central universal que congregasse no seu seio todos os operários do mundo.

No manifesto distribuído quando da sua fundação estão consignados os seguintes princípios gerais:

«A classe trabalhadora e o patronato não têm nada em comum. Entre estas duas forças tem de haver uma luta constante até que os trabalhadores do mundo, organizados, se apoderem da terra e dos meios de produção e seja abolido o sistema de salários... A missão histórica dos trabalhadores é abolir o capitalismo. (1)

Este estádio seria atingido através de uma greve geral que incluísse todos os trabalhadores do mundo.

O seu objectivo a curto prazo era unir os trabalhadores americanos em torno de uma central sindical, sem distinção de actividades, aptidões, raças ou origens étnicas. Este princípio fá-la distinguir de todas as outras centrais do país existentes ao tempo que procurava recrutar os seus membros unicamente entre os trabalhadores especializados. O campo de mobilização da I.W.W. era entre os assalariados não qualificados, os emigrantes explorados, os indivíduos de cor e os trabalhadores migrantes. Para que motivos económicos não entravassem a sindicalizeção, são as jóias de admissão e as quotas reduzidas a um valor mínimo simbólico.

Entre a data da sua fundação e 1908 a I.W.W. tem uma série de dificuldades internas devido à existência de duas alas distintas e antagónicas dentro do organismo: os socialistas moderados e os que defendiam a acção revolucionária.

Em 1906 perde 6.000 associados quando a Western Federation of Miner, que fora uma das bases da sua fundação, abandona a central.

Inicia-se então outro conflito ideológico interno entre os que defendiam a acção política para se atingirem os objectivos desejados e os que eram favoráveis a uma acção unicamente económica, chefiados por Daniel de Leon e Vicent St. John, respectivamente.

Em 1908, St. John consegue expulsar de Leon da organização (este forma outra central em Chicago) e inicia-se o período de apogeu da central em que esta vai desempenhar um papel catalizador do movimento operário norte-americano a âmbito nacional.

A maior parte do trabalho de consciencialização e divulgação foi feito entre os migrantes do oeste e entre os emigrantes não especializados da costa oriental.

No oeste tentou mobilizar os trabalhadores rurais, desafiando os grandes proprietários que através da organização de grupos de vigilantes tentavam evitar a realização de sessões de esclarecimento, facto que levou grande número de reuniões terminarem em verdadeiras batalhas campais.

Por sua vez no oeste a forma de actuação era completamente diversa. Aí, arranjavam chefes de língua inglesa para os grupos de emigrantes e, sob a direcção destes, desencadeavam acções reivindicativas, principalmente entre os trabalhadores da indústria têxtil.

A maior vitória da I.W.W. ocorreu em Lawrence, Massachusetts. A 12 de Janeiro de 1912, cerca de 30.000 operários têxteis, sob a orientação de Joseph Ettor e Arturo Giovannitti, dois destacados gerentes da I.W.W., entram em greve reivindicando aumento de salários. A central sindical toma o comando do movimento através da organização de assembleias de grevistas, piquetes de greve e distribuição de auxílios pecuniários às famílias dos operários mais necessitados.

Quando os operários da American Woolen Company tentam reabrir a fábrica sem satisfazer qualquer dos pedidos feitos, ocorrem incidentes entre os grevistas e a polícia, durante os quais morre uma mulher, sendo os trabalhadores acusados de responsáveis pelo ocorrido. Todavia, apesar da campanha de envenenamento da opinião pública, não houve qualquer recuo por parte dos operários.

A greve prolonga-se por Fevereiro e a situação económica vai-se degradando. O I.W.W. lança então uma campanha para que os seus simpatizantes acolham em suas casas os filhos dos trabalhadores em luta, que é bem sucedida..

Quando um grupo de jovens estava na estação de caminho-de-ferro da cidade aguardando embarque para Filadélfia onde seriam acolhidos, a polícia ataca-os brutalmente e prende-os.

Esta acção repressiva provoca uma grande onda de protestos em todo o país e, a 12 de Março, a American Woolen Company vê-se obrigada a aumentar os salários dos seus operários em 20 %, pagar as horas extraordinárias e a conceder outros benefícios sociais e económicos.

Esta vitória trouxe prestígio nacional à organização. Os seus principais oradores como William D. Haywood, Elisabeth Gurley Flynn, Joseph Ettor e Arturo Giovannitti tornam-se conhecidos em todo o país.

O início da Primeira Guerra ainda vem favorecer mais o I.W.W. com a grande organização de massas. A defesa da não participação americana no conflito europeu faz aumentar o número de aderentes, apesar da campanha que lhe foi movida pela imprensa que acusava esta central de anti-patriótica e pró-germânica.

Todavia, mesmo com estas tentativas de desprestigiar o I.W.W. em 1917, pouco antes dos Estados Unidos entrarem na guerra, o número de filiados tinha subido para cerca de 100.000.

Mas, a entrada da nação americana na guerra foi-lhe fatal. As greves propostas pelo I.W.W. foram consideradas como crime de traição contra o Estado o que deu ocasião às autoridades para suprimirem a organização.

Em Setembro de 1917, representantes do Departamento de Justiça encerram todas as sedes regionais da organização e prendem os seus dirigentes.

Nos dois anos seguintes, a maior parte dos líderes sindicalistas, noventa e dois ao todo, foram julgados e condenados a sentenças que iam até vinte anos de prisão.

Alguns destes, como William Haywood, conseguiram fugir para a União Soviética, onde a revolução progredia.

Para evitarem o ressurgimento desta ou qualquer outra central sindical de tendência progressista, os governantes federais americanos promulgaram uma série de leis sindicais proibitivas de actividades que fizessem perigar a economia do Estado.

Em 1919 organiza-se o Partido Comunista Americano e muitos dos Wobblies (nome por que eram conhecidos os filiados do I.W.W.) entram para este partido tentando prosseguir aí a sua acção revolucionária.

O I.W.W. ainda continuou a existir durante algum tempo, mas nunca mais conseguiu recuperar da sangria sofrida no tempo da guerra.

Poucos anos volvidos vem a cair no olvido geral a central sindical que tentou dar novo rumo ao movimento operário dos Estados Unidos da América.

Reinaldo Varela Gomes

(1) — citado por Adrian A. Paradis, in «Labor in Action», New York, 1976, pag. 54.

Cinema

José Wilker em «Bye, bye Brasil»

● **A Amante do Tenente Francês**
de Karel Reisz
(GB — 1981)

O que mais importa neste filme é essa actriz imensa chamada Meryl Streep, rosto, corpo e voz para duas histórias de amor com destinos divergentes.

Cinemas ABCine — sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24 h) e S. Jorge 2 (14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h) (Não acons. men. 13 anos)

● **Reds**
de Warren Beatty
(USA — 1981)

Aqui a vedeta também é uma actriz: Diane Keaton. O resto funciona, mas o peso de uma produção enorme abafa, por certo, as necessárias velocidades.

Cinema S. Jorge 1 (13.45, 17.30 e 21.15 h) (Não acons. men. 13 anos)

● **A Pele**
de Liliana Cavani
(Itália — 1980)

Um actor que já fez mais de cem filmes assina aqui o seu melhor trabalho de sempre. Marcello Mastroianni é Malaparte.

A Pele é a história do Apocalipse de Nápoles, sob o 5.º Exército americano (em 1943). Agressiva e eficaz.

Cinema Condes (14 16.30, 19 e 21.30 h) (Não acons. men. 18 anos)

● **A Mulher do Lado**
de François Truffaut
(França — 1981)

Truffaut é um olhar. Sobre o amor, a paixão, a mulher, a vertigem. Cinco actores em viagem nas veredas da vida e do cinema. E Fanny Ardant a brilhar, com a aura funesta das coisas que se não ousam.

Cinema Londres (14, 16.30, 19 e 21.30 h) (Interdito a men. 13 anos)

● **Os Salteadores da Arca Perdida**
de Steven Spielberg
(USA — 1981)

Há quem garanta que **Os Salteadores da Arca Perdida** é o maior sucesso de público, desde sempre, em Portugal. Não custa acreditar.

Para além disso, é um filme onde a imaginação está no posto de comando, imparável.

Cinema Alfa 2 (13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h) (Não acons. men. 13 anos)

● **Pixote**
de Hector Babenco
(Brasil — 1980)

Um miúdo na teia da delinquência ou a fome, o medo, a violência no asfalto das metrópoles do Brasil. Discutível, mas eficaz.

Cinema Quarteto — sala 4 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h) (Interdito a men. 18 anos)

● **Bye Bye Brasil**
de Carlos Diegues
(Brasil — 1980)

O desencanto. De rés a través, um Brasil exangue onde todas as estradas vão dar a sítio nenhum. O fim da esperança.

Cinema Quarteto — sala 1 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h) (Não acons. men. 18 anos)

● **A Calúnia**
de Sydney Pollack
(USA — 1981)

Os factos não têm significados, as narrações, sim. Uma verdade comezinha. Uma verdade?

A Calúnia (mau título) é o regresso de Pollack ao seu melhor.

Cinema Quarteto — sala 3 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h) (Não acons. men. 13 anos)

● **Arthur, o Alegre Conquistador**
de Steve Gordon
(USA — 1981)

Não, nem John Gielgud dá argumentos bastantes para se gostar deste filme.

Cinema Terminal (11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h) (Não acons. men. 13 anos)

AS ESTRELAS

A Amante do Tenente Francês	★★★★
Reds	★★★
A Pele	★★★
A Mulher do Lado	★★★
Os Salteadores da Arca Perdida	★★★
Pixote	★★★
Bye Bye Brasil	★★★
A Calúnia	★★★
Arthur, o Alegre Conquistador	★

A «CHAVE»

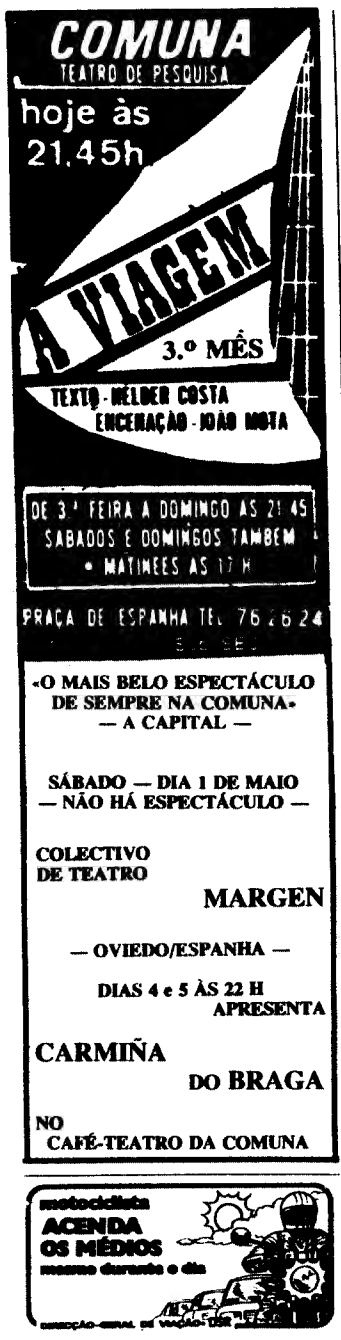
★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

A partir do dia 30 de Abril, os assinantes do Grupo de Redes de Santiago do Cacém, passam a ter acesso directo aos países da Europa com ligações internacionais automáticas.

Para obter a ligação basta marcar o **Indicativo Europeu 00, seguido do Indicativo do País, do Indicativo da Zona ou Localidade** e, finalmente, do número de telefone desejado.

Para informações mais detalhadas consulte o folheto «Santiago do Cacém-Europa».

CTT TELECOMUNICAÇÕES



Teatro

● **Espectáculo de R. Démarcy/T. Motta**

Embora quase às ocultas, estará no palco da Barraca em duas únicas sessões um espectáculo assinado pelos nomes de Richard Démarcy e Teresa Motta cuja última criação parisiense provocou aplausos unânimos da crítica e do público. O espectáculo agor apresentado em Lisboa tem por base um texto escrito por Démarcy a partir de um conto tradicional — «O Segredo» — e foi encenado pelo autor com a colaboração de Teresa Motta. A personagem solitária de «O Segredo» é interpretada por Vítor Esteves que tirou em Paris o curso do Centre d'Études Théâtrales e apresentou por grande parte da França este espectáculo, com o qual fez também uma larga digressão pela região de Viseu.

«O Segredo», espectáculo a não perder como é óbvio, será apresentado na Barraca, amanhã, sábado, pelas 15.30 e domingo pelas 11 da manhã.

Hoje ainda pode ver, também apresentado pela Companhia de Teatro de Viseu a encenação de Vítor Esteves da farsa «Mestre Pathelin».

ADÓQUE
● **«Tá Entregue à Bicharada»**
de F. Nicholson e G. Preto
A última revista do Adóque. Quem poderá deixar de ver? Indispensável.

COMUNA
● **«A Viagem»**
de Hélder Costa
Uma espantosa encenação de João Mota; um dos grandes espectáculos da Comuna. Indispensável.

MARIA VITÓRIA
● **«Não Há Nada P'ra Ninguém»**
de H. Santana, C. de Oliveira, R. Bracinha e A. Fraga
Um sucesso que se prolonga. Ivone, indispensável.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
● **«O Labirinto de Creta»**
de António José da Silva
Uma viagem pelo teatro; a alegria da criação; o prazer de ver. Indispensável.

TEATRO MARIA MATOS
● **«O Meu Rapaz é Rapariga»**
de Ron Clarck e Sam Bobrick
Bastante dispensável.

TEATRO DO NOSSO TEMPO
● **«É Proibido»**
pelo Grupo Treato
Às quintas, sextas e sábados.

TEATRO SÃO LUIZ
● **«As Mulheres Também Perderam a Guerra»**
de Curzio Malaparte
pelo Teatro de Todos os Tempos
Não.

VILLARET
● **«Blues Jeans»**
de Zeno Wilde e W. Bragança
Bastante dispensável.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Rogério Paulo em **«Verde por fora, vermelho por dentro»**

PAULO, ROGÉRIO — **actor**

Rogério Gomes Lopes Ferreira, de seu nome verdadeiro, nasceu a 17 de Novembro de 1927 em Silva Porto (Angola). Vem muito novo para Portugal onde cursa o liceu e, depois, a Faculdade de Medicina de Lisboa.

Abandona a universidade durante o terceiro ano de curso para se dedicar ao teatro. Primeiro como amador, no Teatro-Estúdio do Salitre onde, em 1948, se estreia em «O rei veado» de Carlo Gozzi, depois profissionalmente, em 1950, na Companhia Alves da Cunha, onde faz «O doutor juiz» de Roger Ferdinand (enc. Alves da Cunha).

Ainda em 1950 faz a sua primeira encenação, no grupo amador da Guilherme Cossoul («O pote de barro» de Pirandello).

A carreira de Rogério Paulo como actor é enorme. Trabalhou praticamente em todos os teatros portugueses sendo de destacar, entre inúmeras peças, os seus trabalhos em «Alguém terá de morrer» de Luís Francisco Rebello, no Teatro Nacional D. Maria II, em 1957 (enc. Amélia Rey Colaço); «Humilhados e ofendidos» de Dostoievsky/André Charpak no Teatro Moderno de Lisboa, em 1962; «Tango» de Mrozek, no Nacional, em 1968; «Morte de um caixeiro viajante» de Arthur Miller no Teatro Maria Matos, em 1974.

Como encenador, também Rogério Paulo tem uma vasta actividade. Tendo-a iniciado, curiosamente, no estrangeiro (ao encenar, em 1960, «O gebo e a sombra» de Raul Brandão, em versão flamenga, no Nederlands Kamertonnel de Antuérpia,) só em 1962 dirigia em Portugal («O tinteiro» de Carlos Muñiz para o Teatro

Rogério Paulo (ao centro) em **«Recompensa»**

Moderno de Lisboa). Como encenador é de destacar o seu trabalho em «As raposas» de Lillian Hellman (no Teatro Villaret, 1967), «A traição do padre Martinho» de Bernardo Santareno (na Companhia Rafael de Oliveira, 1974), «Português, escritor, 45 anos de idade» de B. Santareno (no Teatro Maria Matos, 1974), «O Judeu» de B. Santareno (no Teatro Nacional, 1981).

Quer como actor quer como encenador, diversas vezes Rogério Paulo trabalhou no estrangeiro. Em França, Cuba, Suíça, Bélgica, foram várias as suas estadas prolongadas e trabalhos. Em França tira o curso superior da Universidade do Teatro das Nações (1962), lecciona na mesma Universidade (1963), encena «O juiz da Beira» de Gil Vicente no Teatro Plaisance de Paris (1963). Em Cuba, lecciona na Universidade de Havana (1972/73), encena «A traição do padre Martinho» no Teatro Rita Montaner de Havana (1970) e «La risible y trágica ascención de Ruben Acibar» de Kuchilán e Macías, no Teatro Bertold Brecht de Havana (1973), interpreta, na TV, «Come back little Sheba» de Inge (1970) e «Otelo» de Shakespeare (1972). Na Bélgica, para além da referida encenação de «O gebo e a sombra», encena para TV, «As barcas» de Gil Vicente (1967) e interpreta Marco António no «Júlio César» de Shakespeare no «Theatre Royal du Parc de Bruxelas (1967). Na Suíça, em 1978, encena a versão francesa de «O gebo e a sombra» e interpreta «Vista da ponte» de Miller, no teatro Les Trois Coups de Lausanne.

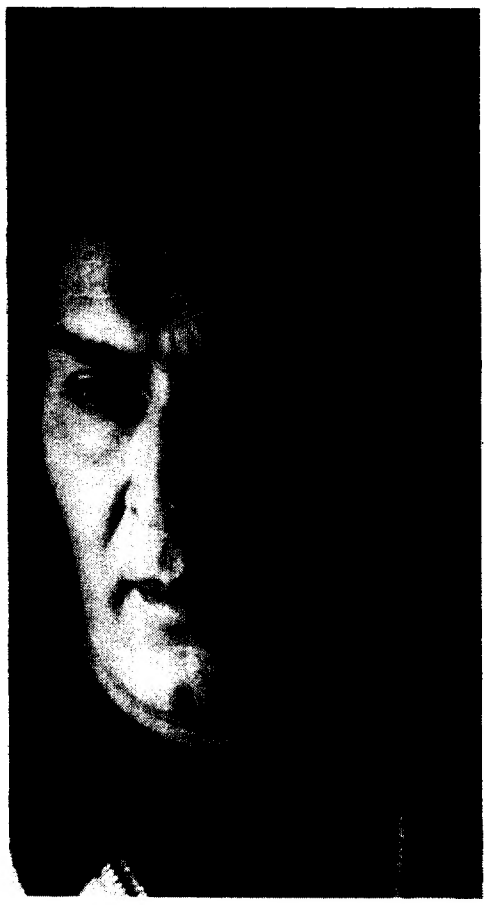
Para além da televisão, da rádio e do cinema onde, embora com menor importância que no teatro, Rogério Paulo também trabalhou, outras actividades de carácter cultural e político merecem referência. Destaque-se que foi membro do júri do Prémio Literário da Casa das Américas de Havana (Cuba) em 1972 e 1975, esteve na organização e direcção dos I e II Festivais Internacionais de Teatro de Lisboa em 1964 e 1965, foi delegado do Centro Português do Instituto Internacional de Teatro aos 10.º Congresso (Varsóvia - 1963) e 18.º (Bulgária - 1979), foi candidato a deputado pela Oposição Democrática (1957) e deputado pelo PCP à Assembleia Constituinte (1975/76).

Tem colaboração sobre teatro dispersa em vários jornais e revistas («Seara Nova», «Vértice», «Bandarra», «Diário Popular», «Jornal de Letras e Artes», «Conjunto», de Havana), traduziu, prefaciou e escreveu a resenha do teatro português de «História do Teatro Europeu» de Boiadziev, Dzivelegou e Ignatov, ed. Prelo Editora, 1960. Publicou os livros «Introdução ao teatro cubano», ed. Seara Nova, 1971, «Um actor em viagem», ed. Seara Nova, 1972, «E as portas foram abertas aos bandidos», ed. Forum, 1981.

FILMOGRAFIA: A garça e a serpente de Arthur Duarte (1951); **O Costa de África** de João Mendes (1953); **Encontro com a vida** de A. Duarte (1960); **O crime da Aldeia Velha** de Manuel Guimarães (1964); **O triângulo circular** de Pierre Kast (1964); **Forbiden fruit** de Thor Brooks (1964); **Recompensa** de A. Duarte (1976/77); **Le soleil en face** de P. Kast (1978-/79); **Verde por fora vermelho por dentro** de Ricardo Costa (1978/79); **O convidado debaixo da mesa** MM de João Roque (1979); **Retalhos da vida de um médico,** série TV de Artur Ramos e Jaime Silva (1979/80); **L'odyssée de Monsanto** de P. Kast (1981); **Le cercle des passions** de Claude d'Anna (1982); **Sem sombra de pecado** de José Fonseca e Costa (1982).

Este actor de primeiro plano no teatro português não tem semelhante relevância no cinema.

Como protagonista quase só há filmes desastrosos a assinalar. Como secundário há algumas coisas interessantes mas sem grande importância. O seu melhor trabalho parece ser no filme de Kast, **O triângulo circular.** Este destino avaro no campo do cinema é algo que é comum à maioria dos actores da geração de Rogério Paulo, algo que tem, talvez, a ver com a ruptura que o «cinema novo» fez com certas tradições de representação. Para o bem e para o mal.



Rogério Paulo

ROMANCE DO LUACHIMO(O)
— longametragem
— 35 mm/cor

Realização: Baptista Rosa. **Texto:** Júlio Vilhena (**dito por** Rui de Carvalho e Carlos Cruz). **Fotografia:** Aquilino Mendes. **Música:** Hermínio do Nascimento e, ainda, música folclórica da Lunda por elementos dos povos Quioco, Bena — N'Sapo e Baluba e canções da Metrópole pelo Órfeão de Trabalhadores da Diamang. **Direcção musical:** Silva Pereira. **Montagem:** Baptista Rosa. **Som:** Serviço de Telecomunicações e Missão de Recolha do Folclore Nativo do Museu do Dundo da Diamang (**captação**); Alexandre Gonçalves, Heliodoro Pires e Luís Barão (**sonoplastia e misturas musicais**). **Produção:** Serviços Culturais da Companhia de Diamantes de Angola — Diamang. **Distribuição em Portugal:** Internacional Filmes. **Duração:** 140 minutos. **Rodagem:** 1968. **Estreia:** 23 de Abril de 1969 («Palácio Foz», Lisboa).

De tiradas sobre a «portuguessíssima Angola», sobre a construção de um Portugal maior por brancos e negros, se faz o húmus ideológico deste filme.

Mas **O Romance do Luachimo** é sobretudo obra de encomenda e propaganda da Diamang e, assim, o seu tema concentra-se na descrição minuciosa dessa enorme empresa de exploração diamantífera em Angola. Da extracção de diamantes aos serviços de aprovisionamento, das oficinas às casas e ruas do Dundo, da criação de gado às explorações agrícolas, o filme anda, pachorrento, sem concisão nem qualquer ideia de economia narrativa, naquilo que mais parece um chatíssimo catálogo da Diamang que um filme. Temperado por alguns arroubos etnográficos, **O Romance do Luachimo não chega a ser uma eficaz película de propaganda. É apenas monótono e maçador.**

Na sua minúcia algo se destila, involuntariamente, porém: a constatação do Estado que a Diamang era no seio de Angola.

Com o piso molhado aumente a distância em relação ao veículo da frente.
circular e viver.
2RODAS
2vezes mais atenção!

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infantaria 16, 55-C – 1300 LISBOA

INATEL

TURISMO SOCIAL

Informa da realização das seguintes excursões:

MAIO (especiais)

CENTROS DO NORTE — 8 a 14 — 7 dias ..... 5480$00
RONDA PELOS CENTROS — 8 a 14 — 7 dias ..... 5520$00
3 CENTROS — 15 a 20 — 6 dias ..... 4480$00

VALE DO VOUGA (S. Pedro do Sul) — 22 e 23 .... 2100$00
N.º 65 — TRÁS-OS-MONTES (Barragens) — 22 a 24 5500$00
N.º 68 — MARES DO SUL (Algarve) — 29 a 30 .... 3250$00

JUNHO

N.º 72 — PRAIAS DO ATLÂNTICO — dia 6 ..... 500$00
N.º 74 — CENTRO DE PORTUGAL — 10 a 13 .... 6450$00

Informações e reservas — Calçada de Sant'Ana, 180 — LISBOA
Telefone 53 88 71 — Telex 1 26 69 — Relax P

FILMES CASTELLO LOPES

e o cinema

nimas

orgulham-se de apresentar
o mais galardoado filme do ano.

VENCEDOR DE 4 ÓSCARES
ACADEMIA DE ARTES E CIÊNCIAS DE HOLLYWOOD
MELHOR FILME
MELHOR ARGUMENTO ORIGINAL
MELHOR ADERECISTA
MELHOR PARTITURA MUSICAL

MOMENTOS DE GLÓRIA

(CHARIOTS OF FIRE)

GLOBO DE OURO DE HOLLYWOOD - O MELHOR FILME DO ANO
ACADEMIA BRITÂNICA DO FILME
MELHOR FILME - MELHOR ACTOR SECUNDÁRIO - MELHOR ADERECISTA
FESTIVAL DE CANNES 1981 - MELHOR ACTOR SECUNDÁRIO
PRÉMIO DA CRÍTICA AMERICANA - MELHOR FILME
FESTIVAL DE TORONTO - MELHOR FILME
PRÉMIO DA CRÍTICA BRITÂNICA - MELHOR FILME - MELHOR ARGUMENTO

BEN CROSS · IAN CHARLESON · NIGEL HAVERS · CHERYL CAMPBELL · ALICE KRIGE · LINDSAY ANDERSON
DENNIS CHRISTOPHER · NIGEL DAVENPORT · BRAD DAVIS · PETER EGAN · S... JOHN GIELGUD · IAN HOLM

Prod. DAVID PUTTNAM Realização de HUGH HUDSON Argum. COLIN WELLAND
Mus. VANGELIS Prod. Executivo DODI FAYED

Não aconselhável a menores de 13 anos — Colorido

HOJE, às 21.30 - ANTE-ESTREIA PRIVADA
DIA 2, AO PÚBLICO, NAS SESSÕES NORMAIS

BANDA SONORA DO FILME EM DISCO POLYGRAM

Os quadradinhos da violência e do apuro formal

BD japonesa, que sabemos dela? Até há uma dezena de anos, nada. Ainda hoje, o que nos chega de tais latitudes não permite mais do que uma leitura precária e, obviamente, fragmentária.

No entanto, considerando estas limitações de peso, é possível uma primeira aproximação, embora correndo o risco de uma certa desactualização.

Em 1972, a revista «Phénix» publicou um texto de Claude Moliterni, baseado numa série de documentação que hoje perdeu actualidade. E, em matérias como a banda desenhada, dez anos «envelhecem» consideravelmente uma área de criação que se caracteriza sobretudo pela celeridade e pela inovação formais.

Primeira constatação relativamente segura de Moliterni: a extrema violência que as bandas desenhadas destinadas a jovens e adultos apresentam. Golpes de sabres, cabeças cortadas, ventres abertos, ilustram esta realidade.

Os rostos dos personagens, por seu turno, pouco ou nada conservam da anatomia oriental. Pelo contrário, apresentam «enormes olhos redondos à ocidental».

Mas, no entender daquele especialista, a grande inovação da BD japonesa reside na estrutura narrativa.

Influenciados pelos «comic-books» americanos, os desenhadores utilizam admiravelmente a ciência da «découpage», conferindo um ritmo invulgar às suas séries.

Outra área em que os criadores orientais revelam os seus dotes, é na utilização do preto e branco, como pode ser comprovado pelas reproduções que apresentamos.

Do ponto de vista temático, há para todos os gostos, como convém a uma sociedade altamente industrializada e apostada na senda do mais vertiginoso consumismo.

«Golgo Thirteen», de Takao Saito, é uma história de espionagem onde «a aventura e a acção tem um lugar importante».

As aventuras de Sabu e Ichi, desenhadas por Shotaro Ishimiri, descrevem a vida quotidiana na Idade Média, com exactidão de pormenores e escrupulosamente elaborada.

A «nova vaga» da BD japonesa encontra igualmente os seus defensores (e, pelos vistos, um público consumidor numeroso). Moliterni cita os casos de «John and Yoko», desenhada por Kazuo Vemura. O autor, ao mesmo tempo que trata problemas actuais da juventude, utiliza admiravelmente a técnica narrativa.

«Black Salesman», de Fujio Fujiko, é uma banda desenhada cómica de acentuado humor negro.

«A vanguarda na BD japonesa está representada por Maki Sasa Sasaki, com «To the moon», sem qualquer sentido, e que não é mais do que uma justaposição de imagens. Muito apreciada pelo público estudantil», sublinha Moliterni.

O delírio à Don Martin está também presente. Trata-se de Ryuzan Aki, que na altura colaborava no «Manga Sunday».

Delinquência juvenil, os «judokas», o quotidiano, são outros temas desenvolvidos nos quadradinhos nipónicos.

No que se refere à imprensa, praticamente todos os jornais publicam quadradinhos, acompanhando uma tendência generalizada da imprensa de todo o mundo.

Estamos em 1982. Muito mudou. Provavelmente, alguns destes autores, muitas destas séries deixaram já de se publicar. Entretanto, outros autores terão surgido.

Algumas das tendências citadas por Moliterni, no entanto, continuarão a ser desenvolvidas e, porventura, aprofundadas.

Mas os exemplos citados permitem concluir que a BD japonesa existe e está florescente. Ficamos à espera de mais notícias e informações.

Carlos Pessoa

TEATRO DA NOVA

HOJE 21.30

REI RAMIRO

Av. Berna, 24
Tel. 730164
(Ant. Trem-Auto)

Vale mais do que a pena («DL»)
SUBSEC

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

11.º JUÍZO CÍVEL ANUNCIO 2.ª Publicação

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação deste citando os réus para no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob a pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, no extracto, é o seguinte: pagar à Autora a quantia de 42 047580, produto de fornecimentos feitos e de juros sobre o preço, bem como ainda dos juros vincendos e demais custas, selos e procuradoria condigna. Conforme melhor consta do duplicado da petição que se encontra à ordem da citanda na secretaria deste Juízo.

Acção Sumária n.º 1577, 1.ª secção.

Autor: MACORELI — Materiais de Construção e Revestimentos, SARL.

Réu a citar: SEPROL — SOCIEDADE DE ESTUDOS, PROJECTOS E OBRAS, LDA., com última sede conhecida na Av. de Roma, 86-1.º Esq.º, em Lisboa.

Lisboa, em 2 de Abril de 1982.

O Juiz de Direito — Fernando José Pinto Monteiro.

Pel'O Escrivão de Direito — António Silva Ribeiro.